

NO TEXTO:



Os Trapesistas da Esplanada do Castelo

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

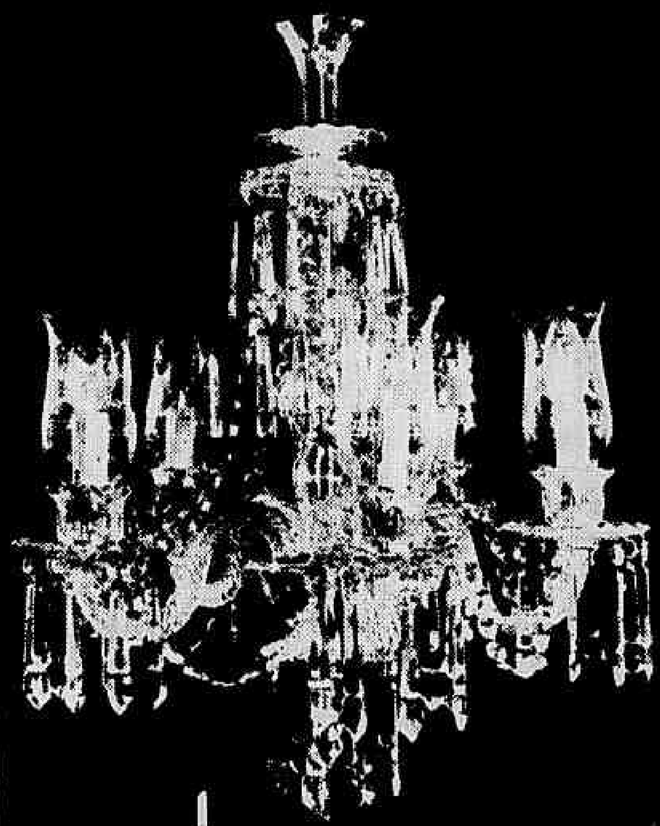
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

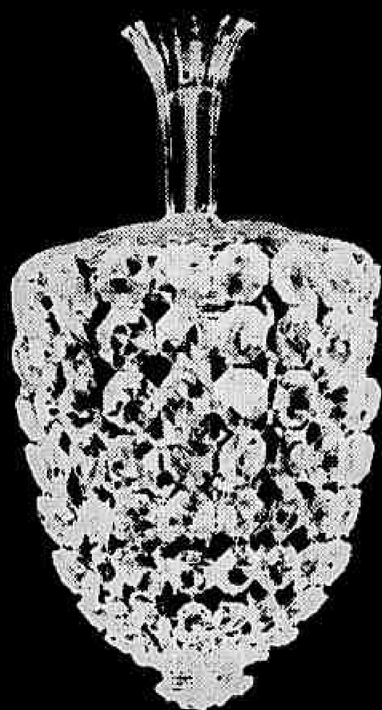
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

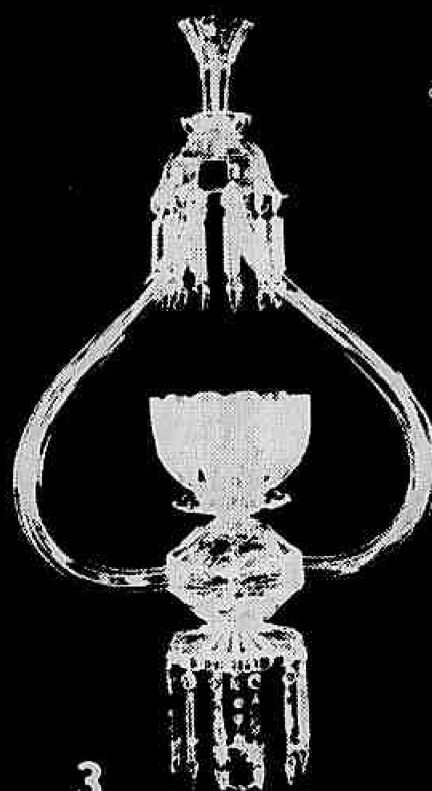
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

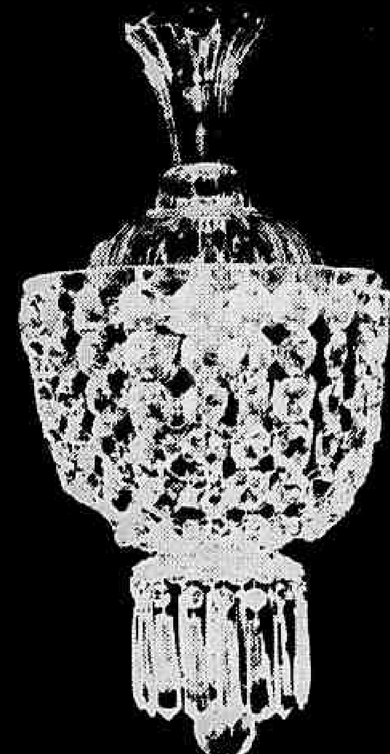
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

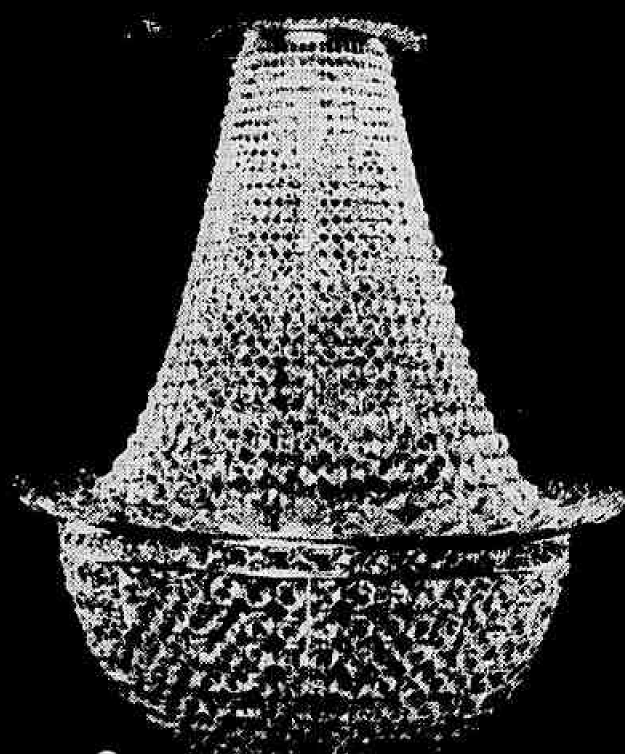

1


2

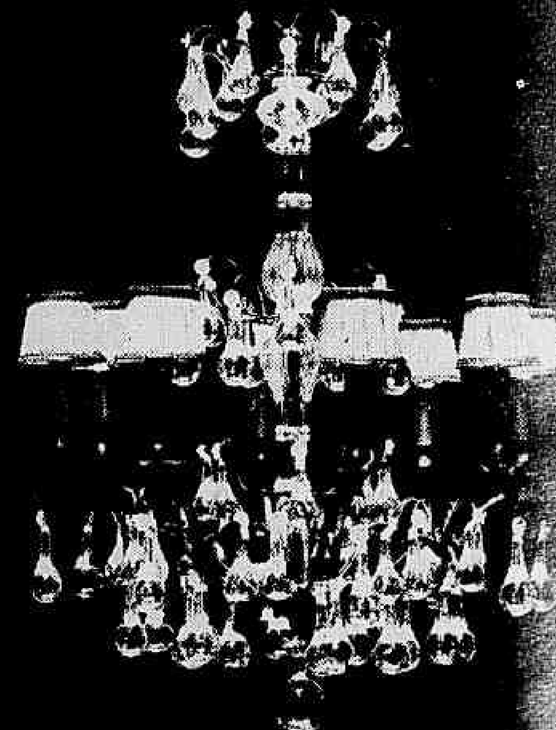

3

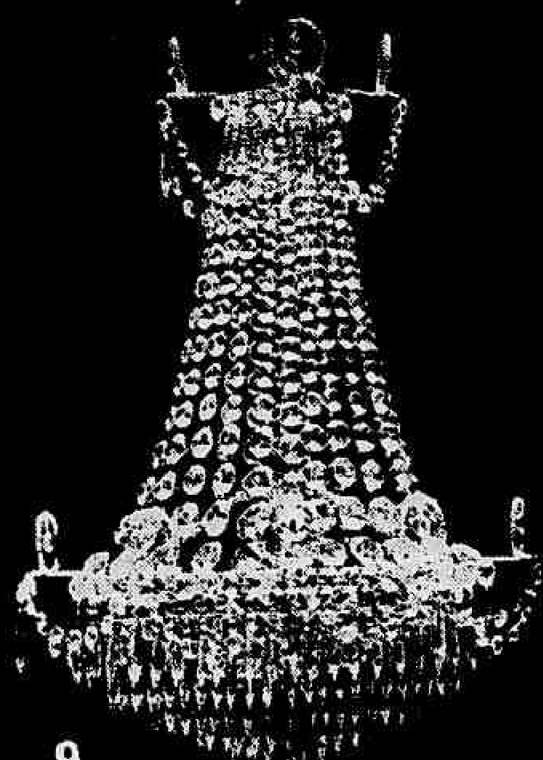

4

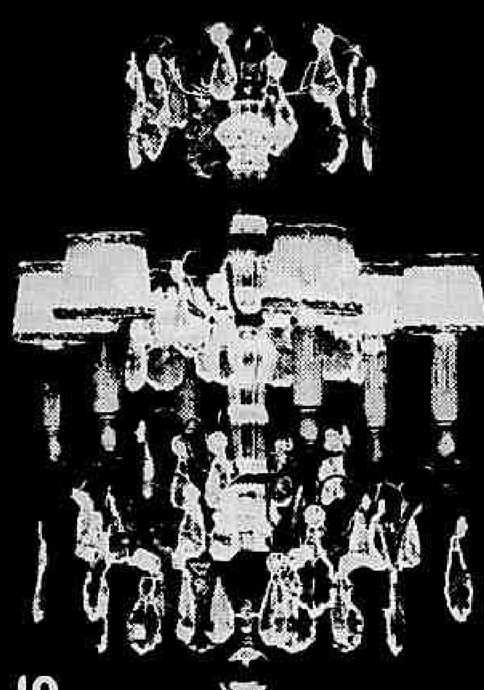

5

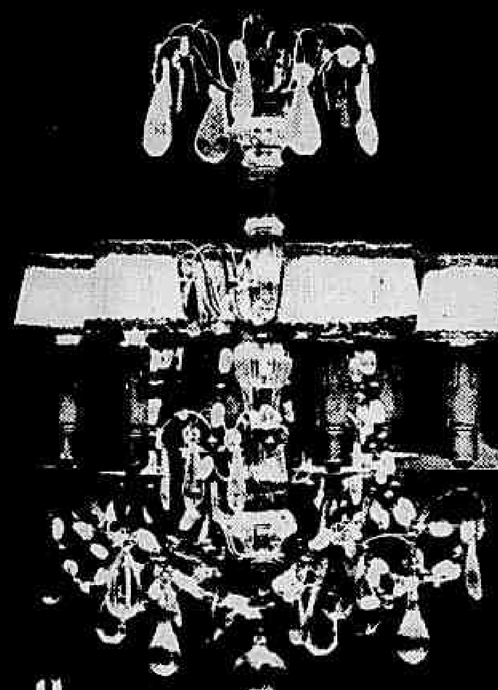

6


7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSICÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

NESTE NÚMERO:

REPORTAGENS

A catástrofe do UM-12 .... 4/7 e 48/49
Manuel Barcelos em lua-de-mel (Abdias Rodrigues) 11/13
Na vida de quem não vê (G. Belo) 18/21
Os trapezistas da Esplanada do Castelo (Vinicius Lima e Jorge Lyra) 24/29
A guerra que uniu dois povos (Ray Ronald) 31/33

ATUALIDADE

Justa homenagem a Herbert Moses 34

LITERATURA

Itararé-Mirim (Fernando Mendonça) 3
Chove no Mar, (Gastão de Alencar) 17
O professor Demóstenes (João Zamaria) 23
Maria Bashkirtseff (Lyse) ... 36
Semana Literária (Edmundo Lys) 40/41
Crônicas do Pulador (Thereza de Almeida) 50

SEÇÕES PERMANENTES

Puxe pelo Cérebro 9
Semana em Revista 10
Personagem da Semana 10
Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 30
Palavras-Cruzadas 43
Tudo isto aconteceu 46/47

HUMORISMO

Casa de Orates (Théo) 8
Nem cara... Nem coroa (Nicodemus) .... 16 e 30
Êste mundo e o outro (Darcy) 22

FEMININAS

"Tailleurs" 35
Estampados 36
Jovens 37
Week-End na Cozinha 38/39

FOLHETIM

Lúcia, a Amorosa 45

FOTOS

Abdias Rodrigues — Jorge Lyra — Dino Gonçalves — Vinícius Lima — IPA — Avulsas.

ILUSTRADORES

Zaluar — Armando Pacheco — Rafael — Alberto Lima.

★

NA CAPA:

Piper Laurie

(Foto Universal-International)

Itararé-Mirim

O Recife, que é, por natureza, uma cidade tropicalmente alegre, coberta por um céu tão azul que dói na vista e enlaça por um rio contador de histórias muito bonitas, como aquela de Frei Caneca, dizendo para o povo antes de ser arcabuzado, que "o patriota não morre — vive além da eternidade — sua glória, seu renome — são troféus da humanidade", naqueles dias imediatos à vitória da revolução de 1930, era uma praça deserta e assustada...

A Rua do Imperador, onde fica o "Café Lafaiete", uma das melhores tradições da heróica terra, tão de perto ligado aos feitos cívicos e libertários da gente pernambucana, onde se conversa política e se manipulam boatos, falava baixo e se entreolhava desconfiada. Aqui e ali, os grupos dispersos, dos que não aguentam a tranquilidade pachorrenta do lar, preferindo o risco das excursões temerárias, nessas horas perigosas, em que as cinzas da coivara ainda estão mornas e ocultam braseiros aterradores. Enfim, a calmaria pressaga, o silêncio vulcânico, as horas angustiantes dos comandos nas praias desertas e fortificadas. O escape livre de um automóvel, um foguete vagabundo, um grito inopinado, seria, talvez o pânico, a confusão, a desordem, como o estalo de um galho sêco cria o estouro da boiada, que de tranquila e resignada, se toma de fúria incoercível e arrasadora.

Washington Luís ainda era Presidente da República, enquanto o Campo das Princesas era ocupado por um time de amadores, cheio de idealismo, pletórico de fôrça-de-vontade, ansioso por varrer o profissionalismo bastardo e corruptor, sob as ordens de um "captain" que fizera do amor às suas côres uma superstição. Alguns idiotas ostentavam distintivos vermelhos, na lapela, no pescoço, na cintura, conquanto na vespera perseguissem os sonhadores e os classificassem de masorqueiros. Outros, despercebidos de que a sua hora transitara, a hora do corpo a corpo, davam-se ao desporto de caçar adversários inermes ou apontados às novas autoridades. Olhem aquêle que ali vai, desproporcionado, antidiluviano, grandalhão, como que atacado de gigantismo, vermelho, gordo e por desgraça falando fino. Faz parte de congregações religiosas, cumpre os deveres rituais de sua fé, acompanha procissões cantando hinos. Pois bem, já está contrariado, porque a revolução não fuzilou em massa, não armou cadafalsos, não ergueu fogueiras, não organizou batalhões homicidas, não ordenou expedições punitivas. Êsse é o falso revolucionário, que faz as revoluções com o fim de extravasar recalques inferiores, matando pelo gôsto de matar, diferente dos outros, que atiram de olhos fechados e o pensamento voltado para a santidade da causa.

Eis o Recife, a cidade tropicalmente alegre, das manhãs equatoriais e dos ocasos soberbos, nessas horas imediatas ao fim de um golpe d'armas, inquieta, nervosa, desconfiada e vivendo o drama da sobrevivência ao caos. De repente, circula como uma ventania mensageira de borrascas, a notícia que todos pressentiam no subterrâneo do consciente. Algo de anormal está para acontecer. Em horas, a cidade será invadida por marinheiros do "Minas", que navegava à tôda fôrça, sob o comando geral do General Santa Cruz, cuja missão é restabelecer a legalidade, subvertida por um trôço de doidivanas sediciosas.

À semelhança do fenômeno das marés, que fluem e que refluem, o número de pioneiros, líderes ou "autênticos", diminui espantosamente, encolhe, retrai-se como um elástico partido, e volta às suas dimensões originárias, minguada, reduzida, insignificante, mas em compensação, honesta. Ninguém quer ser mais revolucionário. Todo mundo é legalista. O "Campo das Princesas" fica deserto de intrusos e oportunistas, que lhe enchiam os corredores de pernas, fruindo o benefício dos chamados "mestres de obra feita" e já minando de intrigas miseráveis os alicerces da causa.

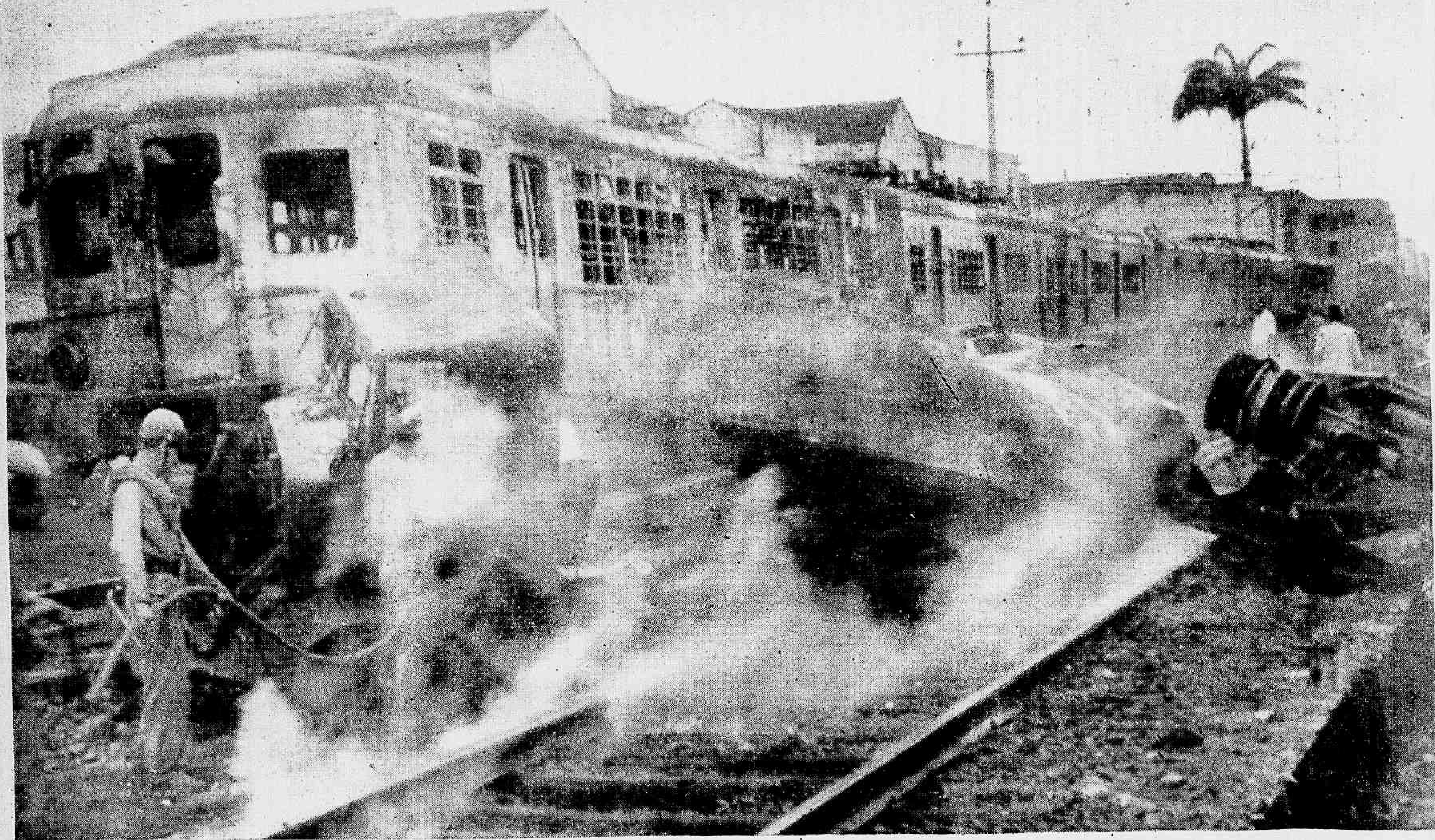
Só o povo não mudou. Digo mal. O povo mudou. Mudou para crescer, agigantar-se naquelas proporções épicas com que seguiu até à Bastilha. Lembro-me como se fôra hoje, 23 de abril de 1951. Achava-me nas oficinas gráficas da Casa de Detenção revendo a prova de uma proclamação expedida pelo Govêrno Provisório, na qual se procurava tranquilizar a população contra boatos insidiosos como aquêle de que o "Minas Gerais" vinha desembarcar tropas sob o comando do General Santa Cruz nas praias do Recife. Junto a mim, o portador da proclamação, Antônio Lumack do Monte. Súbito, as sirenes das fábricas, os sinos das igrejas, as buzinas dos automóveis, invadem o ar numa arrancada estrepitosa, confirmando a veracidade da notícia.

Aonde vão aquêles automóveis em louca disparada, aquêles caminhões cheios de tropas, aquela multidão aos gritos, aos berros, aos uivos, homens e mulheres, armados de picaretas, pás, enxadas, chuços e cacêtes, sabe-se depois, que é reagir aos canhonaços do General Santa Cruz, transformado em Almirante, num passe de mágica. Nessa altura, já me achava nas imediações da Praça Joaquim Nabuco, quando passava Teles Júnior, o gravador da imprensa do Recife, que naquele tempo não dispunha de aparelhagem própria, e me leva à então Chefatura de Polícia. Lá, expedindo as últimas ordens, encontro Adolfo Ciríaco da Cruz Ribeiro, juiz de Direito e Chefe de Polícia da Revolução. Lembro-me, nitidamente, da firmeza daquele bom e digno velhinho, que estava senhor de si e não exibia fanfarronices cabotinas. Ao seu lado, Vicente Lima, cheio de mocidade e ainda mais cheio de idealismo outubrista, sobraçando um fuzil, com um carinho que me atordoou. Tudo pronto, ouvi o velho Ciríaco dizer para o motorista: "À Boa-Viagem". E largamos à tôda fôrça.

Em Boa-Viagem encontramos o que era de esperar. Metralhadoras armadas, soldados em posição de combate, oficiais em conferência. O comandante da tropa, oficial de estatura acima de mediana, ia e vinha, até que, por medida de prudência mandara fazer "um segundo reconhecimento". Estávamos, pois, na iminência de uma verdadeira batalha. Eis que ao longe ouve-se o ruído de uma motocicleta que vinha vindo atropelada e vertiginosamente. Antecipando-se às perguntas do comandante, o inferior foi logo dizendo que "tudo fôra um fiasco". As tropas invasoras e o encouraçado não passavam de humildes pescadores que regressavam de alto-mar nas suas jangadas andejas. Estava terminada a luta. Entre mortos e feridos escaparam todos. Os heróis perderam as estátuas e as louvaminhas cívicas. Mas a verdade é que ainda hoje se fala na "batalha de Boa-Viagem" como se ela tivesse acontecido mesmo. De minha parte, guardo a lembrança da água de côco mais saborosa que jamais bebi em tôda a minha vida de homem que não gosta de barulho... E que barulho...

FERNANDO MENDONÇA





A VIOLÊNCIA do fogo fêz que se fundissem os vidros dêsse carro do trem-elétrico, justamente o último, onde o número de vítimas foi maior. Aspecto obtido quando ainda fumegavam os escombros, mostrando um bombeiro que vasculha os destroços amontoados, e ao lado, parte do caminhão-tanque provocador do maior desastre já verificado na E.F. Central do Brasil.

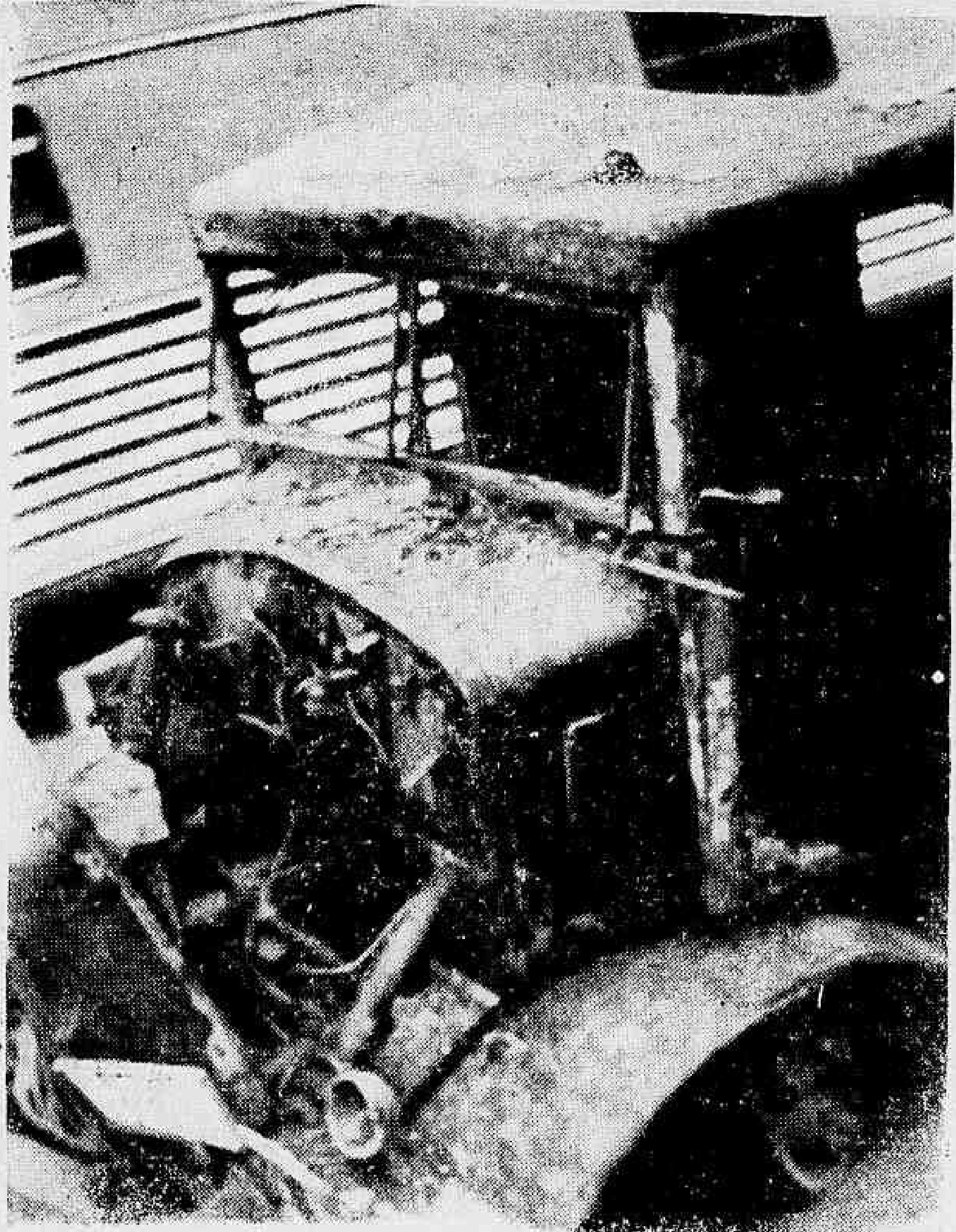
A CATÁSTROFE DO UM--12

DEZ MIL LITROS DE GASOLINA EM COMBUSTÃO, MAIS DE CINQÜENTA MORTOS E DEZENAS DE FERIDOS ★ CORPOS TORRADOS ★ PILHAS DE DESPOJOS HUMANOS CARBONIZADOS ★ VISÃO QUE A REPORTAGEM NÃO ESQUECERÁ NUNCA ★ O MAIOR DESASTRE DE TODOS OS TEMPOS NA CENTRAL DO BRASIL ★ CHOQUE, EXPLOSÃO, LUTO — E O MISTÉRIO DO CAMINHÃO-TANQUE PARADO NA VIA FÉRREA

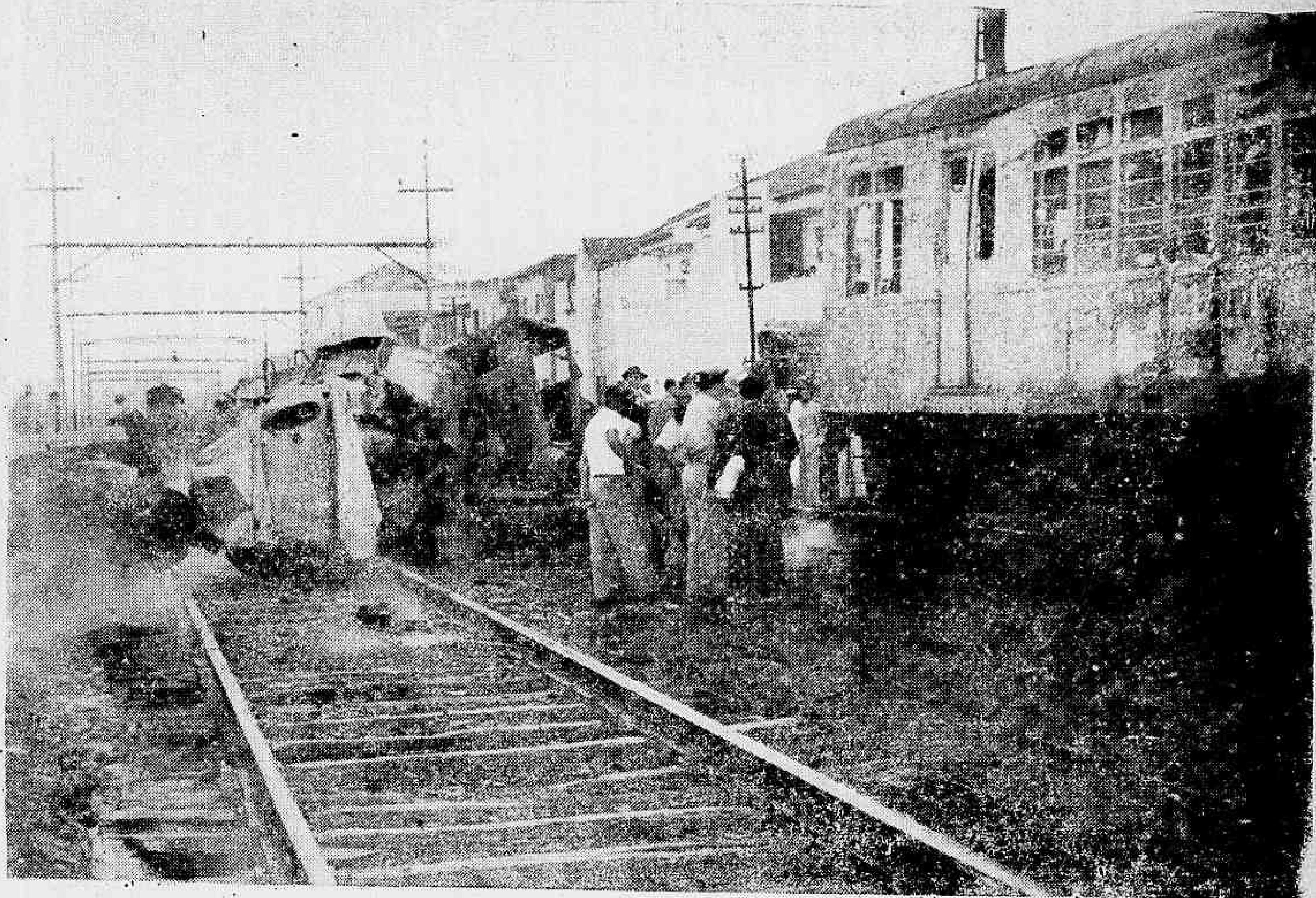
FOI eminentemente trágica a madrugada de 7 do mês corrente, quando uma catástrofe, inédita em seus pormenores, cobriu de luto dezenas de lares e privou de seu convívio no seio das famílias, a mais de cinqüenta laboriosos homens. Um extenso manto de viuvez e orfandade se estendeu por tôda a cidade nessa ocasião. Pouco passava das quatro da madrugada quando uma composição elétrica da Central do Brasil surgiu na passagem de nível, que se antepõe à estação de Nova Iguaçu, Estado do Rio. Era uma composição repleta de passageiros, de gente humilde e trabalhadora, na maioria moradores de Austin e Queimados, rumo à cidade, para dar conta de seus afazeres diários. Vinha o trem repleto, debaixo de chuva, porque a madrugada era de temporal — quando, sùbitamente, um estrondo se fêz ouvir e o fragor das ferragens repercutiu. Sem demora, sem dar tempo a que os passageiros tomassem conhecimento do que ocorria, chamas violentas envolviam a composição e formavam um lago de óleo inflamado, lambendo a tudo e a todos no seu raio de ação. O combustível — segundo uns, nove mil; segundo outros, quatorze mil litros de gasolina — explodindo de um caminhão-tanque, estendia-se por todos os carros. Sôbre a linha férrea, o caminhão que por infelicidade sofrera um desarranjo, fôra alcançado pela composição, em velocidade normal. E os poucos que assistiram a êsse indescritível espetáculo, ao voltarem a si do espanto, disseram mais tarde o que se passou. Foram episódios trágicos, dos mais lúgubres que olhos humanos algum dia presenciaram. Durante quase hora e meia, as labaredas crepitaram, impedindo que qualquer socorro fôsse prestado às vítimas, pois diante da sua violência ninguém poderia aproximar-se. Cadáveres carbonizados, a descoberto, cheios de chagas, impossíveis de serem reconhecidos, eram mais tarde também recolhidos por mãos piedosas, estendidos no leito da linha. Mas o que realmente



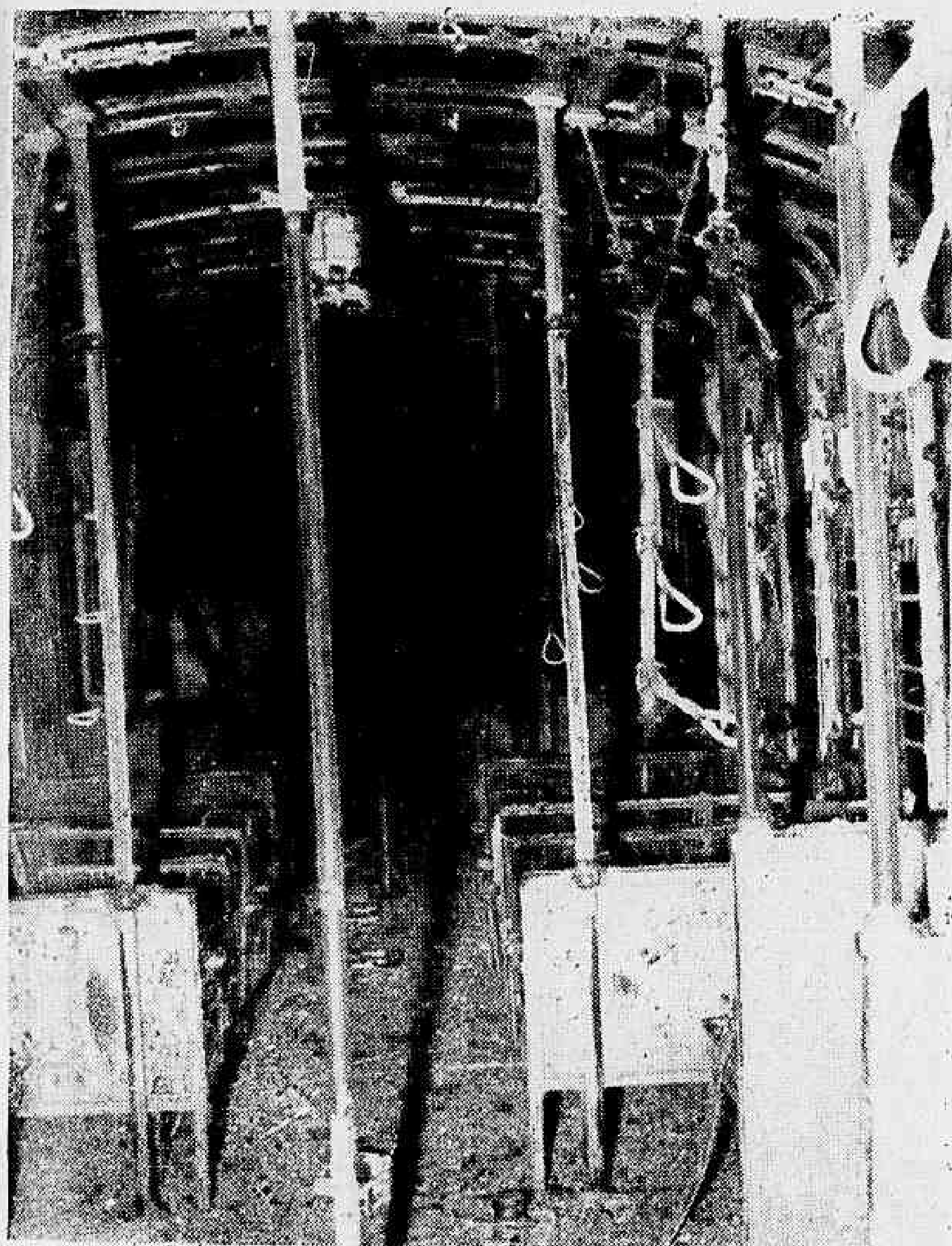
Depois da catástrofe, ainda por muitas horas, um cordão de isolamento foi mantido para impedir que os populares se avizinhassem do local, dificultando os trabalhos de desobstrução das linhas. Assim mesmo, principalmente as crianças, por ali se aglomeravam, embora sob a vigilância dos guardas. Já então os mortos e feridos haviam sido retirados pelas autoridades.



A QUE ficou reduzida a parte dianteira do caminhão-tanque.



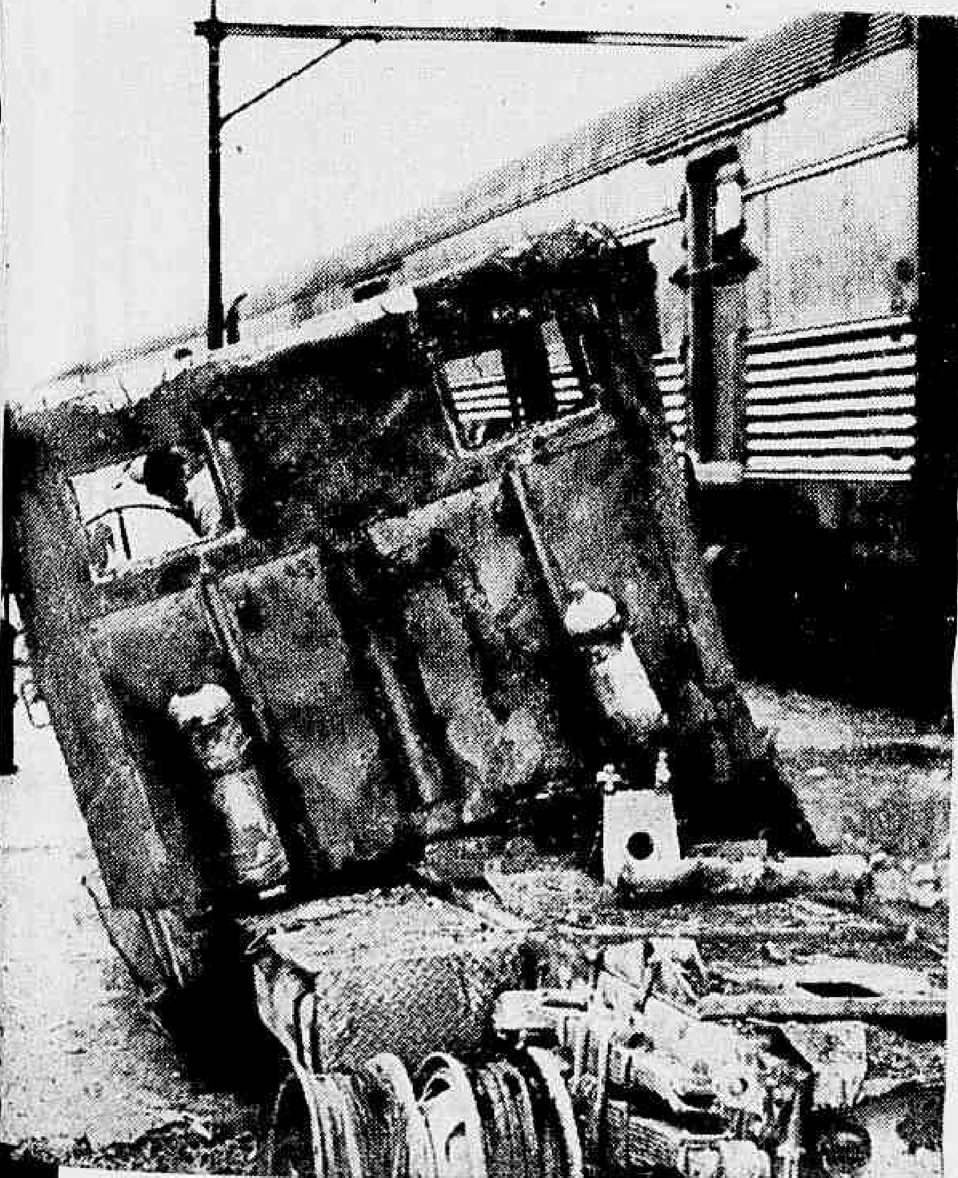
NO ALTO, foto batida pouco depois do sinistro, vendo-se ainda o caminhão tanque no local onde foi abalroado. Em baixo,



Interior de um dos carros do elétrico. Em baixo, aspecto do caminhão, mostrando os extintores que não foram utilizados.



Outro detalhe do último carro elétrico, o mais afetado pelo fogo, mostrando a posição do caminhão. Em baixo, bombeiros, policiais e populares aproximam-se, logo que o fogo abrandou, pois enquanto lavrava impetuoso, não foi possível.







FERIDOS, DEPOIS de medicados, procuram esquecer a visão daquele espetáculo macabro. Foi uma catástrofe sem precedentes na história dos desastres ferroviários do país, essa que os vitimou. Lances dolorosos verificaram-se dentro e fora dos carros elétricos, no leito da via férrea tôda em fogo, enquanto gritos de estertor e de agonia, repletos de horror, de desgra-



ÊSTE OPERÁRIO sofreu a perda dos tendões na mão direita para salvar pessoas da família. Mas ainda se julga feliz!



A EXTREMA-UNÇÃO era prestada aos agonizantes, aos que não resistiram aos ferimentos ou queimaduras recebidos.

se recolhia eram fragmentos de corpos, enquanto os feridos gemiam em desespêro, sofrendo as mais terríveis dores. A chuva continuava caindo, enquanto o dia ia clareando aos poucos. Mais de meia centena de cadáveres estavam recolhidos quando as ambulâncias compareceram, e os bombeiros, soldados de polícia e populares, deram conta da sua triste missão. Nos hospitais, outros tantos passageiros vitimados, sofriam as agonias de ferimentos terrivelmente dolorosos...

★

O trem prefixo UM-12, vinha rumo à estação D. Pedro II, quando, chegando à passagem de nível que precede à estação de Nova Iguaçu, colheu o carro-tanque da Standard Oil, chapa de Nova Iguaçu, 1-95-48, e cujo reboque tinha a chapa do Distrito Federal n. 63. O caminhão-tanque rompera a trave, como posteriormente veio a apurar-se, e ao ser apanhado pelo trem elétrico, fêz explodir tôda a gasolina que transportava. O inflamável transformou o carro motor e o último carro num dilúvio de chamas, queimando mais de cem passageiros, dos quais cinqüenta e tantos perderam a vida.

Vejamos o que descreve um repórter visitando o local logo após o sinistro:

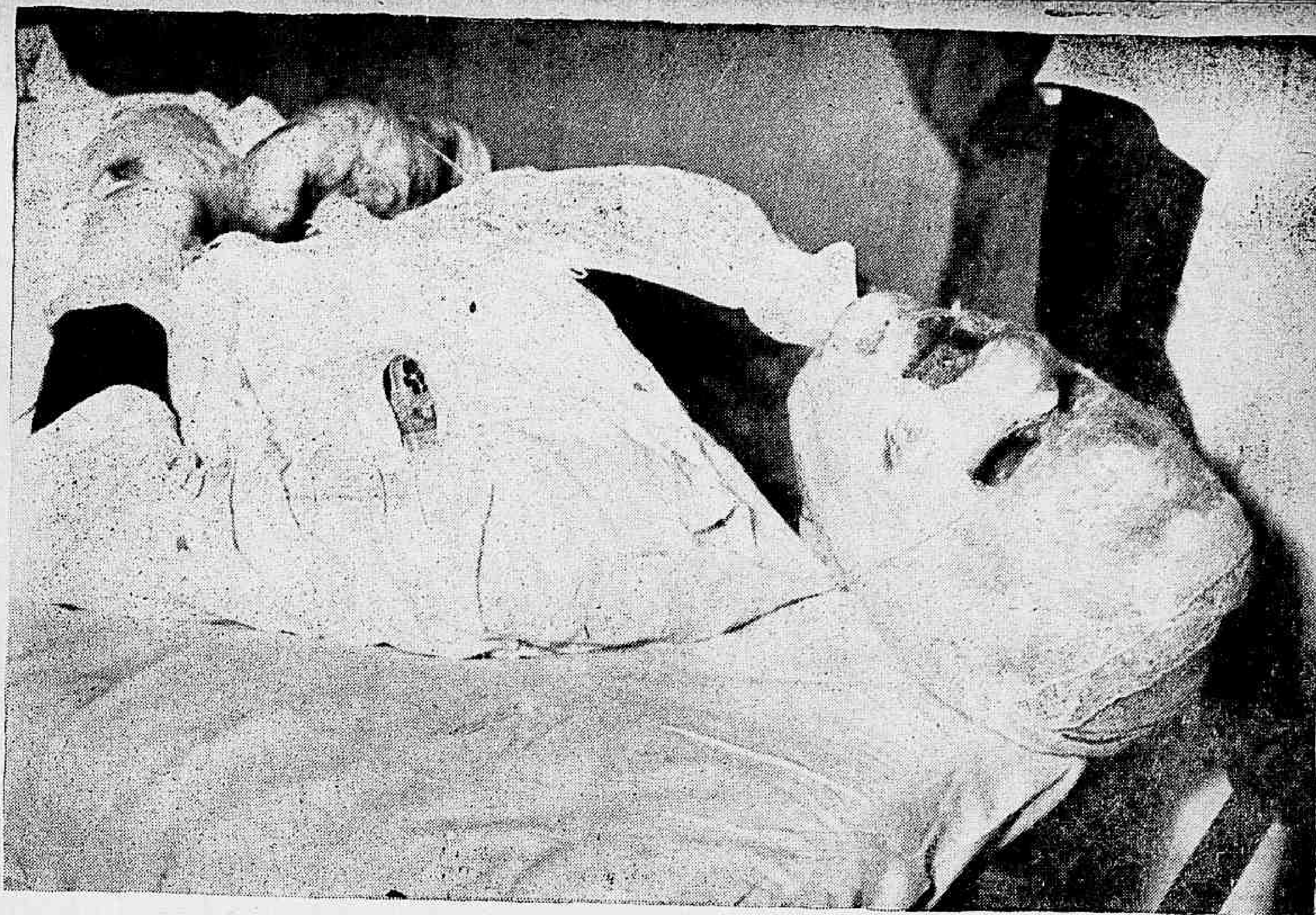
— "Afeitos a espetáculos dramáticos, os repórteres sentiram, entretanto, arrepios perpassarem-lhe pela epiderme quando, depois de galgar o carro-motor, nêle penetraram. Na meia escuridão, aos poucos, a vista foi se acostumando. Divisamos então, aos nossos pés, entre destroços, os corpos de numerosas outras vítimas. Num banco, um casal, abraçado Estava, ao que parecia, dormindo, quando sobreveio a catástrofe. Entre os joelhos de um dêles a cabeça



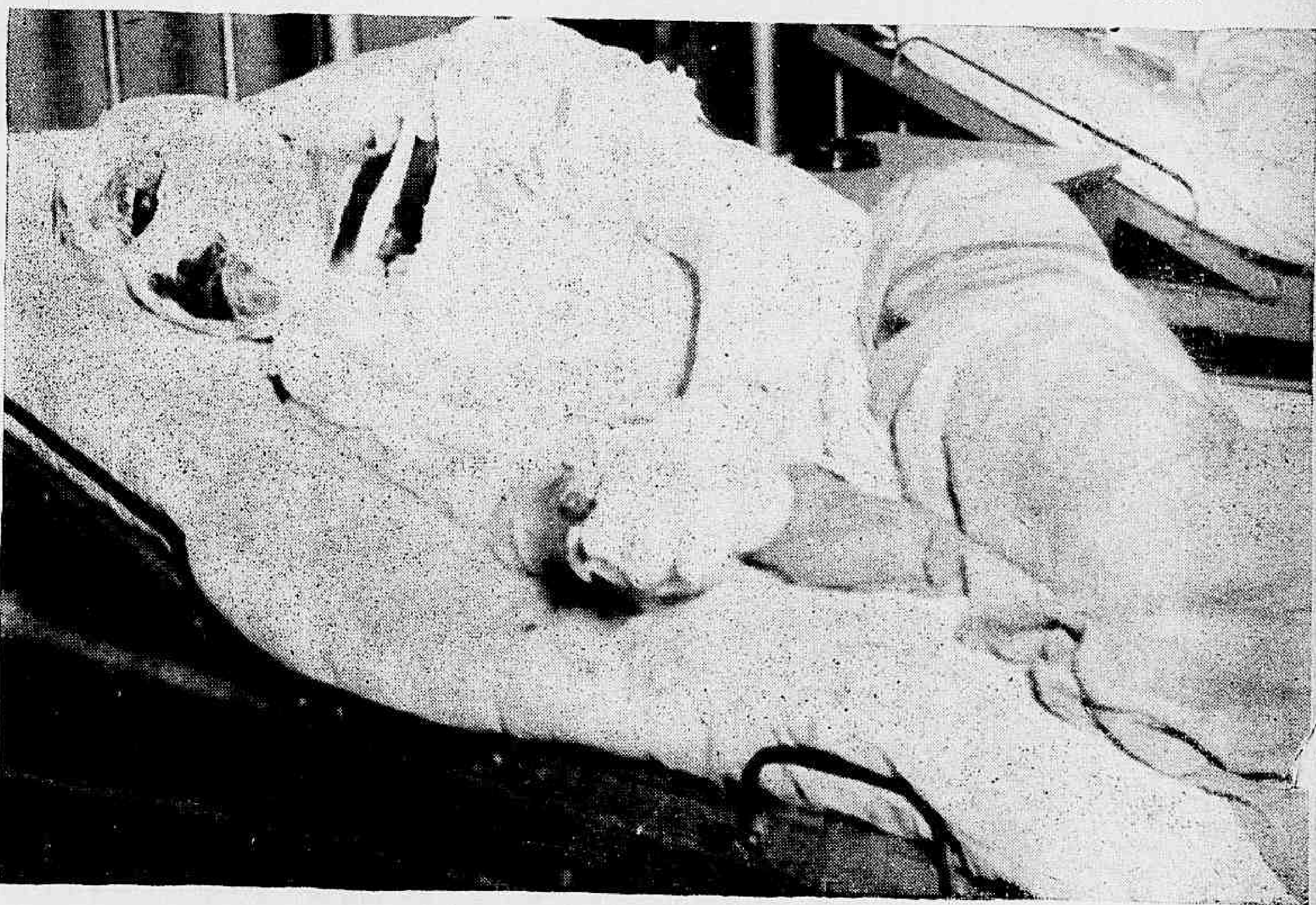
ça, partiam do interior do carro de aço, transformado em forno crematório, onde tochas humanas ardiam como ratos.

de um passageiro que, na ânsia de fugir, ali caiu para morrer. Embrulhos, marmitas, comida espalhada numa sarabanda infernal. Junto à porta dianteira, cêrca de nove corpos semi-destruídos, ainda fumegavam. Uma fumaça nauseabunda subia em espirais. Do lado de fora, junto à porta lateral, o corpo de um homem, totalmente desnudo. Uma lanterna elétrica e um relógio serviam para identificação! Tratava-se do maquinista do trem, José Santana. Na frente do comboio, caído entre os trilhos, outro cadáver, de um desconhecido um mais próximo ao maquinista e outro ao muro da Estrada, perto do último vagão. Impressionante espetáculo! Criaturas desnudas, ensanguentadas e outras com as vestes ainda em chamas, imploravam socorro, em gritos apavorantes. Soldados, bombeiros, operários, solidàriamente, transportaram aquêles infelizes para o hospital local, enquanto que o ambiente era iluminado ainda pelas chamas que lavravam ainda em grande intensidade. Primeiramente houve a necessidade de romper as portas dos vagões, depois alviões, manejados por mãos vigorosas, deslocavam as portas laterais, justamente aquelas onde se empilhavam os corpos dos inditosos passageiros do fatídico UM-12. Lençóis, padiolas, e as caixas apropriadas para a remoção de defuntos, foram postadas. Os primeiros destroços humanos começaram a surgir. Numa das vêzes um trabalhador trazia numa pá um tronco humano, e, noutra, para melhor se desvencilhar os corpos, um garfo de aço, daqueles empregados na espalhação de macadame e estrume, fisgava um cadáver, arrastado logo para dentro das macas, improvizadas que eram, em seguida, atirados num caminhão e levados para o necrotério".

(Cont. na pág. 48)



VITIMAS recolhidas ao Hospital Rocha Faria. Outros desapareceram sem que seus nomes fôssem conhecidos, com os corpos em brasa, qual lâmpadas macabras, ambulantes, ao clarão de dezenas de milhares de litros de gasolina em combustão. Um



soldado, com as vestes a arder, foi visto pela linha férrea, suplicando, em gritos, que o matassem pelo amor de Deus!...



CASA de ORATES



PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUE NOME TINHA A ESCRITA EM CARACTERES EM FORMA DE CUNHA:

Cuneiforme?
Concomitante?
Cunhambebe?

2 — QUE MARCOU NO MUNDO O COMEÇO DA CIVILIZAÇAO:

A construção de casas?
A invenção da polvora?
A invenção da escrita?

3 — QUAL A PROFISSAO DE ONDE SAIRAM OS PRIMEIROS ESCRITORES:

A da advocacia?
A dos guarda-livros?
A dos viajantes?

4 — COMO CHAMAVAM OS EGIPCIOS AS ESCOLAS, TRES MIL ANOS ANTES DA ERA CRISTÃ:

Areopago?
Colégia?
Etribaria de ensino?

5 — EM QUE FORAM GRAVADOS OS PRIMEIROS LIVROS DO MUNDO:

Em papiros?
Em tábuas enceradas?
Em blocos de pedra?

6 — DE ONDE SE ORIGINA A TRADIÇÃO RELIGIOSA DA BALANÇA PARA PESAR AS ALMAS:

Do «Livro dos Mortos» do Egito?
Do Corão?
Da Biblia?

7 — A QUEM SE DEVEU, NO SECULO XIX A REVELAÇAO DA HISTÓRIA DO ANTIGO EGITO, SEPULTADA HA MAIS DE SEIS MIL ANOS:

A Champollion?
A Sócrates?
A Aristóteles?

8 — QUEM CRIOU, PELA PRIMEIRA VEZ, NO BRASIL, O TEATRO DA NATUREZA:

João Caetano?
Itália Fausta?
O padre Anchieta?

9 — QUAL O LITERATO, QUE, EMBORA NÃO SENDO PADRE, FOI NOMEADO VIGÁRIO GERAL DA BAHIA:

Nicolau Tolentino?
Gregório de Matos?
Francisco Lisboa?

10 — QUAL O POETA BRASILEIRO COGNOMINADO «CANTOR DOS GUERREIROS»:

Castro Alves?
Fagundes Varela?
Gonçalves Dias?

11 — EM QUE LOCAL DO MARANHAO NASCEU GONÇALVES DIAS:

Numa fazenda próxima a Caxias?
Em São Luis?
Ou em Tutóia?

12 — DE ONDE ERA NATURAL O FAMOSO PINTOR DOMINGOS TEOTOCOPULI, «EL Greco»:

Da Espanha?
Da ilha de Creta?
De Atenas?

13 — QUAL FOI A MAIS BELA MULHER DO MUNDO:

Semiramis?
Frinéia?
Nefretiti?

14 — QUAL A MAIS FAMOSA ESTATUA DO MUNDO:

A Vênus de Milo?
A da Liberdade em Nova York?
A de Moisés, de Miguel Angelo?

15 — QUE SIGNIFICA A PALAVRA «MINOTAURO»:

O touro das minas de Salomão?
O touro do Rei Minos?
Assombração?

16 — QUAL O MAIS BELO EDIFICIO DO MUNDO, COMO OBRA DE ARTE:

A catedral de Notre Dame, de Paris?
O «Empire» de Nova York?
O Partenon de Atenas?

17 — QUAL O FIM DE S. CLEMENTE, TERCEIRO PAPA:

Fulminado por um raio?
Jogado ao Mar Negro, amarrado a uma âncora?
Ou crucificado de cabeça para baixo?

18 — QUAL O MAIOR TEMPLO CATÓLICO DO MUNDO:

A catedral de S. Pedro em Roma?
A de S. Paulo, em Londres?
A catedral de Milão?

19 — QUAL A FAMOSA OBRA QUE MIGUEL ANGELO EXECUTOU AOS 72 ANOS DE IDADE PELA QUAL NAO QUIS PAGAMENTO:

O quadro de Adão no Paraiso?
A estátua de Moisés?
A cúpula da basilica do Vaticano?

20 — QUE QUER DIZER «ALHAMBRA»:

Céu azul?
A côr das rosas?
Eternidade?

(Respostas na página 50)

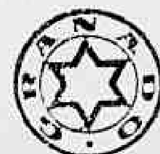


MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SIMBOLO DE CONFIANÇA

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. Os colaboradores desta **revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que **não serão tomados em consideração trabalhos** manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no minimo quatro folhas dactilografadas, tipo oficio, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As caracteristicas dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humoristico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem caracteristicas próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

REVISTA DA SEMANA
ANO LI ★ N.º 25 ★ 23-6-51

Dedator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revista nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150.00
Seis meses	Cr$ 75.00
Registrada — Um ano	Cr$ 180.00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280.00
Seis meses	Cr$ 140.00

O número avulso custa Cr$ 3.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 102, telefone 36-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Posta 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, venida 9509, Buenos Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

TELEFONES

Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

A SEMANA EM REVISTA

PAVOROSO DESASTRE



Trágica, a madrugada do dia 7 de junho para os passageiros do elétrico UM-12, que vinha de Queimados para D. Pedro II. Aquela hora da manhã, 4,03, operários e militares se destinavam à capital federal para cumprir mais um dia de luta pela vida. Ao passar a composição, dezessete minutos depois, pela passagem de nível conhecida pelo nome de dr. Tibau, que corta a rua do mesmo nome nas proximidades de Nova Iguaçu, foi o trem de encontro a um carro-tanque com dezoito mil litros de gasolina, dando-se terrível explosão do combustível, erguendo as chamas à altura de cinqüenta metros. O carro motor atravessou a fogueira e sòmente a uns duzentos metros da colisão, é que parou. Dois carros estavam envoltos em chamas: o do motor e o último. A gasolina, com o choque, invadiu aquêles dois vagões, inundando-os e queimando os passageiros que estavam nos mesmos todos prisioneiros, pois as portas não se abriam por falta de quem as acionasse. Lá na frente o motorista do trem estava morto, a arder como uma tocha de querosene. E' indiscritível o dantesco da cena. Centenas de bôcas a gritar por socorro, centenas de braços a forcejar dentro dos carros para conseguir salvação, enquanto as labaredas crepitavam a tudo consumindo como se dentro do trem houvesse irrompido um vulcão de lavas ardentes. Dêsse sinistro o maior e mais trágico de que há memória na Central do Brasil, publicou a direção da estrada uma nota nos jornais do dia oito, mostrando que nenhuma culpa cabe à E.F.C.B. pela desgraça que, além de prejuizos vultosos, levou para o túmulo 52 pessoas e causou ferimentos graves, médios e leves em mais 47, afora outras vítimas ainda desaparecidas. O sr. Presidente da República ordenou amparo e indenização às famílias dos mortos e feridos, e a administração da Central, já está promovendo ação de responsabilidade civil, de acôrdo com o Código Civil Brasileiro. Até agora tôdas as circunstâncias e testemunhas acusam o chofer do caminhão-tanque, pois, vendo a cancela fechada, forçou-a, ficando o carro enguiçado entre as linhas.

MENORES DELINQUENTES



O sr. Ministro da Justiça, sr. Negrão de Lima, mostrando-se interessado pelo problema da infância desvalida no Rio, acaba de fazer uma visita ao SAM (Serviço de Assistência a Menores), tudo observando e se inteirando do que é preciso realizar para que aquela instituição possa cumprir sua finalidade. Falando à imprensa, declarou S. Excia.: «Na minha visita de ontem (7 de maio), quando percorri as dependências do SAM e dos órgãos a êle subordinados, constatei esta dolorosa verdade: quase todos os menores delinqüentes e abandonados vêm das favelas. Descem dos morros como uma enxurrada de perdição e crime. E' como se vê uma questão muito mais séria e complexa do que se pensa. Não basta, verifiquei, segregar o menor da coletividade desajustada em que possa viver. Felizmente, no que se refere ao simples menor abandonado, já saímos do terreno das hipóteses e vamos caminhando para uma solução que se vai processando embora lentamente à vista das dificuldades de ordem material e fifinanceira. Depois de abordar outros conceitos e declarar que dará ao sr. Presidente da República relatório minucioso sôbre a situação do SAM e do serviço geral para amparar os menores abandonados, termina o Ministro da Justiça: «O que se tem feito no Brasil até hoje com relação à assistência à infância se restringe quase exclusivamente ao menor abandonado. Ainda ontem vi o Pavilhão Anchieta anexo ao IPN em condições pouco satisfatórias. Determinei então imediatas providências para que a êles fôsse prestado todo o amparo moral, educacional e profissional de que necessitem». Essa visita do titular da Pasta da Justiça a institutos destinados a proteger e reeducar menores sem futuro certo, será de grande proveito à sociedade carioca e à própria nação. Resta, agora, que o Ministério da Justiça obtenha os recursos necessários para a realização da obra que o sr. Negrão de Lima vislumbrou, mas que ficará na vontade, se não houver meios de executá-la.

★

CÉSAR LATTES



A 31 de maio último tomou posse da cadeira de professor de física nuclear da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, o jovem cientista César Lattes. O ato, que se revestiu de grande significação, verificou-se no gabinete do sr. Pedro Calmon, reitor da Universidade, estando presentes o presidente do Instituto de Pesquisas Científicas, almirante Álvaro Alberto, o professor Carneiro Leão, diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, membros do Conselho Universitário e figuras da ciência. Depois de lido e assinado o termo de posse, o professor Costa Ribeiro, chefe do Departamento de Física da N.N.F. falou, tendo ressaltado a importância do ato que dava acesso à Universidade do Brasil, a uma das maiores expressões da ciência, historiando ainda a carreira do jovem cientista. Falou depois o professor Carneiro Leão, congratulando-se pela posse do novo catedrático de física nuclear. O professor César Lattes, em ligeira oração, agradeceu as referências que lhe haviam sido feitas e prometeu envidar esforços para elevar o nome do Brasil no campo da ciência. O professor Pedro Calmon fêz também um elogio do empossado, tendo, em seguida, o almirante Álvaro Alberto encerrado o ato com palavras a respeito da personalidade do novo professor. Estas as palavras do noticiário que saiu em nossa imprensa matutina do dia 8 de maio: «Nada mais justo do que entregar-se à competência e ao esfôrço do jovem patrício, trabalho de tão altas responsabilidades. César Lattes, apesar de sua mocidade, é um «velho» na ciência. Interessando-se pela questão da física nuclear, onde está, indiscutivelmente, o futuro das nações, êsse moço veio para o Brasil, depois de triunfos no estrangeiro, ajudar nossa terra a avançar na vanguarda das nações mais cultas. Não lhe interessa, apenas, o cargo; êle deseja, acima de tudo, recursos para trabalhar e produzir nas conquistas da especialidade de sua inclinação de homem de ciência. Que o nosso govêrno não deixe apagar-se da alma dêsse brasileiro, a chama do entusiasmo, desejo de tornar o Brasil uma nação respeitada».

★

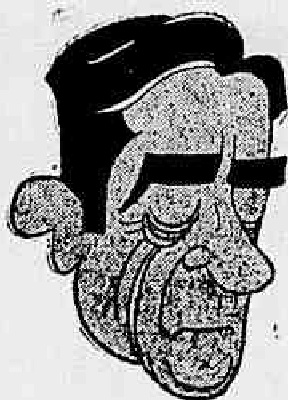
GÊLO SÊCO



Já houve um governador do Ceará, que também foi deputado federal pelo mesmo Estado, que achava possível fazer chover, sempre que fosse preciso. Diziam até que êle estava com a fórmula científica perfeitamente capaz de provocar quedas de chuva lá das alturas sôbre a terra calcinada do nordeste, sempre que achasse oportuno. Êsse político foi o sr. João Tomé. Pelo que parece, ninguém acreditou em suas teorias, e muitos jornais e colegas do legislador e administrador o levaram na galhofa, dando-lhe o cognome de «O manda chuva». João Tomé, porém, homem de excelente coração, generoso e tolerante, achava graça da incredulidade dos seus contemporâneos, e afirmava que seria capaz de mudar a regime meteorológico dos sertões do nordeste. Morreu, e, até hoje sua fórmula não veio a público. Agora, porém, engenheiros e aviadores, meteorologistas e entendidos na arte de fazer chover artificialmente, estão pondo em prática, no Ceará, o processo de provocar chuvas. O ingrediente para isso é o gêlo sêco. Um avião carregado de «material» bombardeia uma nuvem-cumulo e, instantes depois, a acumulação de vapores se converte em água, precipitando-se em forma de chuva. Já tivemos ocasião de registrar nestas mesmas páginas o ocorrido com as experiências feitas no Ceará, com o gêlo sêco. Muita gente está incrédula e citam mesmo o caso do João Tomé. Entretanto, agora mesmo, o sr. W.B. Sweet, em nome da «Liquid Carbonic Indústrias, S. A.», foi ao gabinete do sr. Café Filho a fim de pôr à disposição do Vice-Presidente da República, quinhentos quilos de gêlo sêco, absolutamente gratuitos, para serem empregados nas experiências da chuva artificial, que o engenheiro Janot Pacheco, vai realizar no Rio Grande do Norte, por iniciativa do sr. Café Filho. Um sertanejo cearense, porém, abanando a cabeça desoladamente declarou: «Qual! Isso é impossível. Não vê que com uma sêde danada dessas, até o gêlo ficou sêco!»

A PERSONAGEM DA SEMANA

A oito de junho realizou o PTB sua IV Convenção Nacional, com a presença de delegações dos diretórios regionais, reunidos na Capital da República, a fim de se procederem as recomposições de seus quadros executivos. O fato decorreria sem maiores repercussões, não fôra o discurso pronunciado pelo Sr. Danton Coelho, titular da Pasta do Trabalho, e 1.º Vice-Presidente em exercício, na chefia do partido. A fala do Sr. Danton Coelho se revestiu de características a que, imprensa e parlamentares estão a emprestar sintomas de gravidade de ordem constitucional, não se podendo prever até onde poderão chegar as conseqüências de suas declarações solenes. O centro de sensibilidade se manifestou com o ponto de vista do Ministro do Trabalho advogando a reforma constitucional, a fim de que o Sr. Presidente da República, Presidente do PTB, se liberte das cadeias que o prendem a conveniências partidárias e não mais se submeta a compromissos políticos, podendo governar com todos os seus movimentos livres e desimpedidos. Criou-se, na mesma Convenção, o "slogan": "Libertemos Getúlio!", como grito de guerra com que o Partido Trabalhista Brasileiro inicia a nova etapa de sua vida pública com os eleitos da Comissão Executiva Nacional, dispostos a formar o "exército da libertação", para salvar o "general prisioneiro", isto é, o Sr. Getúlio Vargas. A 11 de junho, às 21 horas, na sessão de encerramento, tornou o Sr. Danton Coelho a defender a idéia da reforma da Constituição Federal, adaptando-a ao govêrno trabalhista planeado pelo PTB. O episódio vem despertando o mais vivo interêsse público e, sôbre o assunto, já se manifestaram vários próceres da política nacional na tribuna da Câmara do país, prometendo debates vigorosos para esclarecimento do caso. Verdade é que o Sr. Danton Coelho, no momento em que falou, agia como presidente de um partido político. Manifestava, de certo, o seu ponto de vista pessoal, ou do partido. Por outro lado o Sr. Getúlio Vargas afastou-se, como era natural, das atividades partidárias, não tendo tomado parte nas reuniões da Convenção. Entretanto, fôrça é reconhecer no Sr. Danton Coelho um ministro do govêrno onde quer que se encontre. Daí a repercussão enorme que tiveram os referidos discursos.


Ministro Danton Coelho



ENTRE os solteirões do rádio brasileiro Manoel Barcelos era considerado o mais inveterado. Namorou muito, divertiu-se a valer até que um dia, (há sempre um dia na vida de cada um) uma deusa conseguiu fisgá-lo. Não houve jeito: o homem prolongou o namoro, quis tornar longo o noivado... mas a deusa pacientemente foi encurtando tudo. E o final deu nisso que aí está: casamento no duro.

MANOEL BARCELOS EM LUA DE MEL

"REVISTA DA SEMANA" PRESENTE AO CASAMENTO DO POPULAR LOCUTOR ★ OS RADIALISTAS OFERECERAM-LHE UMA CHAVE DE OURO, SÍMBOLO DA FELICIDADE ★ E AS SUAS FÃS COMPARECERAM, EM PROFUSÃO...

Texto e fotos de ABDIAS RODRIGUES

CONFORME fôra amplamente anunciado realizou-se no dia 7 do corrente mês o enlace matrimonial de Manoel Barcelos com a srta. Isa Malagutti. O ato civil teve logar na residência da noiva à rua das Laranjeiras, às 16 horas. Foram testemunhas, por parte do noivo, César Ladeira e sua mãe, sra. Dosina Ladeira; e, por parte da noiva, Paulo Gracindo e sua espôsa, sra. Dulce Gracindo.

Em seguida os convidados e, logo após, os noivos se encaminharam para a Igreja de São Judas Tadeu, onde foi realizado o ato religioso pelo padre Campos Gois, vigário daquela paróquia. Nessa cerimônia as testemunhas foram as seguintes: para o noivo — sr. Júlio Real e sra. Renata Fronzi; para a noiva — sr. Ulisses Malagutti, respectivamente, irmão e mãe da noiva.

O dia estava chuvoso. Todavia, uma verdadeira multidão de curiosos e fãs do popular locutor (especialmente mulheres) aguardavam a sua chegada. Às 16,40 o noivo chegou à Igreja. Contentamento geral. As fãs prorromperam em estreptosas saudações. Às 17 horas, exatamente, o sr. Ulisses chegou conduzindo a noiva. O povo, formado em filas, à porta da Igreja, exclamava unissono: como ela é bonita! ! !... Como o templo é pequeno, só puderam entrar os convidados.

Antes do casamento o padre Campos Gois, faz um bonito sermão



ENTRE DUAS longas filas de curiosos a noiva chega à Igreja São Judas Tadeu, no Cosme Velho, conduzida pelo padrinho. Flores, confeti e arroz, eram atirados à sua passagem. Foi preciso a polícia para manter a ordem.



FRENTE AO ALTAR os noivos ouvem as palavras do sacerdote. Êle está sério. Ela chorou de emoção. Decididamente, o casamento é o mais importante ato na vida do homem e da mulher.



A NOIVA, sta. Isa Malagutti, após o ato religioso, assina a certidão de casamento. Ao seu lado o Pe. Campos Gois, que o oficiou. Em baixo, o noivo, Manoel Barcelos, assina o livro que registra o ato civil. Na foto aparecem ainda os padrinhos e convidados.



MANOEL BARCELOS EM LUA DE MEL



DEPOIS de consumado o ato civil os noivos posam para a posteridade. Os filhos, futuramente, apreciarão êstes flagrantes.

focalizando o porquê do matrimônio. Diz, de início, que os casamentos felizes são determinados no céu... Recorre ao calendário religioso e faz um *recuerdo* dos milagres de Santa Isa e São Manoel... cujos nomes têm os que ali estão para se casar. A estas palavras as lágrimas rolam pelas faces da noiva. Prosseguindo diz o vigário que São Judas Tadeu — o protetor das causas desesperadas — é daquela data em diante o protetor dos nubentes. Finaliza pedindo a todos que rezem três Padre-Nossos, três Avé-Marias e a oração de São Judas, cuja cópia destribui a todos e que é a seguinte:

"São Judas, glorioso Apóstolo, fiel servo e amigo de Jesus, o nome do traidor foi causa de que fôsseis esquecido por muitos, mas a Igreja vos honra e invoca universalmente como o patrono nos casos desesperados, nos negócios sem remédios. Rogai por mim, que sou tão miserável ! Fazei uso, eu vos peço, dêsse particular previlégio que vos foi concedido, de trazer visível e imediato auxílio, onde o socorro desapareceu quase por completo.

Assisti-me nesta grande necessidade, para que possa receber as consolações e o auxílio do Céu em tôdas as minhas precisões, atribulações, e sofrimentos, alcançando-me a graça de ser feliz, e para que possa louvar a Deus convosco e com todos os eleitos, por tôda a eternidade.

Eu vos prometo, ó bendito S. Judas, lembrar-me sempre dêste grande favor, e nunca deixar de vos honrar, como meu especial e poderoso potrono, e fazer tudo o que estiver a meu alcance para incentivar a devoção para convosco. Amem".

Terminada a cerimônia, e depois de receberem os comprimentos na sacristia da Igreja, os nubentes saíram ao som da marcha nupcial. Fora chovia à cântaros; mas nem assim o povo arredava pé. Ao assomar à porta da Igreja o casal recebeu prolongada salva de palmas. Flores e arroz eram atirados a sua passagem. Perguntamos a uma fã porque jogavam arroz e ela sorridente disse. "O sr. não sabe?!... E' para dar fartura..."

— De filhos — acrescentou sorrindo, também, uma outra assistente. (*Continua na pág. 44*)



Antes de fazer a clássica pergunta... É DE GOSTO QUE O SR. SE CASA COM A SRTA... o reverendo fêz um pequeno sermão, focalizando as finalidades do casamento.



E... **COMO O FIM** coroa a obra... não faltou o **beijo esperado**. Tudo acabado. Tem comêço a lua-de-mel. **Os nubentes, felizes**, foram em viagem de núpcias por êste mundo em fora. Que sejam felizes e regressem breve, são os nossos **votos**. Todavia, tudo poderá passar, êstes flagrantes, entretanto, ficarão como imorredoura recordação do dia mais feliz de Manoel Barcelos e Isa Malagutti.



O ATO CIVIL foi realizado na **residência da noiva. Este** flagrante foi feito justamente quando o juiz declarava ambos **MARIDO E MULHER**.



TAMBÉM o padre Campos Gois **sorriu ao declarar que** ambos estavam casados. Nas mãos do reverendo a certidão de casamento.

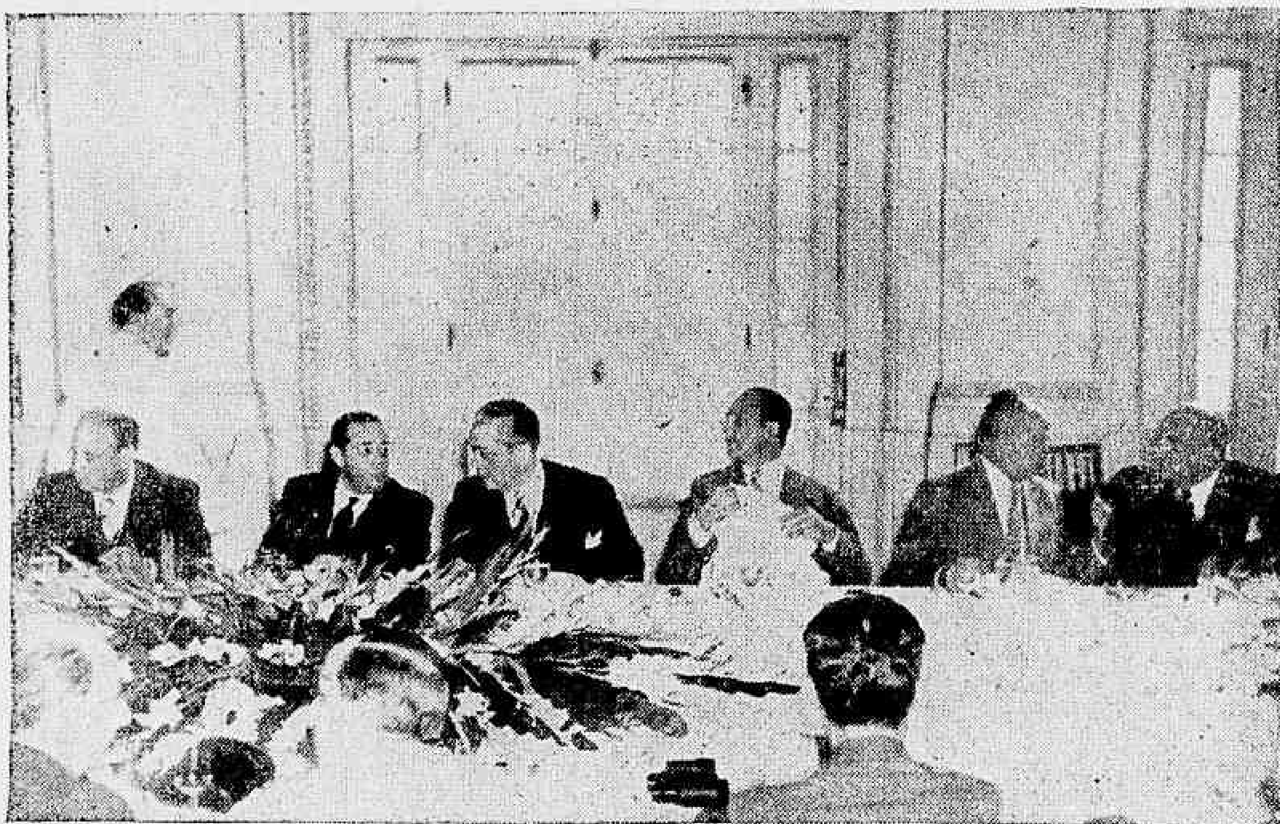


MANOEL BARCELOS chorou quando Paulo Gracindo, em nome do pessoal do rádio, lhe entregou uma chave de ouro, que só poderia ser usada depois da meia-noite

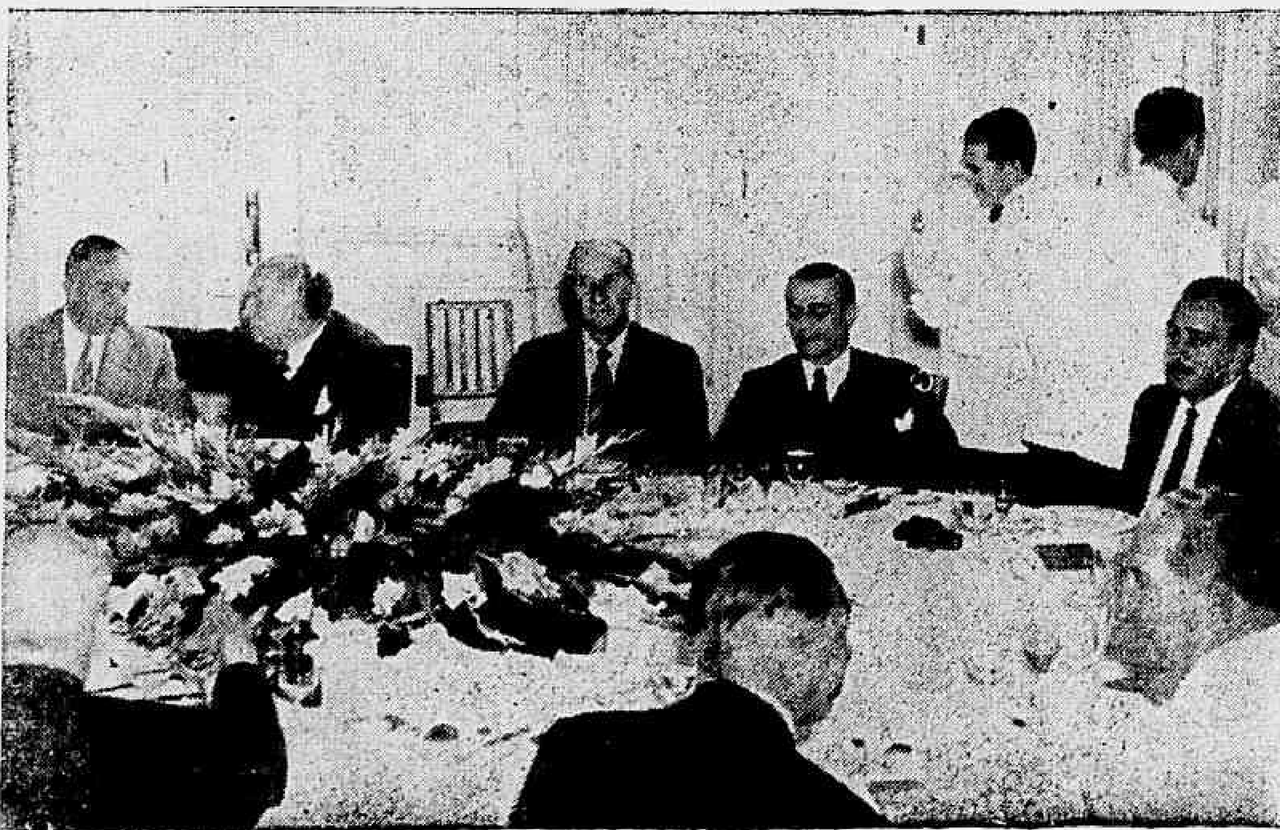


Aspecto do banquete aos criadores de cavalos de corridas, vendo-se o presidente do Jockey Club, o sr. João Borges Filho, o sr. Oswaldo Aranha e outros.

ECOS DO GRANDE PRÊMIO "CRUZEIRO DO SUL"



Em cima e em baixo — Mais dois aspectos do grande banquete oferecido aos criadores de puro-sangue.



POR ocasião da realização do Grande Prêmio "Cruzeiro do Sul", o Jockey Club Brasileiro ofereceu, no Hipódromo da Gávea, um banquete aos criadores de cavalos de corrida nacionais, ao qual assistiram os membros do Congresso Brasileiro de Criadores, então reunido nesta Capital. A festa foi presidida pelo sr. João Borges Filho, presidente da nossa sociedade carreirista, e contou com o comparecimento da quase totalidade dos nossos criadores de cavalos de puro-sangue e diretores e associados do Jockey Club Brasileiro.

O Grande Prêmio "Cruzeiro do Sul" constituiu mais uma grande atração turfística, levando ao Hipódromo Brasileiro uma grande massa de povo, vivendo assim o nosso belo prado de corridas um dos seus maiores dias. Como sempre acontece, a festa foi também uma parada de bom-gôsto e elegância, destacando-se o elemento feminino com seus maravilhosos trajes de inverno. A segunda prova da Tríplice Coroa constituiu-se, destarte, em um grande sucesso esportivo e social, tão comum ao Hipódromo Brasileiro quando são disputadas as principais provas do calendário turfista.



Flagrante feito quando o sr. Herbert Moses, presidente da ABI, oferecia um mimo ao proprietário e ao jockey do cavalo vencedor da prova em sua homenagem.



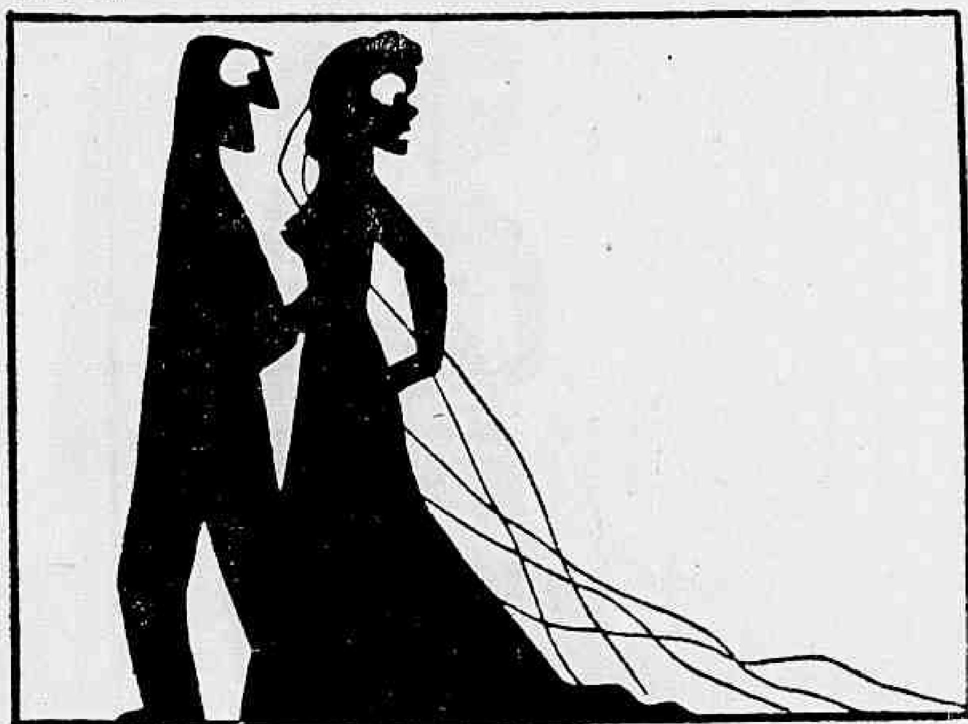


As sociais e a «pelouse» regorgitaram do elemento feminino, ostentando belíssimas «toillettes».









A SAÚDE DO BEBÊ

ALIMENTAÇÃO E INFECÇÕES GASTRO-ENTÉRICAS

DR. SABOIA RIBEIRO

JÁ não se discute mais, hoje, a natureza infeciosa de muitas e frequentes perturbações gastro-entéricas da criança, na primeira idade, nas quais ocupa a diarréia destacado lugar, senão o sinal isolado. No passado, era vezo enfrentar-se a sintomatologia que se apresentava com aquela caracteristica, por meio dos prolongados regimes a água de arroz, ou por meio das poções adstringentes e desinfetantes, do que resultava a seguinte situação:

Se o distúrbio era infeccioso, e as mais das vêzes causado por um leite *infeccionado* (leite poluido, *batizado*), com a supressão dêste pela água de arroz, a melhora chegava, mas, retomada a alimentação, voltava a infecção.

Se o distúrbio era devido ao alimento mal preparado ou inadequado á idade da criança, a mesma coisa se repetia, pois, retomada a alimentação, imprópria ou agressiva, tornava, como já viera, a perturbação alimentar.

Perpetuava-se, assim, o distúrbio gastro-entérico, terminando, habitualmente na infecção, mesmo porque se sabe que, em geral, um distúrbio, primitivamente alimentar, transforma-se, em sua marcha natural, em um distúrbio infeccioso ....

Não há dúvida que o alimento, por si só, cura, em muitos casos, os distúrbios de que tratamos, porém não é o caso da água de arroz, pois esta não supre as necessidades do organismo infantil, conduzindo-o à inanição, e facilitando, ainda mais, a infecção já existente, ou iminente.

Num certo número de casos, justifica-se inteiramente a veracidade daquele conceito, corrente em Pediatria, segundo o qual, "a criança adoece pela alimentação errada e morre pela infecção superveniente".

Há, porém, um evidente exagêro em se atribuir ao aparelho digestivo da criança uma espécie de fragilidade extrema diante do alimento próprio de sua idade: o leite ou certas misturas à base dêsse alimento.

Uma criança possui todos os fermentos para a digestão dessas misturas, inclusive as farinhas, desde a mais tenra idade. Sòmente o excesso de certos componentes, como as gorduras e o açúcar, ou sua deterioração, desencadeia os fenômenos dispépticos ou tóxicos, ou seja, diarréia, vômitos, cólicas ,etc.

Constitui, portanto, um êrro cuidar, apenas, quer puramente do aspecto alimentar, diante dêsses distúrbios na criança, quer exclusivamente do elemento infeccioso, já que, às mais das vêzes, as duas causas estão presentes.

Chega-se, portanto, à conclusão de que, em face das perturbações gastro-enterais da criança, importa rever cuidadosamente o regime que estava em uso e precaver-se em relação à infecção que pode estar em causa.

A causa do distúrbio, com efeito, tanto pode estar ligada ao problema simplesmente alimentar, abrangendo inclusive horário, fórmula de preparo do alimento, quantidade, etc., como ao uso de um leite menos bom ou, como tanto acontece, poluido pelos germes causadores das infecções enterais.

Na prática assim se procede, e como primeira medida, após uma pausa em que a criança fica exclusivamente a mate ou chá adoçado com sacarina ou outros açúcares especiais, urge a supressão do leite comum por um leite modificado, tipo ácido.

Com referência ao elemento infeccioso lança-se mão, hoje, das sulfas, senão sistemàticamente, ou logo na primeira hora, mas sempre que certos fenômenos, destacando-se naturalmente a febre, fazem suspeitar de uma infecção, responsável pelo distúrbio.

Quando, nestas condições, se prolonga a perturbação gastro-entérica da criança, cumpre apurar melhor, e há mister, então, recorrer a certos exames; o mesmo quando o quadro clinico simula certas doenças.

O *coma dispéptico*, por exemplo, está neste último caso, pois pode simular, quer a meningite (perda do conhecimento, convulsões, vômitos, febre), quer a disenteria.

Muita importância, a êste respeito, possui o hemograma, e o exame de urina.

A presença de albumina e cilindros na urina permite concluir pela infecção. No hemograma, a polinucleose e desvio para a esquerda também falam pela infecção. Mas isto é para médico.

Mas o fator constitucional da criança pode ser o responsável por êsses distúrbios, que (digamos de passagem) não atingem sòmente as funções intestinais, senão a todo o organismo da criança.

E é dêle que principalmente se deve cuidar quando, a despeito de um regime apropriado, perduram os fenômenos dispépticos, caso que, aliás, não ilude o pediatra por outros sintomas ou sinais presentes.

VEJA PÁGINA 30



CHOVE NO MAR

MEU pai, a êsse tempo, era Juiz de Direito de Souza, cidade encravada no alto sertão paraibano, com uma bela Matriz (Nossa Senhora dos Remédios era a Santa Padroeira), Padre João dos cabelos de prata, uma sociedade abastada e limpa e um catavento sempre girando, girando sem parar debaixo daquele céu azul derramado sôbre o largo de grama ressequida, onde, à noite, eu e minha irmã menor Lúcia e mais alguns garotos pegavamos grilos à fanfarra. O catavento da escadinha estreita de ferro e que aquela minha pequenina irmã vencia em dois tempos para chegar ao seu tôpo e gritar-nos de lá: "o mar está calmo, podemos velejar". Era ainda o catavento que fornecia água à cidade, em latas brilhantes sôbre dorsos esquálidos de burrinhos mansos e preguiçosos; do tombo de Manoel Tétéu, caolho, sardento e banguelo, que, um dia, quase ficou sem a mão, por ter tentado parar com a mesma a roda imensa em movimento. Foi também alí no largo, debaixo do catavento, que armaram o primeiro Circo que conheci. Parece que estou vendo: o palhaço Pinga-Fogo carregando uma lâmpada vermelha na ponta do nariz enorme, o cachorrinho dansador, aquela gorducha intérprete de fox americano, o "jazz" barulhento e as duas maiores sensações daquelas noites alegres: Tosca e Arabela, acrobatas e trapezistas incomparáveis. Seu Bené telegrafista, vestindo uma camisa de sêda — palha, calça de linho branco finissimo, e calçando alpercatas reluzentes, tôdas as noites, por volta das oito, durante todo o tempo que o circo durou na cidade, passava la por casa chamando por mem e Lúcia e nos carregando para aquela maravilhosa festa. Quando a enorme barraca deitou os mastros e foi embora, na noite seguinte à da partida, ali no centro do grande circulo de terra batida e limpa, fomos derramar lágrimas de saudade e rememorar todo aquêle desfile de beleza rara, de mascaras risonhas, lantejoulas faiscantes e saltos mortais. Estavamos assim mudos, cabisbaixos, olhos fixos na terra sêca e vasia, quando fomos despertados pelo grito fino e estridente de Lúcia, vindo do alto da escada do catavento: "inimigo à vista... fogo!" Depois, mais forte: "Avançar!!!" E assim fizemos. Eramos dez garotos ao todo, meninos e meninas. Foi uma carreira desabalada. Lúcia comandava do alto: "Corram na direção da Igreja do Bom Jesús..." Para alí rumamos e qual não foi o nosso espanto quando se nos deparou aquêle quadro de miséria e tristeza: um homem que mais parecia um galho sêco de joa do que gente, coberto de andrajos, saco às costas, puxando por uma das mãos um menino, moreninho de sol e de poeira, surgiu, inesperadamente à nossa frente, saindo da curva do caminho. Em dado momento, o velho parou no meio da estrada, jogou o saco e o chapéu de feltro ao chão, largou a mão do garôto e abriu-nos os braços em sinal de afago e amizade. Aquêle seu gesto, entretanto, mal compreendido por tôda turma, deu motivo a um recúo geral, onde o pavor embargava-nos a voz, deixando-nos atônitos e covardes. Houve uma dispersão total, tendo cada um tomado o rumo de sua casa. Tarde da noite daquele mesmo dia, já estavamos recolhidos para dormir, quando ouvimos batidas fortes à nossa porta. Papai levantou-se e foi ver quem era. Após ter aberto a porta da entrada, voltou para o quarto de mamãe e disse-lhe qualquer coisa à meia voz. Instantes depois, estava uma confusão enorme na sala da frente. Curioso, levantei-me de mansinho, pé ante pé, tendo-me postado atrás da porta que separava o corredor do salão, podendo dali ver o que se passava.

"Meu Deus, o homem da estrada...", pensei. "e o pior é que mamãe chora e o abraça..." Não só mamãe. Madrinha, tia de minha mãe e que conosco morava, dava maior expansão às lágrimas que lhe caiam abundantes dos olhos vermelhos e inchados. Os seus abraços também eram mais exagerados e comovidos.

Aí eu já estava tonto de sono e cai na cama como um fardo pesado. Um sono agoniado depois. E tive um pesadelo. Às tantas da madrugada, pus, a casa em polvorosa. Era aquêle homem, que, em um sonho horrivel, me aparecia coberto de tiras e molambos. Ameaçava-me com aquêles seus dedos finos e compridos, os quais se tornavam mais longos e mais magros à proporção que o vulto se aproximava de mim, fazendo menção de furar-me os olhos com aquelas unhas ponteagudas que semelhavam garras perigosas e assassinas. Os seus pés estavam ali à amostra. Amarelos, chatos. Duas táboas anêmicas, dentadas. Um filete de sangue escorria-lhe a um canto da boca murcha. Livio era o seu nome. Irmão de Madrinha, tio de minha mãe. Irmão do meu avô e do filósofo "meu" tio Benedito, como chamava mamãe. Magro como um galho sêco de joa, um galho daqueles em forma de cruz que a gente dá com os olhos à beira das estradas poeirentas do sertão: a gente dá com os olhos e sente vontade de rezar ou de chorar. Tio Livio, aquêle que bateu à nossa porta com um saco às costas contendo uma garrafa

(Continua na pág. 30)

CONTO DE GASTÃO DE ALENCAR ★ ILUSTRAÇÃO DE A. ZALUAR

A VIDA DE QUEM NÃO VÊ

UMA VISITA AO INSTITUTO BENJAMIM CONSTANT ★ BRASIL, QUARTO LUGAR DO MUNDO EM CEGUEIRA ★ CAUSAS E PRINCIPAIS FOCOS NO BRASIL ★ O NÚMERO DE CEGOS BRASILEIROS E OS ESTADOS MAIS ATINGIDOS PELA DOENÇA ★ CEGOS FLORISTAS, COSTUREIROS, ENCADERNADORES, REVISORES E VASSOUREIROS ★ "A CEGUEIRA É CRUEL, MAS JÁ NÃO É DESGRAÇA".



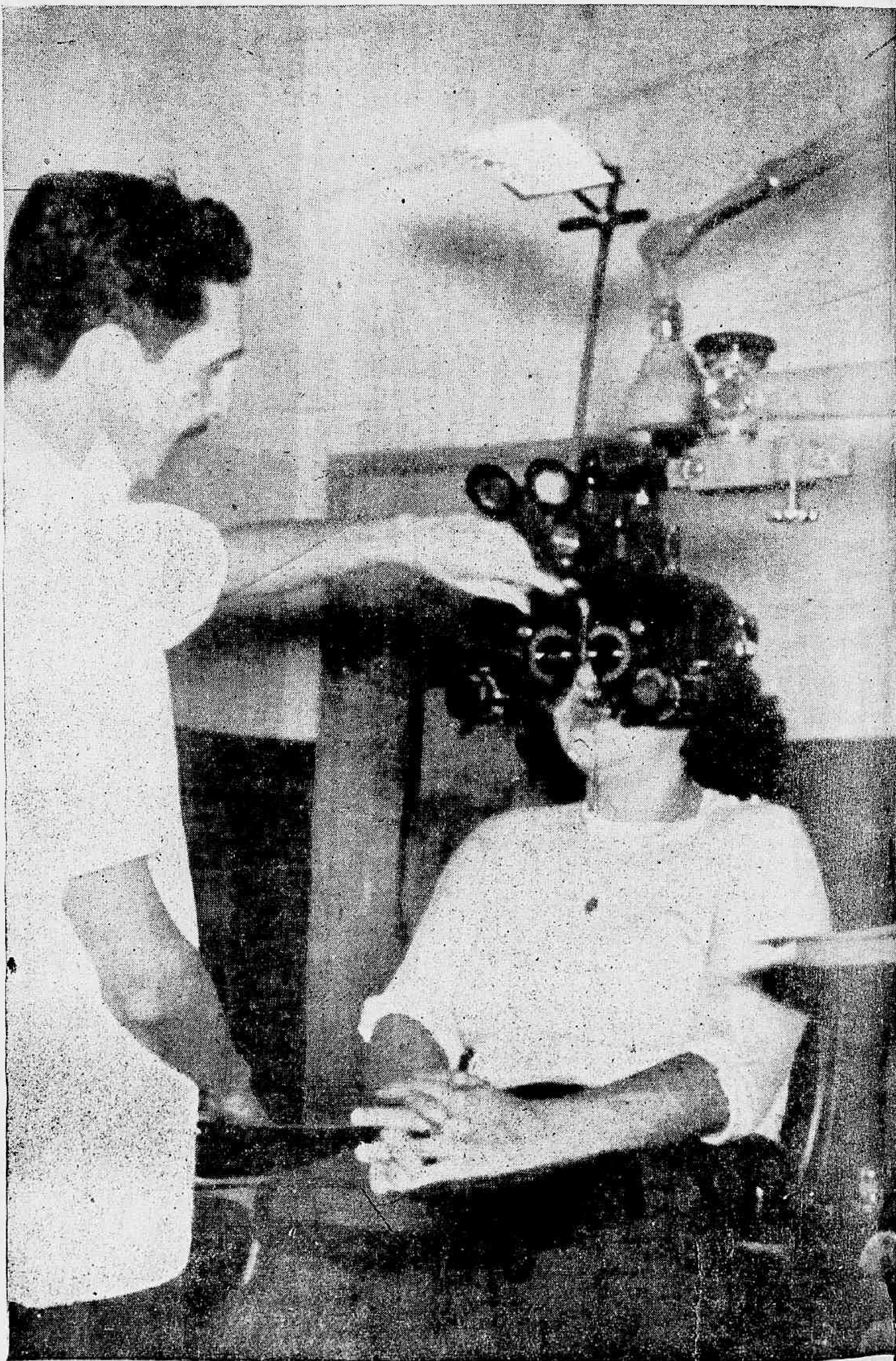
Texto e fotos de J. BELO

A escolha de assunto para uma reportagem é um dos mais intrincados problemas com que se vê a braços o repórter. Há os assuntos obrigatórios, os que estão na ordem do dia; os objetivos, aquêles que o leitor exige; os subjetivos, aquêles em que o repórter pensa estar satisfazendo a curiosidade de seus leitores, e no entanto, satisfaz apenas a sua própria.

Dentre os assuntos objetivos, enquadra-se, sem dúvida, o que diz respeito à vida dos cegos, seus anseios, sua literatura, seus trabalhos. E foi pensando em você, leitor, que rumamos em demanda do Instituto Benjamim Constant, a fim de, ali, colhêr os dados mais interessantes sôbre a cegueira no Brasil.

Comecemos relatando-lhe a origem do Instituto. Voltemos no

O INSTITUTO funciona, também, como órgão de prevenção da cegueira, corrigindo defeitos de lentes, aconselhando e orientando aquêles que o procuram. A fotografia foi tirada no momento em que uma paciente se submetia a exame.

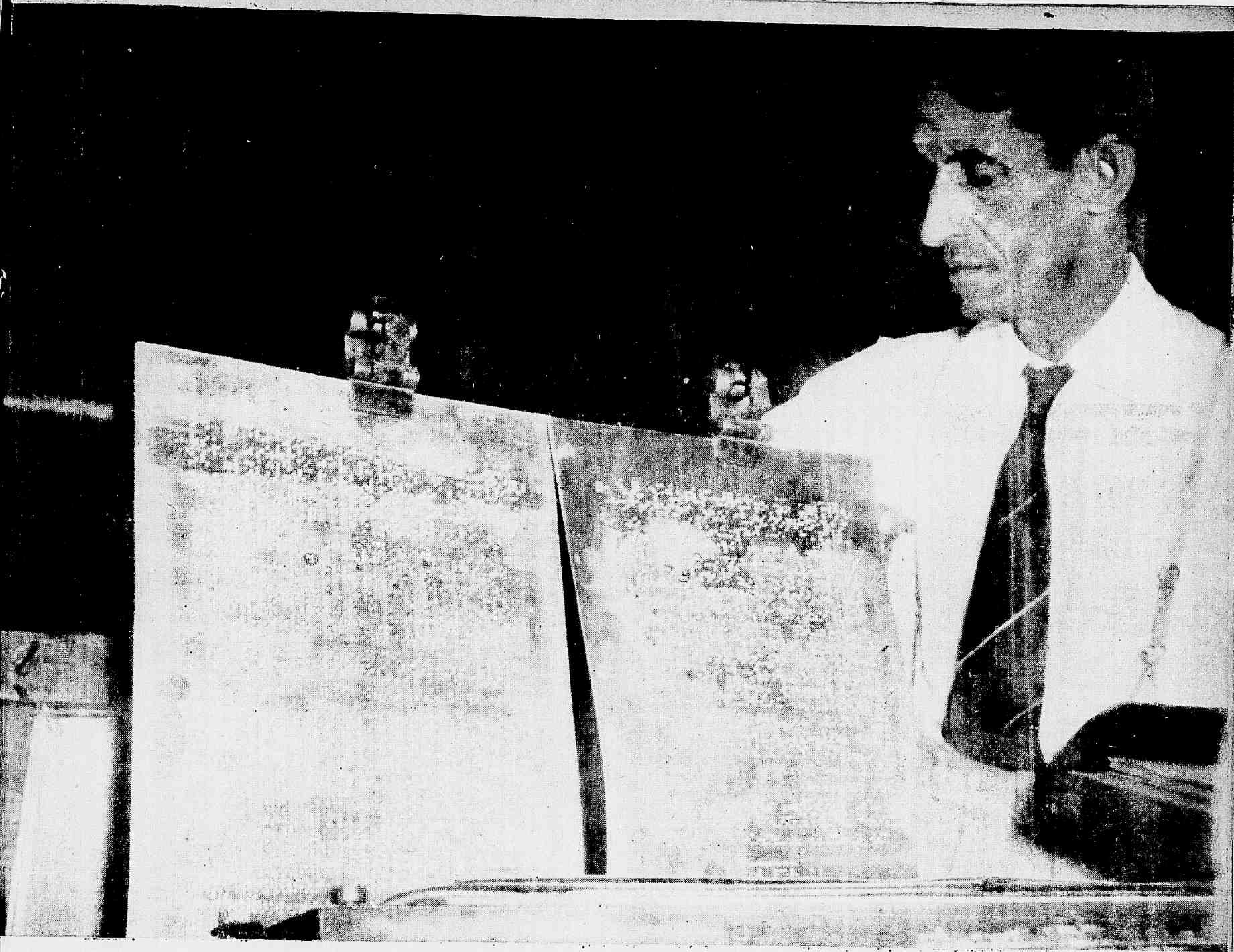


O INSTITUTO Benjamim Constant é uma grande colméia onde os ceguinhos encontram o mel que ameniza um pouco as agruras de sua constante escuridão. Floristas, vassou-



reiros e costureiras encontram novo alento de vida. No detalhe, Braille.





O REPORTER foi encontrar a oficina onde são confeccionados os livros no alfabeto de que Valentin Haüy foi o precursor, um mundo de atividade verdadeiramente espantosa. Cegos revisores, manipuladores e separadores de páginas, coisa verdadeiramente espantosa. Surpreendemos o flagrante acima quando o chefe da oficina Braille, cego também, fazia-nos uma demonstração da arte.

tempo até mil oitocentos e trinta e cinco e vamos encontrar o deputado Cornélio França apresentando ao Congresso um projeto que criara em cada província, um Instituto para Cegos, Surdos e Mudos, projeto êsse que não foi aprovado. Essa foi a primeira tentativa feita no Brasil para a criação de uma casa, com finalidade altruística, que amparasse o cego brasileiro, ministrasse a instrução de que êle carecia, desse-lhe confôrto moral e espiritual. O primeiro idealista foi o deputado a que nos referimos acima. Quem seria o segundo? Nada mais, nada menos do que o Jovem José Álvares Azevedo que, indo a Paris, cursou o Instituto Nacional de Jovens Cegos e, ao regressar ao Brasil, isto em mil oitocentos e cinqüenta e dois, interessou-se por alfabetizar D. Adélia Sigaud, filha do então médico do Paço Imperial, dr. Francisco Xavier Siguad. Os progressos da menina entusiasmaram de tal modo o dr. Sigaud que êste apresentou Azevedo ao Imperador Pedro II que, vendo-o ler, exclamou comovido:

— A cegueira é cruel, mas já não é desgraça!

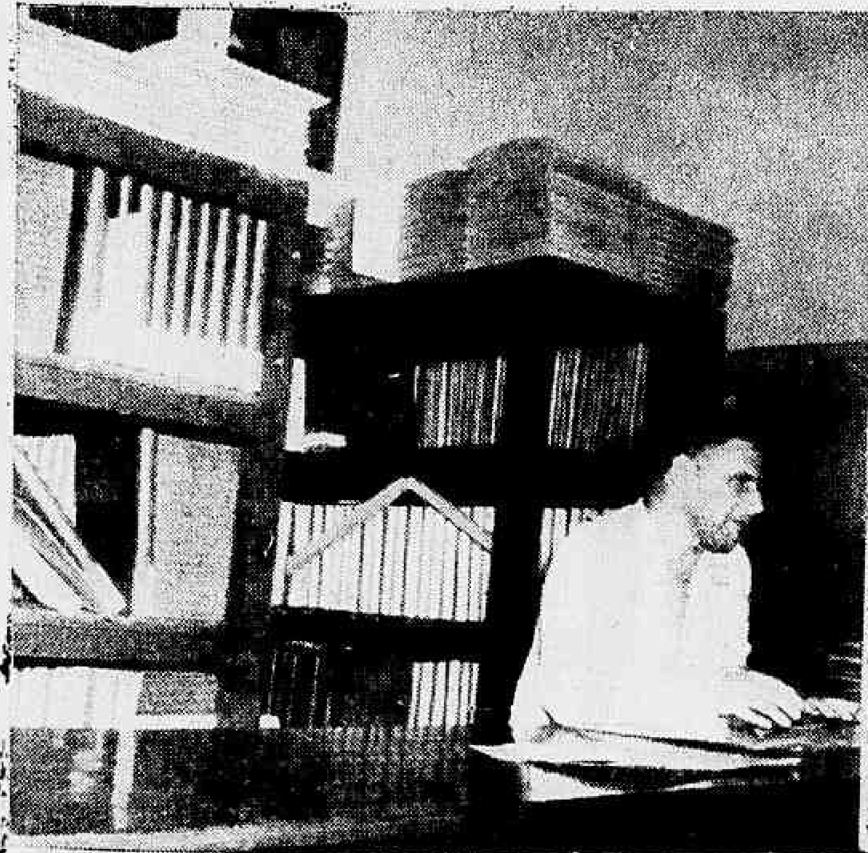
Notando o entusiasmo do Imperador, Azevedo, procurou incutir no espírito de Pedro II a necessidade de um estabelecimento do gênero daquele que cursara.

Depois dos projetos de praxe, o Congresso aprovou a lei que autorizava o imperador, no seu parágrafo primeiro, a criar o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, tendo sido Sigaud seu primeiro diretor.

O pioneiro da criação do Instituto, Álvares de Azevedo, vitimado por pertinás doença não pôde assistir à inauguração do Instituto, tendo morrido seis meses antes do evento.

A dezessete de setembro de mil oitocentos e cinqüenta e quatro, inaugurava-se, na estrada da Gambôa, o Imperial Instituto de Meninos Cegos, tendo Adélia Sigaud, já alfabetizada, como uma de suas professôras.

Você, agora, leitor, quer saber por que o Instituto se chama, atualmente, Benjamim Constant. Porque foi justamente êste notável cidadão brasileiro, seu terceiro diretor, o que mais se distinguiu na obra de amparo à cegueira e, antes de ser diretor, já era professôr do mesmo Instituto. Mais tarde, com a queda da Monarquia, Benjamim Constant foi afastado do cargo de diretor, ocasião em que projetara grandes melhoramentos para o Ins-



OS LIVROS que aparecem no flagrante são todos livros encadernados por cegos. Vemos também um cego em plena faina diária.

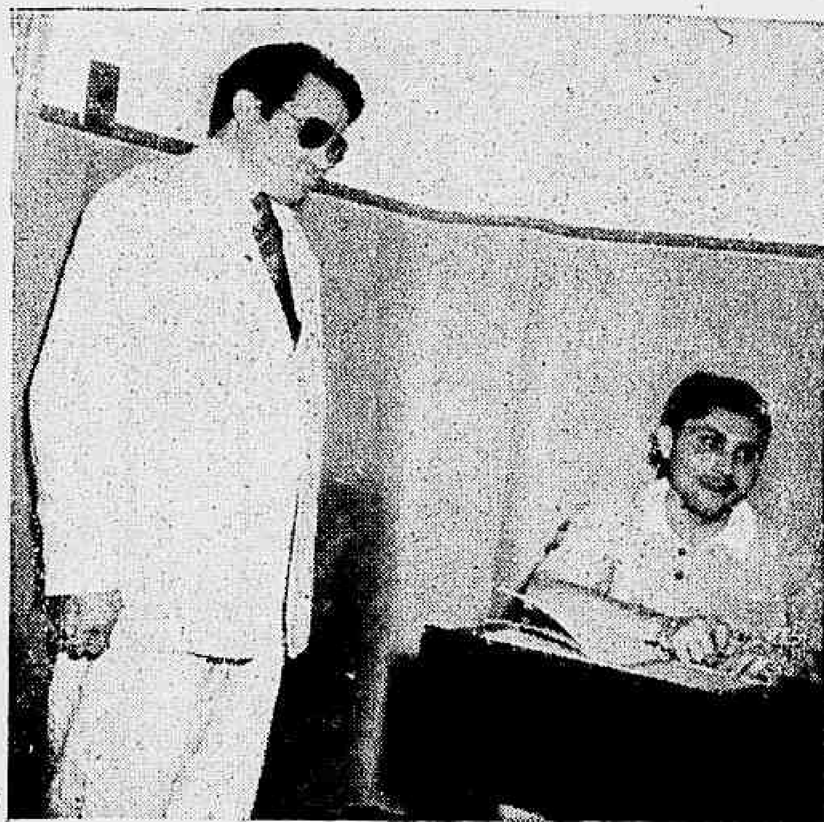


AS linotipistas são as únicas pessoas não cegas que fazem parte da grande oficina Braille. Ela traduz a bem dizer para o Braille.



O REVISOR cego que nos causou admiração por corrigir, com absoluta precisão os erros cometidos pela moça perfeita de visão.

A VIDA DE QUEM NÃO VÊ



PROFESSORES CEGOS SAO OUTRAS surprêsas que o Instituto nos oferece. São homens excepcionalmente cultos que nos deixaram perplexos.

tituto, tendo, por singular coincidência, sido êle mesmo, na qualidade de Ministro dos Correios, Telégrafos, Justiça e Interior, o referendador de sua própria reforma. Legalizada a República, nada mais justo que se desse ao Instituto o nome de Beijamim Constant, seu grande benemérito.

A CEGUEIRA NO BRASIL E NO MUNDO

Infelizmente, nosso país ocupa o quarto lugar no mundo em número de cegos. O país mais atacado pela cegueira é a India, vindo em seguida a Rússia, Portugal, Brasil, Suécia, Hungria, Aústria, Alemanha e outros com menores índices.

De acôrdo com as últimas estatísticas que nos foram exibidas no Instituto Benjamim Constant, o número de cegos no Brasil atinge à cifra constrangedora de setenta e cinco mil, oitocentos e oitenta e seis.

Tempo houve em que a imigração trazia dezenas de disseminadores da doença. Hoje, felizmente, ela não apresenta êsse perigo pois que já está controlada pelo govêrno federal.

As causas da cegueira são infecciosas ou degenerativas. Entre as primeiras, predominantes no sertão, encontram-se as doenças infecciosas como o traucoma, conjuntivites epidêmicas, blenorragias e outras. Entre as segundas, temos o glaucoma e a falta de higiene como as principais.

Conta-se que na India, o maior foco de cegos no mundo inteiro, existia um médico, que, com auxílio apenas de dois pauzinhos, removia u'a média de cem cataratas por dia. Dito método, porém, morreu com seu ideador porque ninguém poderia aprender, dada a agilidade com que executava seu trabalho. A não ser que aparecessem mil cobaias para deixar que os outros treinassem, o que é, prâticamente, impossível.

Por incrível que pareça, o Estado brasileiro que possui maior número de cegos é Sergipe, com 308 cegos para cada cem mil habitantes; depois temos, para cada cem mil habitantes, os seguintes números: Pará, 302; Maranhão, 272; Baía, 263; Rio Grande do Norte, 261; Paraíba, 260; Ceará, 242; ocupam os outros lugares com menores índices, pela ordem, os Estados de Piauí, Pernambuco, Goiás, o território do Acre, os Estados de Alagôas, Amazonas, o Distrito Federal, Mato Grosso, Minas, Rio de Janeiro, Sta. Catarina, Paraná, São Paulo, Espírito Santo e, finalmente, em último lugar, o Rio Grande do Sul.

Os principais focos de cegueiras no Brasil são, pela ordem, o Vale do Mearim, no Maranhão; o vale do Parnaíbo, no Piauí; Pedro II, também no Piauí; o Planalto da Ibiapana e o Cariri, no Ceará. Outros locais como Parque Paulo Afonso; em Pernambuco, Planaltos Ocidentad da Baía, Central, no mesmo Estado e do Brasil e Goiás, Vale do Rio Doce, são outros grandes focos de cegueira.

O INSTITUTO está aparelhado para praticar as mais melindrosas operações na vista humana. Quando penetramos ali, estávamos longe de imaginar até que ponto chegou o aprimoramento da moderna medicina que, a bem dizer, não encontra mais obstáculos.



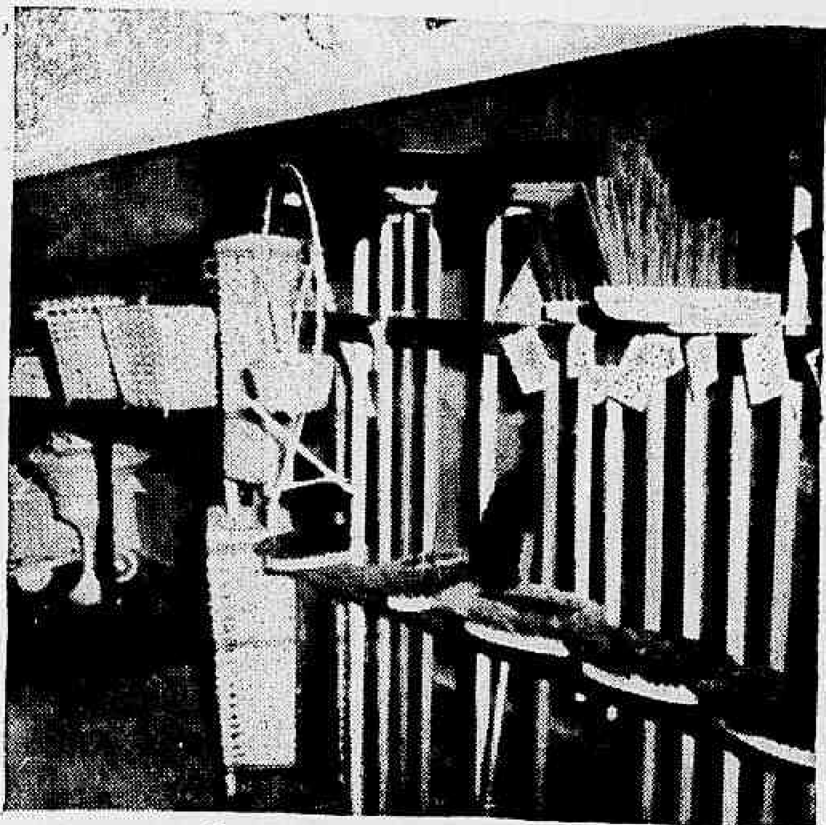
ESTAS SENHORAS, cegas completamente, separam e ordenam as folhas de papel que os encadernadores, mais tarde, dão forma de livro.



UM ASPECTO da oficina de marcenaria, onde jovens cegos se aprimoram na difícil arte. Trabalham com precisão inenerrável.



NA OFICINA de encadernação, a atividade é verdadeiramente espantosa. Todos os serviços da mesma são feitos por cegos.



VASSOURAS, CESTAS, rodos, tudo, depois de feito é colocado em exposição para surprêsa daqueles que visitam o Instituto.

O ALFABETO BRAILLE E SUA ORIGEM

Uma das coisas que mais nos impressionaram, no Instituto, foi a facilidade com que os cegos lêem. Andando por suas centenas de dependências, verificamos, em seus variados ciclos, primário, secundário e colegial, as crianças, os rapazes e as moças, acompanhados de professôres também cegos lendo e seguindo a leitura dos mestres cegos. Observando aquêles pontinhos, por sôbre os quais êles iam passando as mãos e lendo com grande facilidade, consultando vez por outra, um dicionário também em Braille, procuramos, aproximando-nos, tomar pé na estranha escrita. O professor cego, muito gentilmente, se pôs à nossa disposição e começou, no seu estilo didático, a nos dar uma aula. Sentamo-nos e gravamos suas palavras:

— O primeiro dêste alfabeto com que hoje lemos, meu filho, não foi Luiz Braille...

— Perdão, professor, obtemperamos, mas...

— Eu chego lá, meu filho. Como ia dizendo, não foi Braille e sim Valentim Haüy. Ia êle passando por uma das ruas de Paris quando, vendo um cego postado a uma esquina, deu-lhe uma moeda. O cego, passando as mãos sôbre a moeda, disse-lhe o quantum da mesma. Impressionado, Valentim Haüy pensou em fazer um livro, com caracteres em relêvo a fim de que os cegos pudessem ler, mas só pôs em prática seu intento quando, entrando em um café de Paris, viu, sentados ao piano, com partituras à frente, tocando péssimamente, dois cegos, servindo de escárneo aos freqüentadores do bar.

Depois de uma curta pausa, nosso informante cego, continuou:

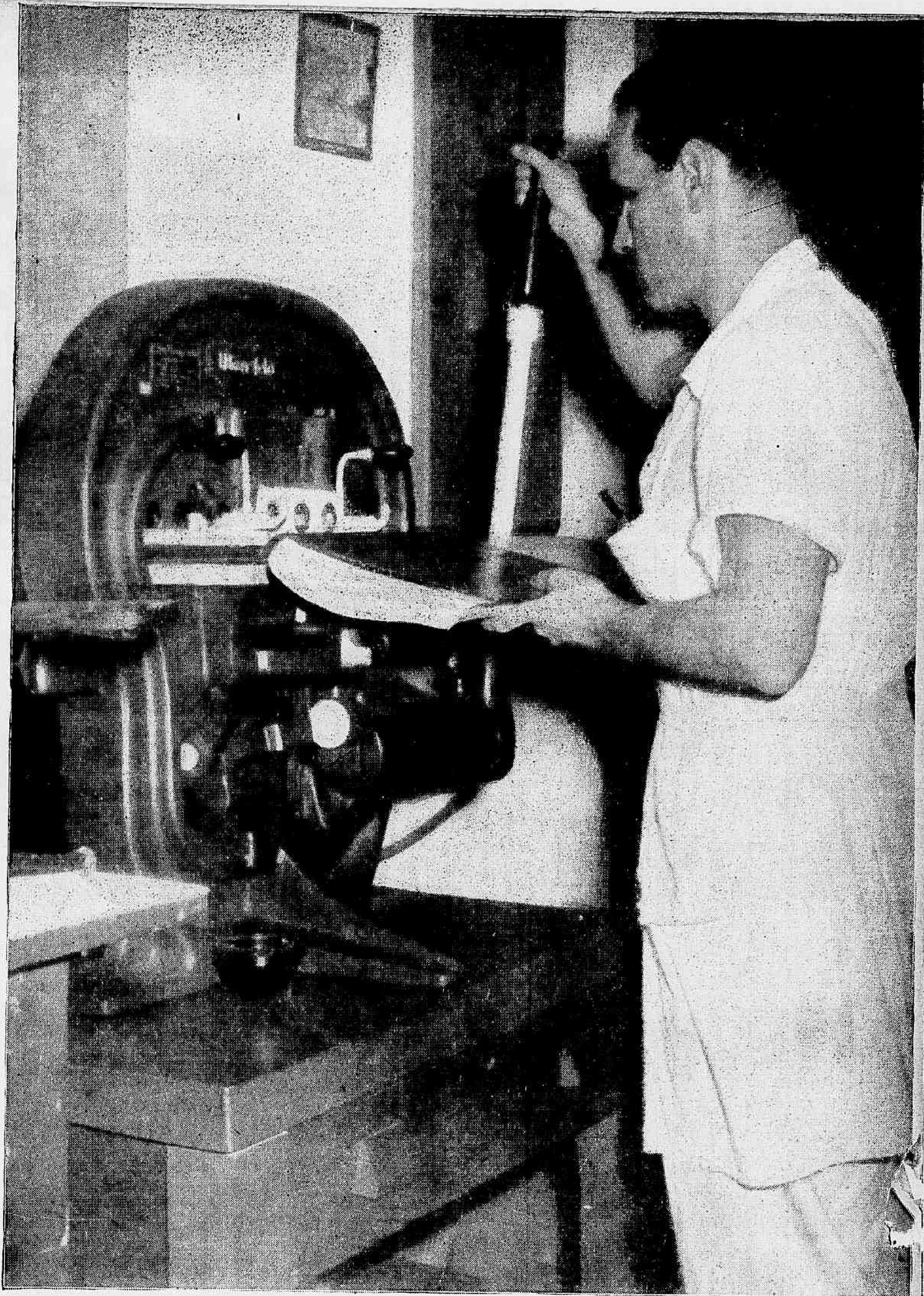
— Pôsto em prática o projeto de Haüy, êsse não deu os resultados esperados, já que a multiplicidade de caracteres dificultava a leitura.

— Sim, já entendemos, foi quando surgiu o nome de Braille, arriscamos.

— Exato, foi quando Luiz Braille, descípulo de Haüy, pensou em um conjunto de seis pontinhos os quais, combinados, substituiam com vantagem os caracteres de Haüy. Em homenagem ao inventor; a escrita tomou o nome de Braille. Mais alguma coisa, meu filho?

Agradecemos ao professor cego e saímos em busca da imprensa Braille, anexa ao Instituto Benjamim Constant, aonde fomos encontrar dezenas de cegos trabalhando como se tivessem as vistas perfeitas. Moças passavam para o Braille, em chapas a tradução, vamos dizer assim, da escrita comum, enquanto revisores cegos (pasmem, senhores), tateando, iam apontando êrros das jovens perfeitas de visão. Pôsto o serviço a contento, dita chapas são levadas à oficina, onde operários cegos manejando hàbilmente suas máquinas, encarregam-se de pôr no papel aquêles pontinhos em re-

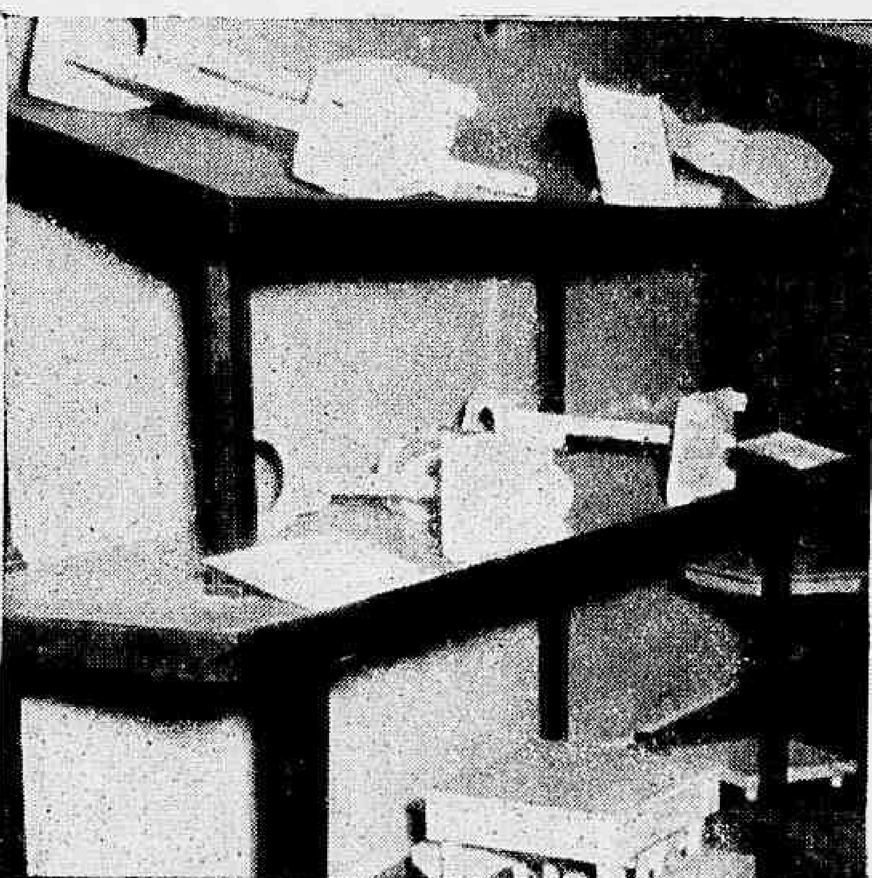
(Cont. na pág. 44)



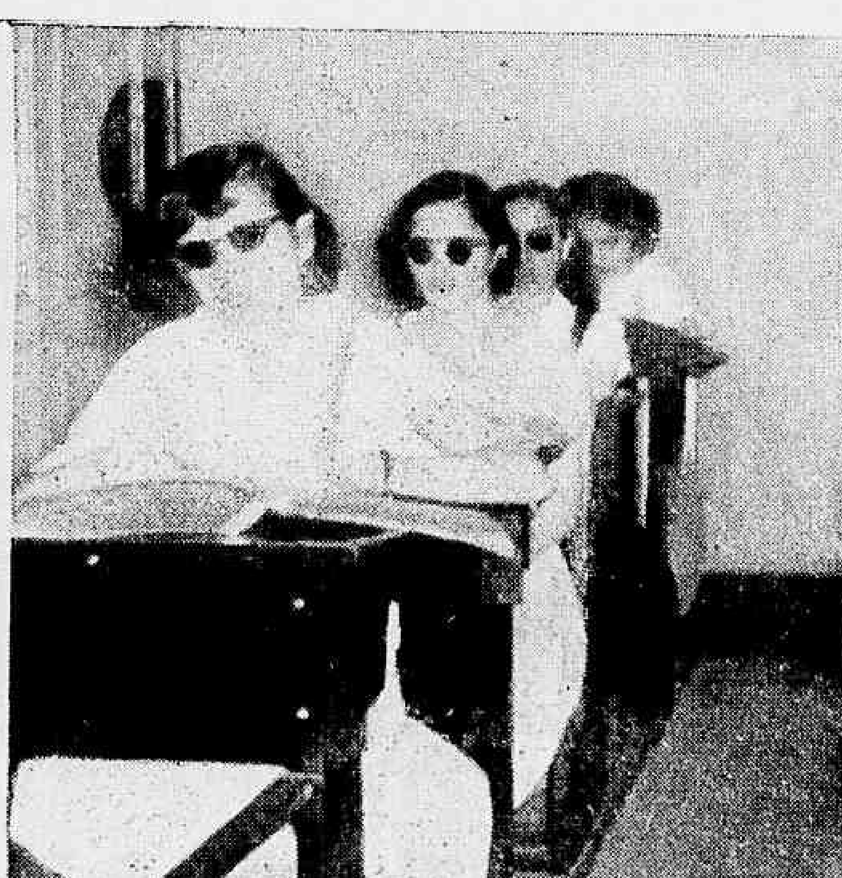
COM PRECISÃO absoluta êste operário cego prepara-se para chanfrar o livro já encadernado. Daí dito livro segue para a biblioteca, onde vai fazer o encantamento de centenas de jovens cegos que encontram nos dedos um substituto dos olhos.



O ESTUDO de geografia, com professor cego, e mapa em alto relêvo. Um menino cego é capaz de apontar um acidente geográfico mais depressa que nós.



OS TRABALHOS de madeira já em exposição. Tamancos, coadores de café, banquinhos, tudo talhado com perfeição absoluta.

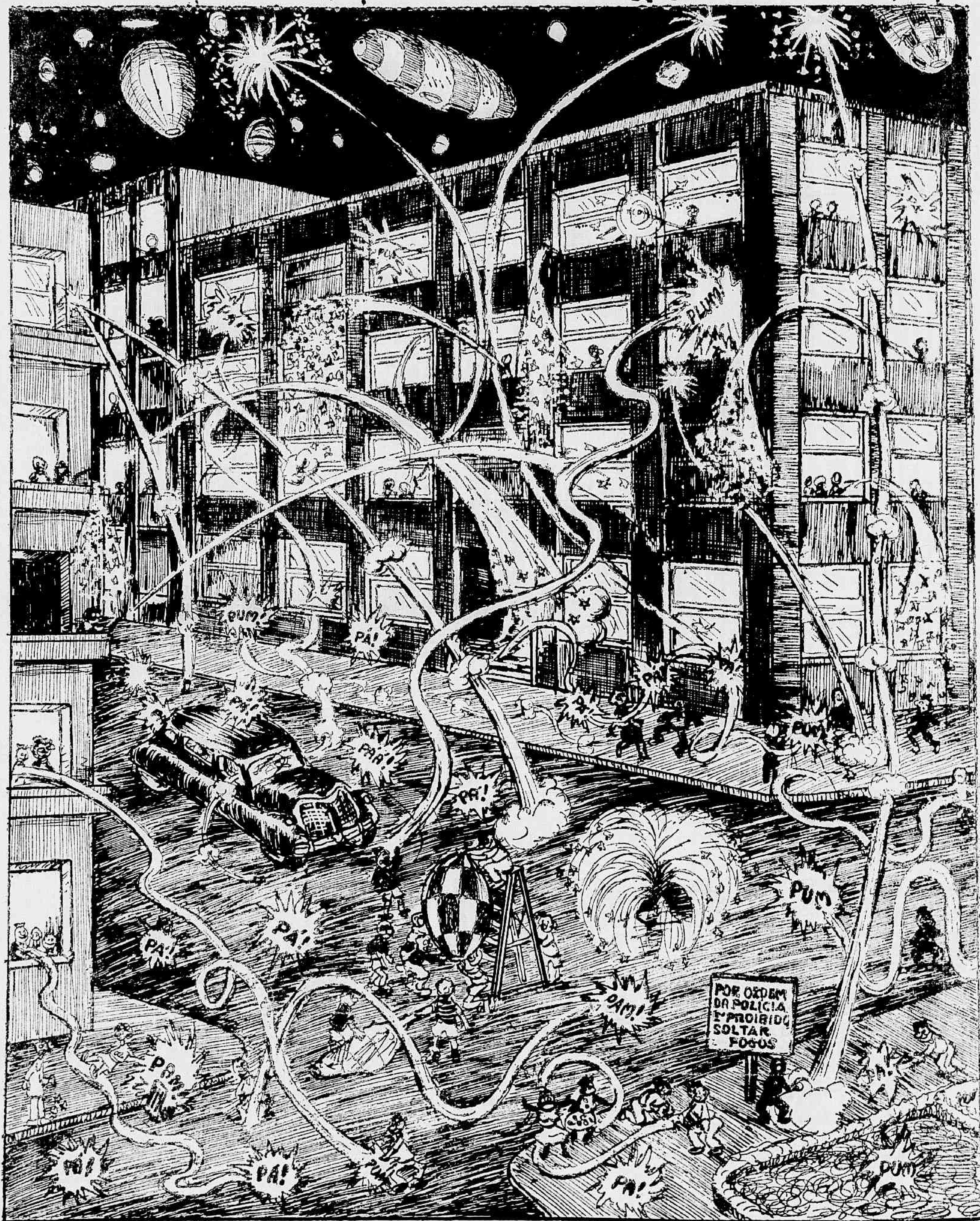


DETALHE de uma aula do curso primário, vendo-se as meninas (os sexos são separados) com tôda a atenção no professor cego.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CREAÇÃO DE DARCY

Cidade Maravilhosa!
2) Quando chega S. João



O "PROFESSOR" DEMÓSTENES

HAVIA terminado a matinê barulhenta do cinema do Brás. Demóstenes estava à porta para ver as pequenas que saiam. Quase tôdas, muito pintadas, estavam acompanhadas de namorados que êle intimamente invejava. Sabia da sua timidez e do seu complexo de inferioridade, sobretudo com relação ás mulheres. Quantas vêzes êle se imaginava um autêntico herói, admirado pelas mulheres e pelos homens! Nessas fantasias intimas êle sabia como agir e falar em qualquer circunstância, fazia discursos de improviso, enfrentava platéias, convencia e era eloquente! As pequenas se apaixonavam por êle. Tinha personalidade! Na realidade entretanto, ninguem reconhecia nêle o herói... Nessas ocasiões lembrava-se do conselho paterno:

— Meu filho, você deve falar um pouco mais alto e com algum desembaraço, quando estiver diante de uma pessoa importante, e não corar tanto...

Êle ficava acabrunhado e prometia, a si mesmo, comprar algum livro que ensinasse essas coisas. Ainda não havia comprado, mas compraria. Por enquanto continuaria a viver seu mundo intimo.

Depois que as portas do cinema ficaram desertas êle tomou o rumo da Estação da Inglêsa, e parou encostado à grade através da qual via a plataforma cheia de passageiros aguardando o trem. A saudade apertou-lhe o coração. Como detestava a Capital! Tôda vez que passava por uma estação de trem lembrava-se, melancólico, de Mococa — sua cidade, — da familia, dos amigos e principalmente da Marita. Ela tomava quase todo o seu pensamento nas horas de folga. Ela era a mulher com quem êle haveria de se casar um dia. Essa idéia trouxe-lhe uma sensação de felicidade. Demóstenes procurava sempre nessa idéia a compensação para suas tristezas.

O apito do trem que partia acordou-o. Seguiu para a casa do tio, no caminho, pôs-se outra vez em contato com seu mundo íntimo planejando o futuro e vasculhando o passado: Estava com 17 anos. Aos 18 completaria o curso de mestria no Instituto Profissional da rua Piratininga. Se fôsse feliz e conseguisse a influência de um padrinho, arranjaria um lugar de mestre na Profissional da sua cidade. Seria maravilhoso voltar para lá com aquêle cargo. Ali os mestres eram chamados, pelas famílias dos alunos, "professor". E todos os professôres tinham prestígio na sociedade!

Os seus pais ficariam orgulhosos, e êles tinham êsse direito porque a sua manutenção na Capital custava-lhe sacrifícios enormes! A pensão, que era o meio de vida da família, apenas cobria as despêsas. Êle sabia que freqüentemente os pais deixavam o padeiro ou o armazem para completar-lhe a mesada. Demóstenes já havia, consigo mesmo, assumido o compromisso de recompensar os pais por aquêles sacrifícios. Quando fôsse "professor" e recebesse o ordenado, iria aos credores do pai e diria:

— O senhor quer fazer o favor de liquidar a conta do meu pai?! Entregaria uma cédula de 500 cruzeiros.

No fim do mês o pai procuraria, humildemente, dar alguma coisa por conta ao comerciante, como sempre acontecia, e ouviria estupefato esta resposta:

— Senhor Natale, o seu filho, o "Professor Demóstenes, já pagou tudo! O senhor tem um filho muito ajuizado e muito bom! Deve orgulhar-se dêle!

Possivelmente o jornalzinho da cidade publicaria a sua nomeação para a Escola com algumas palavras elogiosas e muitas famílias, pobres como a dêle, citariam o seu nome aos filhos como exemplo! Durante as férias e todos os domingos êle iria visitar a Marita, que residia em S. José, cidade vizinha. Iria embarcado sempre na 1.ª classe. Ela morava perto da estação e estaria lá esperando por êle.

A Marita, para êle, era diferente de tôdas as outras. Ativa, muito desembaraçada. Conversava com pessoas importantes sem se perturbar e sem ficar corada. Demóstenes se lembrava quase tôdas as noites de como a conhecera: O irmão dela era hóspede da pensão e trabalhava no comércio. Uma ocasião ela viera com outra irmã assistir a um baile e passar alguns dias com o irmão.

Demóstenes estava em vésperas de partir para São Paulo onde tiraria o curso de "Professor". Contava apenas 16 anos e nunca havia amado. A palavra Amor para êle, até aquela época, era tão inexpressiva quanto a palavra Mulher. Não trocaria uma fita de mocinho ou uma partida de futebol pelas duas coisas.

Marita e a irmã queriam conhecer a cidade aonde vinham pela primeira vez e que rivalizava com a delas. Demóstenes foi o cicerone.

Começaram os passeios:

— Marita — êle se dirigia sempre a ela — esta é a nossa igreja matriz. E' a mais bonita do interior! Agora vamos ao jardim que é também um dos mais pitorescos do Estado. Lá embaixo está a Fonte dos Amôres. Todos os anos, no trote dos estudantes do ginásio, os calouros são atirados dentro dágua com roupa e tudo... Vamos à piscina. Esta piscina também é a melhor do interior, veja como é alto o trampolin! Foi construida por um fazendeiro rico que a doou à cidade.

Marita e a irmã riam-se muito. Demóstenes não sabia compreender se estava dizendo alguma coisa engraçada ou se elas sentindo-se humilhadas ante a grandeza do que viam, riam para... disfarçar.

— Demóstenes, perguntou Marita, vocês não têm aqui alguma coisa que seja a maior do Brasil?!

— Do Brasil!... Nós temos um Convento de Capuchinhos que é o maior da América do Sul!!! Amanhã iremos lá.

Uma tarde Demóstenes foi comprar um par de sapatos de que êle necessitava. Foi feliz, correndo, à loja, e trouxe dois para a escolha.

Entrou precipitado na sala onde Marita estava só, sentada no sofá, com olhar sonhador, tamborilando nos dentes com um pedaço de lapis. Tinha os lábios carnudos ligeiramente abertos.

Demóstenes sentou-se ao lado esquerdo dela, abriu as duas caixas de sapatos e perguntou qual lhe agradava.

— Êste prêto é mais distinto e mais elegante.

Depois de algum silêncio, ela apontando com o lapis o vértice direito dos lábios, disse:

— Demóstenes veja que pintinha bonita eu tenho aqui!

Como ela não se movesse êle torceu o corpo e procurou ver a pintinha. Não havia nenhuma.

— Não vi nada!

Marita riu sem vontade de rir e escreveu na tampa da caixa que estava entre as mãos dêle: "Demóstenes bôbo".

Naquele dia à noite, Marita, no cinema, tomou a mão dêle e apertou-a com fôrça. Demóstenes sentiu todo seu corpo fremir, e compreendeu porque era bôbo.

Quando regressaram do cinema, em casa, Demóstenes que já não era dono de si, abraçou Marita na cintura com desespero e deu-lhe o beijo que êle nunca mais esqueceria porque era o primeiro.

Indescritível a transformação que êle sentiu no dia sequinte. O amor havia explodido dentro dêle.

Queria beijar e acariciar Marita a todo momento. Desejou que a vida parasse e que aquêles instantes junto dela se eternizassem. Só então notou como ela era linda. Loira; rosto, seios, e corpo bem talhados. Achava-a perfeita!

Demóstenes teve naqueles dias, os mais felizes da sua vida.

Os poucos dias que ainda passaram juntos voaram e a separação cruel chegou. Numa manhã igual a tôdas êle acompanhou-a até a estação e não soube articular uma só palavra de despedida. Nada prometeu, nada combinou. Voltou para casa onde tudo perdera o encanto. Muitas vêzes pensou que aquilo havia sido um sonho. Para quem o primeiro amor não foi um sonho!?

Alguns dias depois embarcou para S. Paulo com a cabeça cheia de planos, o coração cheio de saudades e os bolços quase vasios.

No princípio foi horrível. Ocupou, na casa do tio onde ficaria hospedado, um quartinho acanhado, escuro e cheio de malas e caixotes. A rua também era escura, situada no Brás.

À noitinha Demóstenes ficava à janela apreciando o desfile de carroções puxados a burro que se recolhiam à refinaria de açúcar e café localizada ali perto. Aquêle monótono barulho dos pequenos sinos que os animais traziam ao pescôço, e o atrito das ferraduras nos paralelepipe-

(Cont. na pág. 42)

NOVELA DE **JOÃO ZAMARIAN**
ILUSTRAÇÃO DE **ARMANDO PACHECO**



OS TRAPEZISTAS DA ESPLANADA DO CASTELO

OS "ZUGSPITZ" E UM REPÓRTER CAUSAM SENSAÇÃO NO RIO DE JANEIRO

COMPATRIOTAS DE HITLER ARRISCAM A VIDA POR DEZ CRUZEIROS ★ INCRÍVEIS ACROBACIAS A SETENTA METROS DO SOLO ★ O REPÓRTER DA "REVISTA DA SEMANA" FOI FOTOGRAFÁ-LOS EM PLENO ESPAÇO ★ AS EMOÇÕES DO PÚBLICO E DO JORNALISTA ★ O BEIJO DA VITÓRIA ★ O QUE É, REALMENTE, ÊSSE GRANDE ESPETÁCULO!

Reportagem de JORGE LYRA e VINICIUS LIMA

OS MALABARISTAS do espaço caminhando sôbre um fio de aço, no qual se elevam até a altura de setenta metros. Nessa mesma motocicleta Vinicius Lima subiu para fazer as fotos da presente reportagem.

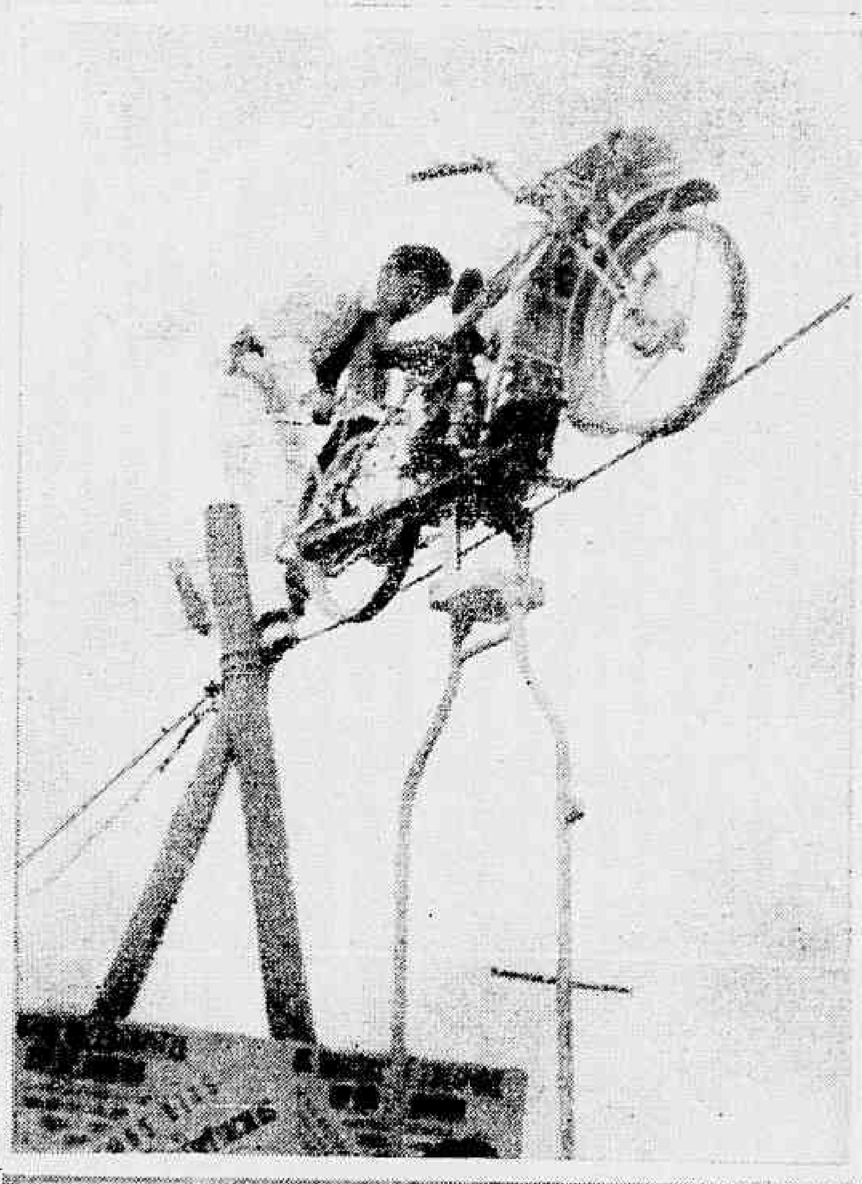
O Rio de Janeiro torna-se, dia a dia, o centro das atenções do mundo inteiro. Para aqui convergem os mais categorizados clubes de futebol do orbe, os mais famosos "ballets", os maiores artistas de tôdas as artes, os grandes intelectuais de todos os países que vêm buscar, na beleza grandiosa de nossa pátria, a inspiração para as suas obras. Dentre as sensações que esta verdadeira romaria de astros oferece ao público brasileiro, nenhuma se compara à dêsses arrojados trapezistas alemães que, por dez cruzeiros, arriscam a própria vida.

Naquele sábado ensolarado, em dia com as nossas obrigações redatoriais, fomos assistir ao inesquecível espetáculo, a fim de espairecer um pouco o espírito cansado das labutas cotidianas. Longe estávamos de imaginar que, ao invés do nosso desideratum, íamos sofrer as maiores emoções por que já passára o nosso coração de moço...

Cigarro ao canto da bôca, passeávamos despreocupados, observando aquêles vários fios que se cruzavam em diversas direções, sem compreender qual a sua utilidade. A música, que emanava do altofalante e a voz do locutor anunciando para daí a poucos instantes o início do espetáculo, criavam em tôrno de nós e todos os presentes, um clima de angustiosa expectativa. Nenhum conhecido se nos deparava para que nos explicasse o por quê daqueles fios que se cruzavam. Já lamentávamos não haver convidado um amigo para nos acompanhar quando, olhando para um banco de madeira que existe a um



O PÚBLICO acompanha emocionado lance por lance do espetáculo. A fotografia dá uma idéia da altura em que se exibem os acrobatas alemães, sem rêdes de proteção ou seguro de vida... Apenas os pontos brancos se vê, tal é a distância que os separa do solo. Tudo isso por apenas 10 cruzeiros. Ganhando a vida arriscando a vida, pela vida...



UM EXAME MINUCIOSO da moto, antes da partida. Depois a caminhada espetacular pelo fio de aço. Dois artistas já morreram durante exibições idênticas a essas.

FOTOGRAFIAS SENSACIONAIS obtidas por Vinicius Lima equilibrado num trapézio pendente da motocicleta a 60 metros de altura

ESTE NÚMERO, den
Morte" provoca calafr
um dos artistas cruza

E COM A vista fustigada pelo vento sentiu turvar-se-lhe a vista. Mas reabilitou-se e prosseguiu no trabalho, um dos maiores feitos jornalísticos da atualidade!

MUITA GENTE des
espetáculo, mórme
pelo repórter que
cia perfeita do n

minado "Passagem da
na assistência porque
om o outro no espaço.

MOMENTO CULMINANTE fotografado por Vinícius e que lhe ia custando caro. Pois o repórter quase perde o equilíbrio por ter os olhos fixos no visor da máquina.

de olhar o fabuloso
no instante fixado
onseguiu a seqüên-
ro de malabarismo

UM MOMENTO que o público não percebeu. Um dos artistas perdeu momentâneamente o equilíbrio e ia se apoiando no outro, o que seria fatal para ambos. Mas voltou à calma

OS TRAPEZISTAS DA



JÁ PERDERAM sim o amor pela vida. Pois um jovem de 17 anos morreu de emoção por fazer o mesmo que o da foto está fazendo. Será isso loucura?...

canto, deparamos o nosso colega Vinicius Lima. Estava calado, pensativo, macambúzio mesmo. Aproximamo-nos e perguntamos:

— Que faz você aí?

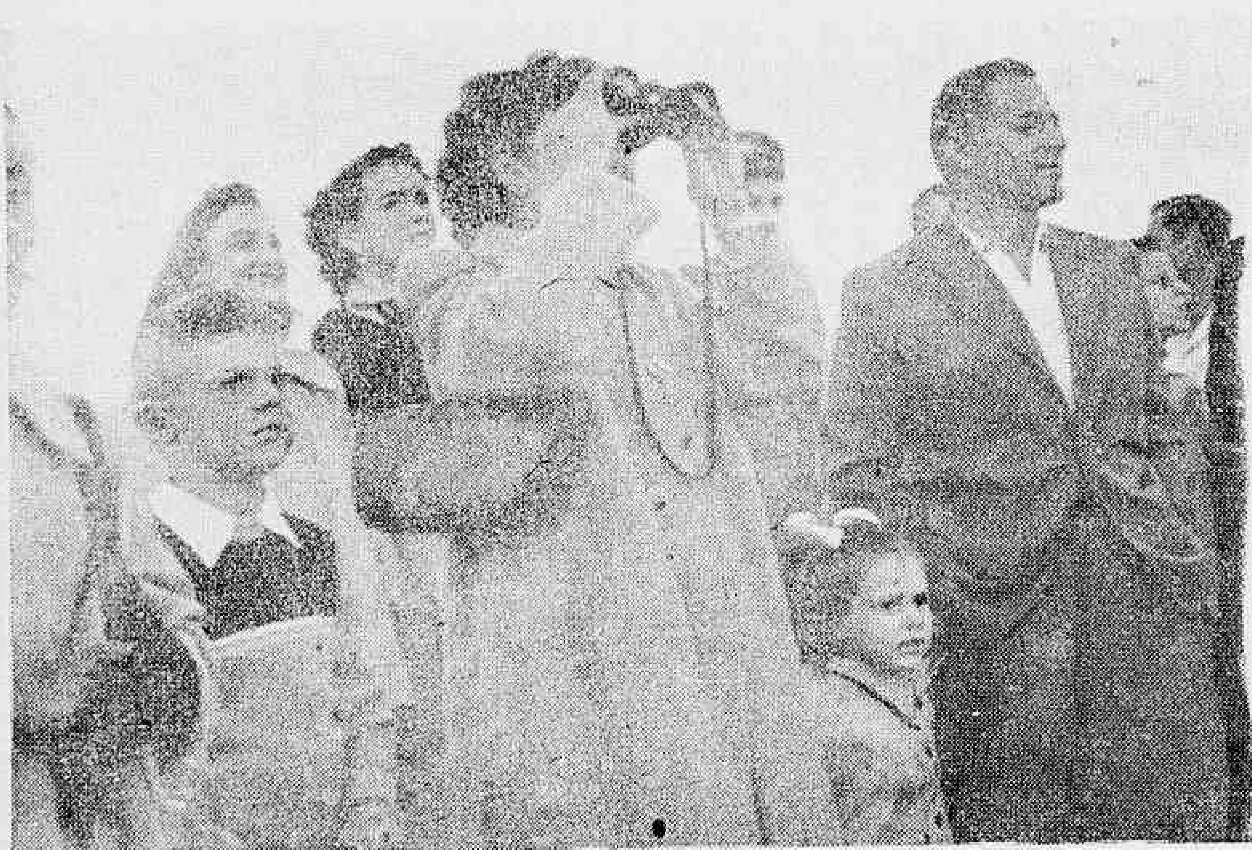
— Imagine você que o secretário mandou-me fazer esta reportagem sòzinho.

— Eu ajudo você!

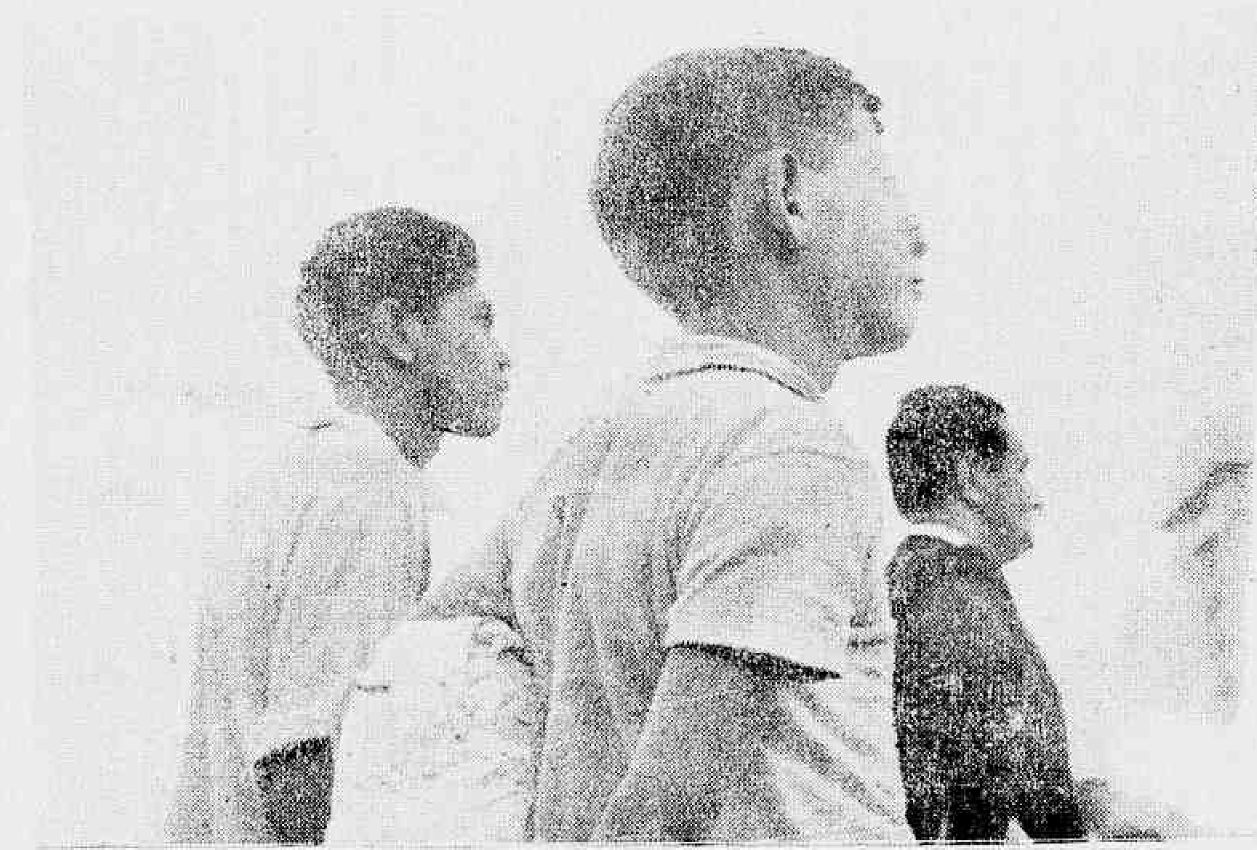
Nosso colega passou a mão pela testa, limpou o suor que escorria, levantou-se, deu um muchocho e saiu conosco. Enquanto andava, ia mostrando as equipes que vários jornais e revistas desta e de outras capitais haviam mandado para fazer a cobertura do espetáculo. Só então compreendemos a razão do muchocho do nosso amigo. Mas a sua explicação veio corroborar nosso pensamento:

— Que podemos nós dois, e você ainda sem máquina fotográfica?

PRIMEIRA FOTOGRAFIA batida no espaço pelo repórter. Tudo ia diminuindo cá em baixo e o povo curioso aglomerava-se forçado pelo sucesso do jornalista. Foi um momento em que o jornalismo superou o espetáculo...



DE BINÓCULO ou sem binóculo as expressões dizem bem do nervosismo que se apossa dos espectadores. Vejam essas duas crianças que aparecem na foto, por exemplo.



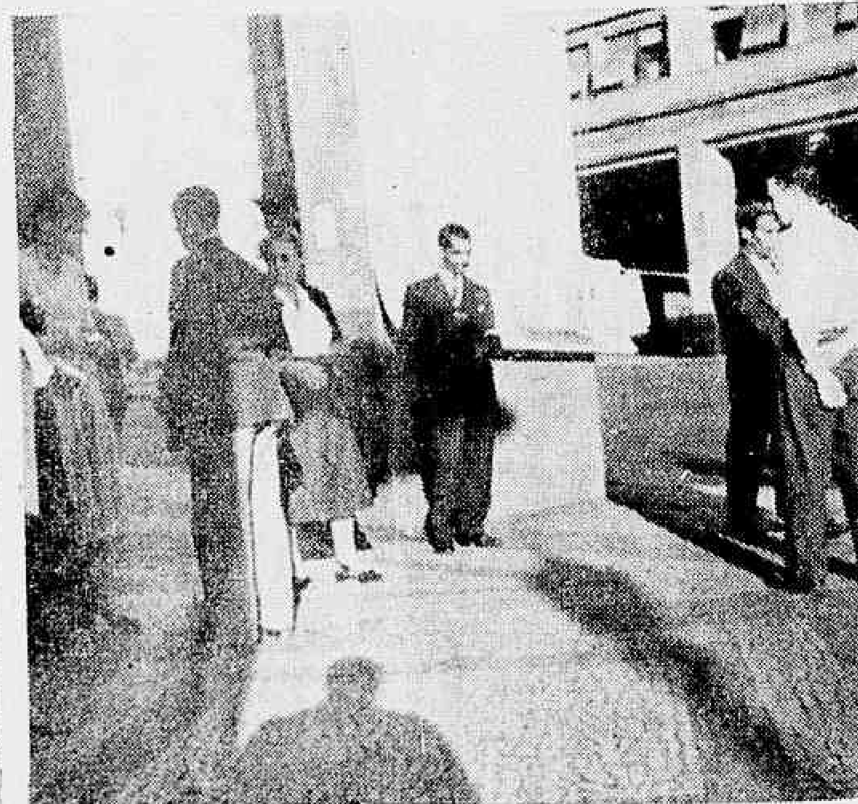
ATÉ O MENINO que ia levar a roupa lavada do freguês ficou absorvido pelo espetáculo. E' interessante como prende admiração de todos êsse espetáculo único no mundo.



BILHETERIA ao ar livre. Isso também não é diferente? Eis uma senhora comprando entrada na «portaria»...



ÊSSES TRABALHADORES da Cia. de Gás ficaram três horas soldando um cano de chumbo de 5 milímetros.



OUTRA senhora compra o seu ingresso para ver os alemães acrobatas, os homens que já perderam todo amor à vida.

ESPLANADA DO CASTELO



INSTANTÂNEO batido do trapézio pelo jornalista quando era conduzido pelo alemão numa altura de 60 metros.

Vinicius Lima tinha razão, perderiamos a batalha da noticia. Acabrunhados, voltamos ao banco onde o encontráramos, sentamo-nos e, cabeças apoiadas nas mãos, ficamos tentando encontrar uma solução que viesse pôr fim à nossa angústia. Enquanto matutávamos, sentimos nosso companheiro levantar-se eufórico e batendo a mão na testa, exclamar satisfeito:

— "Seu" Lyra, achei a solução!

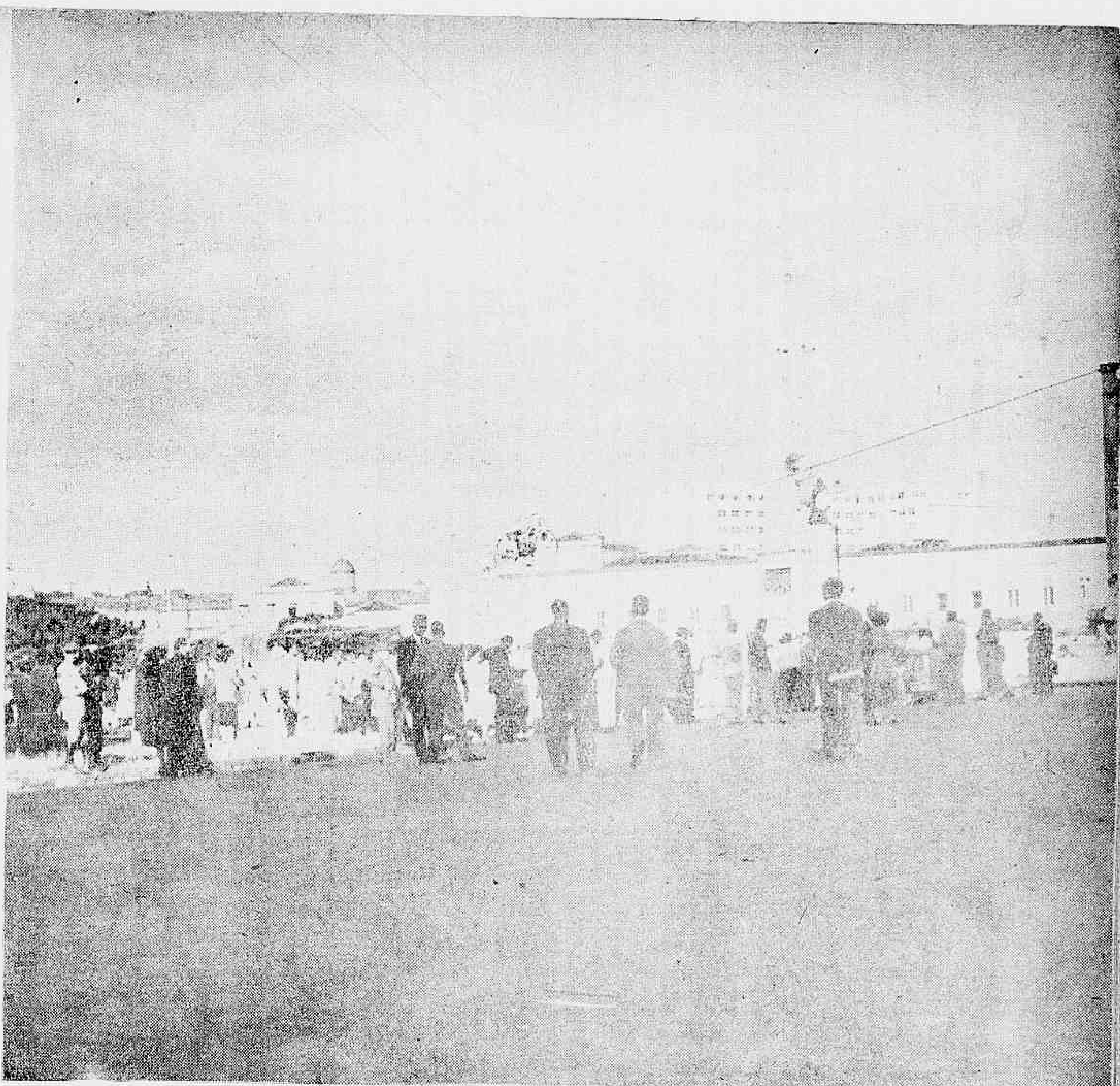
Será que o nosso companheiro enlouquecera? Que solução êle poderia achar para um problema tão intrincado? Antes que formulássemos qualquer hipótese, êle explicou seu plano:

— Você fica de fora observando tudo e eu vou subir com os artistas.

Levantamo-nos de um pulo, seguramos o ombro do Venicius, olhamo-lo nos olhos e perguntamos:

— Você está no seu juizo perfeito?

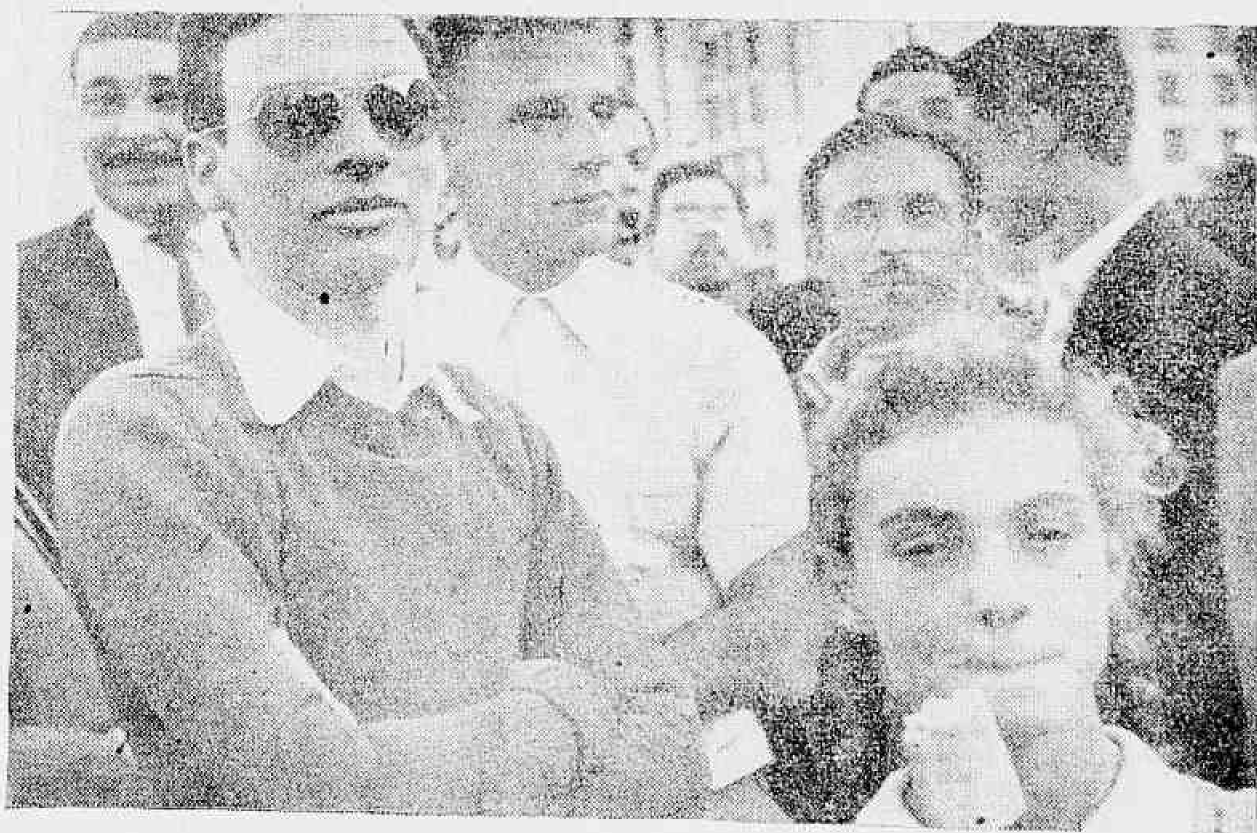
(Cont. na pág. 44)



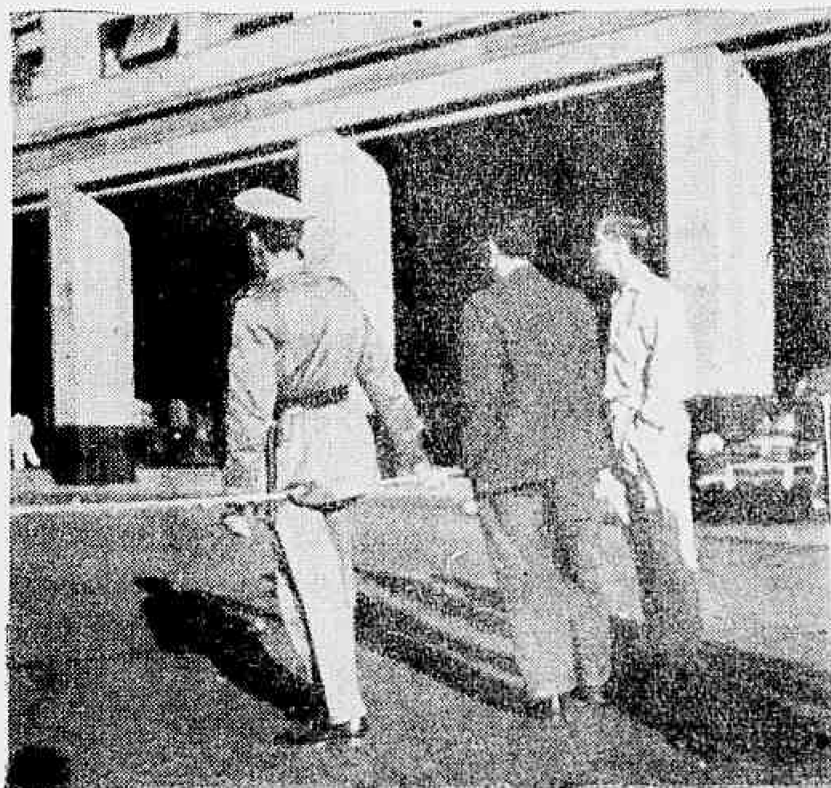
OUTRA FOTO batida do alto pelo reporter. Nesse momento soprava um vento forte. O trapézio embalou fortemente dando a impressão de que iria se despencar. Então os espectadores fizeram um «Oh!» alarmante.



OS DOIS ALEMÃES dirigentes da Companhia. Viajam desde a Alemanha num caminhão que os tem levado pelo mundo a fora. Irão para São Paulo agora. Depois irão à Recife.



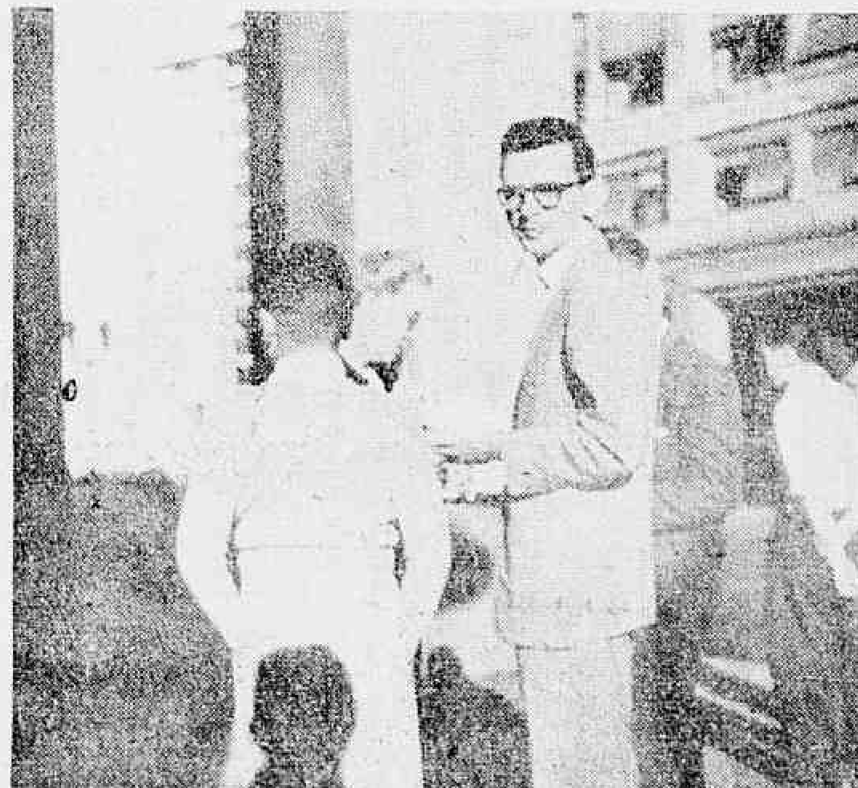
ALEMÃES RESIDENTES NO BRASIL, olham embevecidos para o repórter, orgulhosos de seus patrícios que estão provando que o alemão gosta de estar por cima...



A POLICIA que garante o espetáculo monta guarda para que não haja invasão do terreno reservado aos artistas.



OS «CARONAS» são inúmeros. Aliás, dessa cazinha humilde se vê tudo perfeitamente, e de graça.



MAS OS QUE «FURAM» os cordões de isolamento são apanhados porque existe rigorosa fiscalização, o que é justo.

Nem CORÔA!

A MAGIA NEGRA EMPREGA UM ARSENAL VIL, IGNOBIL, DESPREZIVEL: HERVAS E FLORES ENVENENADAS, ANIMAIS IMUNDOS, OSSOS, GORDURAS DE CADAVERES, DINHEIRO, RESTOS DE ALIMENTOS, BEBERAGENS, TUDO LIGADO A UM PROFUNDO CONHECIMENTO DE TOXICOLOGIA. FOI EMPREGANDO ESSA CIENCIA CRIMINOSA QUE OS ANTIGOS FEITICEIROS SE TORNARAM TÃO TEMIDOS...



A TOXICOLOGIA ERA USADA NAS LUVAS ENVENENADAS, NOS LIVROS CONTAMINADOS COM PERIGOSAS SUBSTANCIAS, NOS PERFUMES E ANEIS MORTIFEROS, DENTRE OS QUAIS FICOU FAMOSO O DE LUCRECIA BORGIA...



PENSAMENTO — A MENTIRA MAIS ESPALHADA PELO MUNDO E' A CONHECIDA FRASE "SINTO MUITO."

Q. BOCAYUVA

CHOVE NO...

(Cant. da pág. 13)

com água, alguns farelos de pão, um pouco de farinha derramada e um pedaço de rapadura; o filhinho, Antônio (Tinoco, como passamos a chamar), Tonico dos olhos arregalados e famintos, de apenas 9 anos; trazia, ainda, nos pés magros e calejados a poeira das estradas durante sua penosa e longa viagem a pé de Fortaleza a Souza. Chegou lá em casa sofrendo de miséria e de amor. Sim, com sêde de amor e de vingança. Lá em Fortaleza fôra enganado, vilmente atraiçoado por Maria sua ex-mulher, mulher volúvel, enganadora, que, a princípio se perdera de amôres pelo marinheiro Miguel — Miguel espadaudo, do peito cabeludo, que sabia beijar... — e, por último, abandonada por êste, passara à vida desgraçada de uma mulher infeliz naquela cidade. Maria dos olhos redondos, maliciosos, prêtos, bem grandes, mortiços como os ocasos. Mesmo assim ainda amava a mulher infiel, pois bastava balbuciar o seu nome, as lágrimas inundavam-lhe os olhos encovados pela dor. Madrinha abraçava-o e penteava-lhe os cabelos ralos com os dedos nervosos. Fôra o único sem sorte, por ter sido a ovelha desgarrada da família. Saiu de casa muito moço, emigrando para outras terras, tentado assim construir a felicidade com aventuras inúmeras. Agora, já ferro velho, imprestável, pela 1.ª vês, após decorridos 40 anos, procurava um parente, batendo à nossa porta naquela noite de novembro, em Souza. Lembro-me que fazia luar porque filtrava uma claridade muito forte do céu pela telha de vidro do meu quarto. O meu mêdo, entretanto, na solidão da casa silenciosa, naquela madrugada, foi transformado, decorridos alguns dias de convivência com o meu tio Livio, num verdadeiro rosário de piedade e enternecimento. Eu e Lúcia tinhamos, agora, em Tonico, mais um companheiro para os nossos folguedos inocentes à sombra do catavento do largo. Mamãe derramava-lhe na cabecinha magra e queimada beijos misturados com lágrimas, que nunca recebera antes. O seu gôsto pelos brinquedos de barro evidenciára-se certo sábado em que fôra conosco à feira, quando adquiriu, por um tostão, um deselegante e rústico galo feito daquela matéria. Os nossos carros, o velocípede, a locomotiva de corda não o entusiasmavam. Dessem-lhe uma caneca de água, uma faca e o quintal enorme, lá iamos encontrá-lo acocorado fazendo bolinhos de terra e, com forminhas de caixa de fósforo, tijolos de areia. Quando lhe mostrei, entretanto, aquela minha espinguarda de balas de cortiça, fixou apaixonado. Levava-a, agora, para o quintal, deitando-se com ela sôbre um monte de barro, despejando um olhar lânguido e penoso sôbre o cano de metal brilhante. Mamãe, certo dia, prometera-lhe uma igual. Era só fazer o pedido a Papai Noel para o Natal que se aproximava. Uma noite após a ceia, em volta da mesa elástica da sala de jantar, tio Livio mostrou-se desejoso de voltar a Floresta para rever a filhinha de 11 anos, confiada aos cuidados de Irmãs de Caridade de um pensionato de meninas pobres. Creuza era o seu nome. Ficou, então, combinado que êle partiria na madrugada do dia seguinte, na condição, entretanto, de estar de volta no prazo de quinze dias para passar o Natal conosco, daí fixando-se definitivamente com as creanças em nossa casa. Não vi o seu embarque, pois viajou no trem da noite que deixou Souza às quatro em ponto. Lembro-me, entretanto, que na manhã do dia seguinte a nossa empregada Severina regou o chão do quarto grande do quintal onde dormia o tio Livio, com criolina. Muita cal também foi derramada por todo o piso. As cortinas foram descidas das sanefas e fervidas em água quente dentro de tambores sôbre trempes no meio do quintal. Janelas abertas. Portas escancaradas. Lenços e pedaços de pano velho queimados.

Tio Livio era tuberculoso. E eu não sabia. Os dias decorreram rápidos e entramos, finalmente, na semana de Festas. E nada do Tio Livio chegar. E nada de Tonico. Nem Creuza. Fêz-se um silêncio insuportável. Nem uma carta, um telegrama lacônico. Nada. Estavamos todos intrigados e apreensivos. Certa manhã, ao voltar da Escola, por volta das 12 horas, de longe ainda, notei que varias pessoas aglomeravam-se à entrada de nossa casa. Sem perda de tempo, pus a maleta de livros e cadernos na cabeça e abri em desabalada carreira naquela direção. Foi com grande dificuldade que consegui vencer a multidão e, enfim, entrar. Lá no interior fui encontrar aquêle quadro: no quarto de mamãe, Madrinha, sentada em uma rêde branca, jazia sem sentidos. A dor fôra maior de que as suas fôrças para que ali estivesse sem uma gota de sangue nas faces, olhos fechados, os braços caidos pesadamente até o chão. Minhas irmãs mais velhas choravam em volta de mamãe que, igualmente vencida pela emoção, soluçava entre os braços do meu pai. Tudo aconteceu com a violência e rapidez de um redemoinho, precipitando-nos na voragem profunda e dolorosa do desespero. E a noite de Natal chegou e não festejamos. Foi o único Natal em que Jesús Menino não nasceu na mangedoura do nosso santuário. Na manhã do dia seguinte, bem cedo, mamãe postára-se à janela do oitão e, ao primeiro garôto pobre que por ali passou, deu aquêle embrulho grande, feito de papel de séda branco salpicado de estrelinhas azuis reluzentes. Na tarde daquele mesmo dia fomos visitados pelo Padre João dos cabelos de prata. Mamãe, sentada no sofá, tendo-me ao seu lado, desfiara para o Cura aquela história triste e comprida e que culminou com a morte do tio Livio. E tudo foi trazido ao nosso conhecimento através de uma carta recebida por papai de um amigo do Ceará. De volta a Fortaleza, durante a viagem, no trem da noite, Tonico foi acometido de um mal subito, manifestado por violenta febre, o que obrigou Tio Livio a desembarcar com êle na primeira estação. No lugarejo atrasado, sem médico nem hospital, o garôto, não resistindo aos padecimentos, veio a falecer certo dia. Distante de Sousa, sem amigos e conhecidos, o dinheiro todo gasto com despesas na pensão em que se hospedara, tio Livio, com algumas fôrças que ainda lhe restavam, resolveu tentar vencer a pé o resto do percurso dali até a Fortaleza. Já vencido, entretanto, — isto decorrido um dia de viagem, — pela fome e pela fadiga, começou a errar, perdendo-se por fim. Deserto. Sem viva alma. À noite, subia à uma elevação qualquer a fim de ver se divisava uma chaminé fumegante, uma tocha de lamparina. Nada. Breu. O sol já nascia pegando fogo. Nem aves cantavam no céu. Aquilo ali era o inferno. E foi se arrastando pela capoeira em busca, já por último de água. A sêde, agora, pintava à sua frente um quadro abrasador que o consumia aos poucos, quando fêz-se ouvir um barulho ensurdecedor. Lembrára-se do seu irmão Barros que, igualmente, há muitos anos, durante a guerra da Bolivia com o Acre, ao fugir do inimigo, perdera-se. Olhando para cima viu o céu que antes era uma chapa quente, ir, aos poucos, tomando uma serenidade acolhedora. O vento já varria as fôlhas sêcas do chão e um pé de pau, à uma rajada forte, não resistiu e veio esfacelar-se todo sôbre um lagedo. A cortina da mataria espêssa caiu à sua frente e o mar inguiçando os troncos dos coqueiros veio lavar os seus pés torturados. O alvorecer do terceiro dia iluminou, aos poucos, aquela trouxinha humana de nada, retorcida dentro de um buraco de areia. O chapéu já havia rodado até a água e a gravata embandeirara-se, por si mesma, num galho sêco de cipó. As nuvens se contrairam no alto formando um bloco espêsso cinzo que, vagarosamente, foi deslizando sôbre o mar na direção da última linha até apagar o sol que acendia no levante. O horizonte tornou-se, assim, como u'a imensa muralha que, fendida por relâmpagos fortissimos, foi, aos poucos, perdendo a estrutura compacta para diluir-se tôda lá nos confins onde o céu acabava. Um vento forte veio vindo de lá, encrespando as vagas, revolvendo o areial, sacudindo os coqueiros com violência. Foi aí que aquela trouxa, antes inanimada, eriçou-se do buraco, cresceu, tomou formas, para caminhar até a beira dágua. Em volta subia uma luminosidade intensa e calor insuportável, contrastando com a negridão e frescura do horizonte. Ninguém viu o vulto caminhar para dentro dágua, inguiçar as ondas, levantar as mãos para o alto e caminhar na direção da catadupa que caía abundante a grande distância, à frente e, por fim, submergir na vastidão escura. Ninguém viu aquela velha gravata desprender-se do galho sêco e vir rolar junto com o chapéu de feltro marron desbotado pelo areial. Soube-se, apenas, muitos dias depois, que havia acontecido uma desgraça naquele pedaço de terra ardente porque choveu no mar...

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.



UM DOS aspectos mais emocionantes da guerra na Coréia é aquele que nos mostra o trabalho dos norte-americanos na constante proteção às crianças na evacuação das cidades.



CENA DE desembarque de víveres para alimentar milhares e milhares de coreanos do sul que fogem das invasões comunistas e se refugiam nas zonas ocupadas pelos ianques.

A GUERRA QUE UNIU DOIS POVOS

UM DOS MAIS IMPRESSIONANTES ASPECTOS HUMANOS DA GUERRA NA CORÉIA ★ O EPISÓDIO QUE MELHOR ILUSTRA ESSA AMIZADE ★ QUESTÃO DE HONRA E DE BONS SENTIMENTOS

De ROY RONALD ★ Fotos IPA

A guerra na Coreia trouxe para os americanos infinitas ocasiões e possibilidades de ficar conhecendo os coreanos e vice-versa. As numerosas marchas e contramarchas de tropas americanas e norte e sul-coreanas, no transcorrer dêsta guerra de surprêsas diárias, provocou, naturalmente, o deslocamento de grandes massas da população, nas mais variadas direções. O contato entre os soldados americanos e o povo coreano operou-se em condições muitas vêzes difíceis, sob o troar do canhão, ou ao crepitar de metralhadoras, entre as ruinas de milhares de casas, em presença do perigo que era comum a todos. Nessas condições consolidou-se a amizade: de um lado é o sofrimento, do outro é o bom-coração, que se entrelaçam, numa corrente sólida de simpatia e amizade. As circunstâncias da guerra da Coréia permitiram ao americano conhecer mais a fundo a alma do povo coreano. Assim, os "Joe" americanos têm muitos amigos entre os coreanos, que lhes retribuem a amizade. Dêstes, são as crianças que mais depressa se ligaram aos soldados americanos.

Entregues aos seus próprios recursos, essas crianças encontraram seus protetores naturais entre os soldados, tanto americanos, como de outras nações aliadas. Essa proteção não é apenas uma fórmula moral, mas traduz-



MÉDICOS E ENFERMEIROS norte-americanos têm o maior cuidado com o estado sanitário entre os milhares de refugiados coreanos. Aqui vemos um médico aplicando numa jovem que abandonou seu lar, quando da recente evacuação de Seul, uma injeção contra o tifo, imunizando-a contra a moléstia. Além dessa imunização há inúmeras outras.



EM ESTABELECIMENTO construído em zona sob o contrôle americano, são acolhidos e alimentados milhares de crianças coreanas vítimas da guerra que explodiu a 25 de junho de 1950. Em suas mesas baixas, elas se sentam à oriental, enquanto moças norte-americanas e do próprio país servem as refeições, tudo dentro do gôsto coreano.

se de forma material: **já se tornou uma cena comum nos** campos e estradas da Coréia, ver os soldados americanos cercados de criaturas coreanas, com as quais compartilham suas refeições e às quais dão as suas merendas de chocolates e açúcar cândi. Nessa guerra desumana, êsse é um dos mais impressionantes aspectos humanos. Aliás, essa é uma tradição comum a tôdas as guerras: a amizade dos soldados pelas crianças.

UM EPISÓDIO OPORTUNO

Vem a propósito contar um episódio ocorrido na Coréia e que ilustra de maneira nítida e perfeita essa amizade existente entre o soldado americano e a população civil. Durante a primeira batalha de Seul, um soldado aliado travou conhecimento com duas crianças de 7 e 9 anos de idade. Com a retirada apressada dos aliados, aquêle soldado perdeu de vista os seus pequenos amigos, ignorando o que lhes teria acontecido. Tempos depois, quando as fôrças das Nações Unidas retomaram Seul, o nosso soldado, que pertencia a uma unidade acampada a cinquenta quilômetros da capital, aproveitou a ocasião para ir procurar seus amiguinhos, e indagar o que lhes teria sucedido. Encontrou-os, por acaso, escondidos sob os escombros de uma casa, mas são e salvos. A alegria foi grande entre os três amigos; quando o soldado lhes perguntou por que não haviam abandonado a cidade com os outros habitantes, os pequenos coreanos responderam, simplesmente, que não quiseram partir, esperando que seu amigo soldado fôsse buscá-los. E' claro que um soldado em campanha dificilmente poderá substituir os pais das crianças; por isso, providenciou para que elas fôssem enviadas a zonas mais seguras, por intermédio dos serviços auxiliares do exército, na ilha de Koje, onde se acham concentrados os refugiados de guerra coreanos.

Os soldados franceses, turcos e gregos, com perigo de sua própria vida, têm salvo numerosos civis soterrados nos escombros das aldeias e cidades coreanas. Para os soldados, essa ajuda às populações civis constitui-se uma questão de honra, porque essa guerra tem feito maior número de vítimas entre os civis não-combatentes, que aos próprios exércitos.

OUTRO ASPECTO HUMANO

Os prisioneiros da guerra constituem também um sério problema para os exércitos aliados na Coréia. Entre êstes, contam-se numerosos rapazes ainda em idade escolar. Depois de uma revista severa, são enviados aos campos especiais, onde recebem rações de víveres, quase as mesmas que os soldados sul-coreanos. Para os nortistas foi uma verdadeira surprêsa verem-se bem tratados e alimentados pelos seus captores. Eis aí outro aspecto humano, nessa luta desenrolada nesse campo de experiências de armamentos modernos em que se transformou a Coréia.

Em tôdas as guerras se verificam curiosos fenômenos de amizade entre os povos vencidos e os exércitos vencedores. Quanto mais longa é a campanha, maior é o número de tais exemplos absolutamente paradoxais.

Ainda está na memória de todos o que se passou na Alemanha ocupada pelos norte-americanos. As *frauleins*, de início, não suportavam os *fiu-fius* assobiados pelos rapazes de Tio Sam, sempre brincalhões e bem-humorados. Elas ficavam, por vêzes, indignadas; mas, com o tempo se foram habituando e, depois, achavam graça e aderiram aos soldados.

Certa vez, era tal a simpatia recíproca entre elas e êles, que o comando superior da zona de ocupação proibiu que houvesse aproximações entre os soldados e as beldades louras e... perigosas. Nenhum soldado norte-americano ou inglês podia fazer-se amiguinho das moças alemãs das zonas de ocupação. Elas ainda estavam inoculadas com o vírus nazista e a paz não fôra assinada. Muita coisa

(Cont. na pág. 44)



PRISIONEIRO CHINÊS, o qual é tratado pelas fôrças da ONU com a mesma igualdade, sem rancores ou vinganças inúteis.



O SARGENTO ELMER H. WOO recebe do general George Pepioe a medalha de prata em pleno campo de batalha na Coréia.





DUAS FOTOS que nos mostram o rigor da luta naquele infeliz país: em cima, a multidão fugindo de Seul, e, em baixo, grande número de refugiados num acampamento norte-americano.



DANDO INÍCIO às solenidades comemorativas dos vinte anos de Herbert Moses na presidência da A.B.I., reuniu-se o Conselho Administrativo em sessão solene, realizada no auditório. Flagrante obtido quando usava da palavra o sr. Celso Kelly, vendo-se entre os componentes da mêsa, além do homenageado e outros sócios, o veterano sócio e jornalista João Melo

JUSTA HOMENAGEM A HERBERT MOSES

COMEMORANDO a passagem do vigésimo aniversário da presidência de Herbert Moses na Associação Brasileira de Imprensa, várias e imponentes festividades foram realizadas nesta capital. Desde 1931 aquela entidade está sob a direção do prestigiado confrade e não há a menor parcela de exagêro afirmando-se que, sob a mesma, tem a A.B.I. conhecido um período áureo que não se limitou à construção do imponente edifício da Esplanada, mas se estendeu a muitas outras realizações. Documentando o aprêço dos sócios da Associação pelo seu presidente de tantos anos, realizou-se na manhã de domingo, 3 do corrente, um grande almôço no restaurante da sede, com a presença de associados, representantes de outras entidades, autoridades do país e elementos da sociedade carioca. Houve também celebração de missa em ação de graças na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, inauguração da efígie de Herbert Moses no saguão de entrada da A.B.I., além de uma sessão solene no auditório da mesma, promovido pelo Conselho Administrativo. Dêste modo, as duas décadas de presidência do ativo e dinâmico jornalista, foram festivamente comemoradas, servindo de pretexto, dos mais justos, para se tributarem expressivas manifestações de aprêço e solidariedade à sua obra cuja repercussão tem-se feito sentir não só no país inteiro, como no Exterior. Damos nesta página algumas fotos dessas solenidades.



FOI IMPONENTE e transcorreu em ambiente da maior cordialidade o almôço oferecido ao presidente Moses no restaurante da ABI. Aspecto obtido quando usava da palavra o jornalista Paulo Filho.



NA IGREJA de Nossa Senhora do Carmo celebrou-se missa em ação de graças pelo auspicioso acontecimento, com a presença de ilustres personalidades inclusive o sr. Simões Filho, Ministro da Educação.



OUTRO VETERANO sócio daquela entidade, e um de seus fundadores, o jornalista Ercílio Filho, relata episódios da vida profissional de Herbert Moses, com o qual conviveu desde os primeiros tempos.



NO SAGUÃO DE ENTRADA foi inaugurada a efígie de Herbert Moses, em bronze, com a respectiva legenda. Usou da palavra nessa ocasião o sr. Pôrto da Silveira, presidente do Sindicato de Jornalistas.



TAILLEURS



OS tailleurs estilo clássico não passam de moda, podendo ser usados de um ano para outro, são modelos elegantes de talhe discreto. Casaco com três botões e bôlso duplo do lado esquerdo. Elegante modêlo com aba arredondada e bolsos embutidos, saia justa afunilada. Modêlo em casemira com aba bem curta e bolsos embutidos.

Maria Bashkirtseff

MARIA Bashkirtseff... Um coração original e um espirito empolgado pela arte. Pintora e escultora. Uma alma estava saturada pelo espirito francês. A mulher que, para realizar seu ideal estético, sem menoscabar sua ética, viveu para e luminosa.

Os grandes escritores e artistas de sua época admiravam-na. Os que a conheceram, sofreram o fascinante influxo de sua personalidade. Os que dela ouviram falar se interessaram pelas suas produções, lendo e relendo com avidez as páginas do seu diário e de seus escritos mais intimos. Viveu apenas vinte-e-quatro anos, de 1960 até 1884. Foi uma apaixonada da cultura e da arte, tendo chegado a uma celebridade póstuma não alcançada por homens que viveram quatro vêzes mais do que ela e cuja bagagem literária era muito mais extensa.

Disse alguém que Maria foi santificada pela arte. Teve por ela verdadeiro culto e é graças a essa devoção que se perdoam alguns dos ingênuos matizes de suas memórias. Ela, porém, teria permanecido, como tantas outras figuras insignes, na obscuridade, se não tivesse pôsto na sua vida um vestigio de paixão e algumas gôtas de realidade, sua amizade com Guy de Maupassant: foi um momento breve, luminoso e efêmero — mas foi êsse momento que formou a legenda da linda menina russa que nos legou, com seu diário, um dos livros imortais de nosso tempo.

LYSE







ESTAMPADOS



TAMBÉM nos vestidos de outono e inverno, os tecidos estampados, em côres alegres, são usados. Nesta página aqui estão alguns modelos: casaco cintado com mangas três quartos, usado com saia justa em fazenda lisa; saia bem justa e corpo japonês, enfeitado com grande laço. Elegante modêlo apresentando gola subida e saia drapeada, com um pano sôlto, do lado. Modêlo em original estampado, formando contraste com a gola e os punhos, em branco.







JOVENS



ALGUNS sugestivos modelos juvenis e elegantes para mocinhas, são apresentados nesta página para a sua escolha. Em cima, à esquerda, dois modelos em «pied-de-poule» simples mas elegantes; à direita, casaco em lã grossa azul-marinho; em baixo, modelinho em gabardine; à esquerda, dois modelos um em lã branca e prêta, e o outro em lã crême, ambos bem simples, porém suges-

SAIRÁ EM JULHO!

O Álbum de A CENA MUDA

3.º NUMERO - EDIÇÃO DE 1951



COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE

CINEMA
RÁDIO
TEATRO
MÚSICA

MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.

— Biografias completas no verso de cada foto.

— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.

— Noventa e seis páginas, inclusive 4 de bom humor.

RESERVE DESDE JA' O SEU EXEMPLAR

BANCA DE JORNAIS DE SUA CIDADE

WEEK-END

ROSQUETES ALENTEJANOS

Bater 6 ovos, juntar 1 xícara-de-café de azeite e 1 xícara-de-café de aguardente, juntar pouco a pouco até que se obtenha uma pasta consistente, farinha de trigo. Arrumar essa massa em rôscas pequenas, levar ao fogo; depois de assadas e frias, passar por uma calda, em ponto de pasta.

BOLO DO RHENO

500 gr de farinha de trigo, 60 gramas de açúcar, 65 gr de manteiga, 125 gr de corintos, 23 gr de fermento fresco, 1 colherinha de essência, limão, 1/4 de litro de leite, um pouco de sal.

Mistura-se o fermento com um pouco de leite morno e um pouco de açúcar e faz-se uma massa que se deixa crescer em lugar quente. Mistura-se então à massa o resto da farinha com os outros ingredientes e trabalha-se com uma colher de pau até levantar bôlhas. Coloca-se em uma fôrma untada, deixa-se crescer mais, pincela-se com ôvo batido e leva-se ao forno de temperatura normal, cêrca de 1 hora.

PÃEZINHOS PARA ANCHOVAS

500 gr de farinha de trigo, 50 gr de manteiga, 40 gr de açúcar, 1 colherinha de sal, 1 ôvo, um pouquinho de erva-doce socada e 28 gr de fermento fresco. Mistura-se o fermento com um pouco de leite morno e com um pouco de farinha faz-se uma massa que se deixa crescer. Põe-se então o resto da farinha, a manteiga, o sal, o açúcar, a erva-doce e o ôvo; bate-se essa massa muito bem e faz-se um pão comprido. Coloca-se em assadeira untada, deixa-se crescer e leva-se ao forno em temperatura regular.

No dia seguinte corta-se em fatias, deixa-se tostar um pouco no forno médio, passa-se anchovas esmagadas e serve-se com chá.

BOLO DE AMEIXAS COM MASSA DE BISCOITOS

4 ovos, 250 gr de açúcar, 250 gr de farinha de trigo, 1 kg de ameixas. Batem-se bem os ovos, e o açúcar com o batedor e mistura-se com a farinha. Põe-se a massa em uma fôrma bem untada, espalham-se as ameixas sem caroços, por cima, e leva-se ao forno moderado por espaço de 1 hora.

CREME DE MANTEIGA

250 gr de manteiga fresca, 1 gemas. Batem-se as gemas com a manteiga. Faz-se uma calda em ponto de pasta e vai derramando-se no creme, batendo sempre, até que se torne bem unido. Esplêndido para cobrir e rechear bolos e tortas.

ENROLADOS PARA SANDUICHES

6 ovos, 1 colher de açúcar, 1 colherinha de sal, 3 colheres de farinha, verdura refogada, recheio de camarão.

Batem-se os ovos como para pão de ló. Acrescenta-se uma colherinha de sal e uma colher de açúcar. Quando estiver bem batido, acrescentam-se as colheres de farinha, e se espalha essa massa num tabuleiro de fôlha, untado com manteiga. Cozinha muito depressa, pois a camada deve ser fina. Tira-se do forno e espalha-se sôbre a massa cozida uma camada de verdura refogada e outra de recheio de camarão. Enrola-se e deixa-se esfriar bem. Deve ser feito de manhã para poder cortar à tarde. Corta-se então em rodinhas, nas quais se finca um palito, no lado em que ficou a ponta.



O pão de ló não deve torrar, porque ficaria quebradiço, ao enrolar-se. Permanece no forno apenas o tempo necessário para cozinhar, isto é, no máximo 6 ou 8 minutos.

BOLINHOS DE BACALHAU COM BATATAS

Toma-se um pouco de bacalhau já limpo e bem desfiado, refoga-se no azeite com todos os temperos. Aferventa-se 1/2 kg de batatas, já descascadas, e esmagam-se bem, fazendo uma massa bem lisa, sem nenhum carôço, para o que convém esmagá-las uma a uma, caso não se tenha máquina de moer. Esta operação é feita enquanto as batatas estão ainda quentes. Acrescenta-se o bacalhau, 1 ou 2 colheres de farinha e 1 ôvo inteiro. O bacalhau deve ficar sequinho, para não amolecer muito a batata, que deve levar pouca farinha para ficar boa. Fritam-se os bolinhos no azeite, e servem-se quentes.

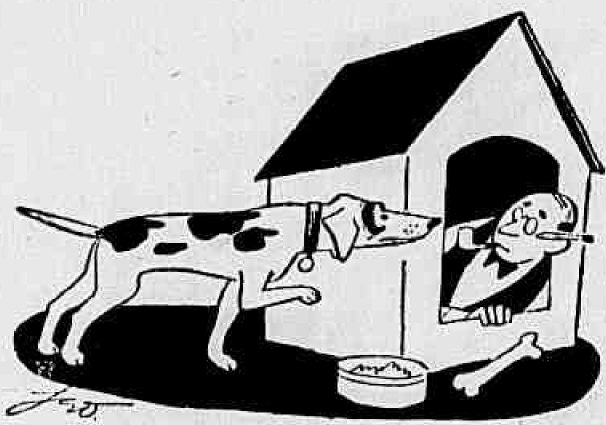
NA COZINHA

SOPA INGLÊSA

Numa travessa arrume: uma camada de fatias finas de um bôlo de qualquer qualidade, uma camada de creme de maizena bem fina, uma camada de biscoitos variados, preferìvelmente palitos franceses. Uma camada de fatias de bôlo. Deve aproveitar-se as sobras de várias qualidades de bôlo, o prato ficará mais saboroso. Regar fartamente com a seguinte mistura: 3 cálices de vinho do Pôrto, 3 cálices de vinho branco, 1 cálice de vinho tinto, 1 cálice de um bom licor. Levar à geladeira bem antes de servir. Esta medida de bebida é para travessas grandes; pode regular-se fazendo com que as camadas fiquem encharcadas mas sem deixar a bebida sobrar nas bordas da travessa.

DOCE DE FEIJÃO

O gôsto fica semelhante ao da castanha. Indicado para lanche de criança em idade escolar pelo seu alto valor nutritivo. Deixa-se de véspera de môlho 1 kg de feijão



mulatinho de boa qualidade. No dia seguinte põe-se a cozinhar com uma quantidade de água comum, uma pitada de sal. Quando estiver cozido e tôda a água tiver secado passa-se na peneira de palinha, preferìvelmente. Leve o creme obtido ao fogo com igual quantidade de açúcar. Cozinha-se a fogo lento mexendo sempre para não queimar. Quando aparecer o fundo da caçarola deita-se algumas gôtas de baunilha ou o que é melhor, vinho do Pôrto e tira-se do fogo. Serve-se em compoteira. Querendo fazer docinhos secos é só deixar mais tempo no fogo, tomando cuidado para não açucarar. Enrola-se depois cada pequena porção em açúcar cristalizado.

PANQUECAS COM GELÉIA

Bata bem 2 ovos com 1 colher de açúcar, junte 3 xícaras de leite e 1/2 de creme de leiteria ou de nata batida, 1½ xícaras de farinha, 2 colheres-de-chá rasas de fermento e ½ de sal. Deve ficar uma pasta mole. Unte uma frigideira pequena com manteiga, leve a esquetar e derrame dentro um pouco de pasta até cobrir o fundo. Toste um pouco, e vire do outro lado para tostar bem. Faça uma de cada vez, prontas, deite no meio um pouco de geléia, enrole como canudo, arrume num prato e polvilhe com açúcar.

BEIGNETS MIGNONS

Cozinhe ½ kg de camarões pequenos e descasque. Bata 5 claras em neve, junte as gemas, e, sempre batendo, vá incorporando farinha até ficar como um creme espêsso (regula 1 colher de farinha). Adicione sal, 1 colher-de-chá de fermento e a metade dos camarões picadinhos. Apanhe aos bocados com uma colherzinha e vá fritando em banha bem quente. Deite cada um sôbre uma folhinha de alface crêspa, coloque em cima um camarão pequeno e sirva logo.

ALLUMETTES DE QUEIJO

Junte alguns restos de massa folhada, sem amassar, polvilhe com farinha e abra até 1 cm de espessura. Faça um môlho branco espêsso. Tempere com 2 colheres de parmezão ralado e um nada de noz-moscada. Espalhe sôbre a massa, alise com uma faca, polvilhe com parmezão ralado e deixe esfriar completamente. Parta em pedaços de 5x2, deite em tabuleiro polvilhado e leve a assar no forno.

SALADA DE PEPINOS COM FRUTAS

Deite de môlho, em ½ xícara de água fria, 8 fôlhas de gelatina branca. Depois derrame em cima 3½ xícaras de água a ferver, dissolva no fogo, junte 2 colheres rasas de açúcar, ½ colher de sal, 1 colher de caldo de limão, 3 colheres de vinho; côe e deixe esfriar na geladeira. Quando principiar a congelar, junte 2 xícaras de rodelas de pepinos, sem sementes e picadas, e 2 colheres de pedacinhos de abacaxi, ou de maçã ou de pêssego. Despeje em forminhas altas untadas de azeite e guarde na geladeira. Se fizer de véspera fica melhor. Guarneça ao redor de uma travessa com fôlhas de alface crêspa. Desenfôrme uma forminha sôbre cada fôlha e deite ao redor do môlho maionese. Também serve para guarnecer qualquer salada, dispensando o môlho.

"Sem dúvida... Kolynos embeleza!"



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das dolorosas cáries. Provas científicas, realizadas por famosas universidades norte-americanas e européias, demonstraram que Kolynos destroi até 92% das bactérias que formam os ácidos causadores das cáries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Que susto!... O dentista disse-me que os milhões de bactérias que temos na boca podem destruir os dentes...*



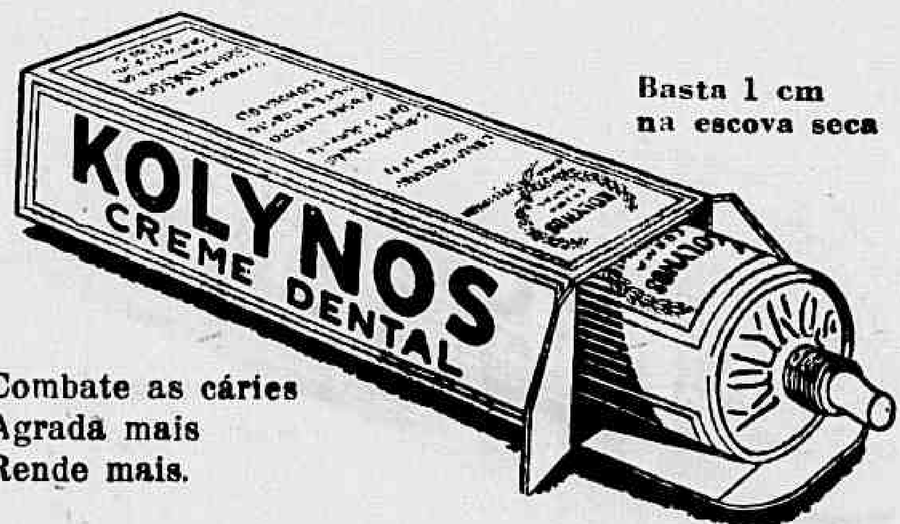
2. *...porque essas bactérias produzem ácidos capazes de atacar o esmalte dos dentes e causar as cáries... as dolorosas cáries!*



3. *Mas... aqui vem Kolynos!... O Creme Dental Kolynos, com sua espuma penetrante, destroi as bactérias que produzem esses ácidos, causadores das cáries.*



4. *E Kolynos, que nos protege contra as cáries, clareia os dentes, refresca o hálito, torna o sorriso encantador... Sim, Kolynos embeleza.*

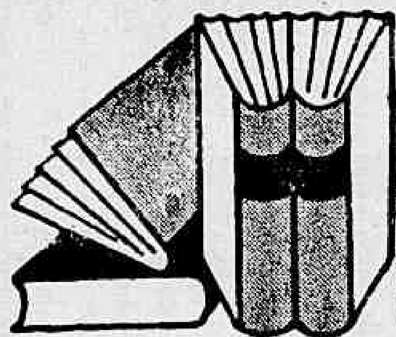


Basta 1 cm na escova seca

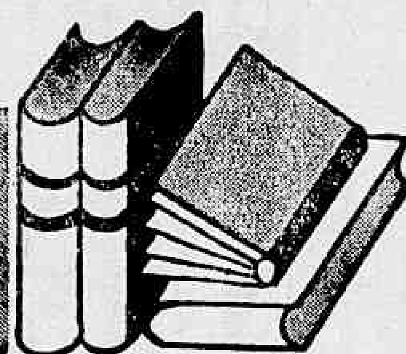
Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais.

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-405-P



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



TASSO DA SILVEIRA, poeta de puros e ardentes ritmos, reveladores de inspiração não comum e, acima de tudo, da plena posse de uma consciência que olha a vida de cada criatura como um grave acontecimento na vida do planêta — conforme palavras de Agripino Grieco — é um dos grandes poetas brasileiros daquela sacrificada geração modernista, um dos raros poetas que ficaram, salvo por um milagre de ordem e de harmonia, daquela era de delírios e extravagâncias.

Tôda a obra dêsse lider que encabeçou uma das tendências do movimento modernista no Brasil permanece por uma condição de verdade e de fidelidades é uma obra sincera, leal com as mais altas tradições da arte literária e da poesia. Não se perdeu, nem se deixou desviar pelas bizarrias de um tempo. Substanciosa, serena, planou alto, com segurança, distanciando-se cada vez mais, das improvisações inconsistentes, do fácil jogralismo com que, à época de seu aparecimento, se divertia a multidão, traindo pela forma e pelo pensamento a eternidade da beleza, o ritmo perene, o número e o entusiasmo, a inspiração e a arte.

Tasso da Silveira, ao cabo dêstes anos de revisão, tem a glória de colhêr o prêmio das duras provas: sua poesia ficou, permanece viva e próxima. Sua voz é uma das que ainda são ouvidas com encantamento, portadora do sortilégio lírico, sincera e eloquente, vindo direta ao coração do homem, provado de tantas catástrofes. O movimento da revista "Festa", um dos marcos mais expressivos de nossa renovação literária, teve em Tasso o seu animador, fundador que foi daquela publicação.

O poeta paranaense (nasceu em Curitiba, a 1 de março de 1895) que publicou "Fio d'água", "Alegorias do homem novo", "Cântico do Cristo do Corcovado" e muitos outros livros de primeira importância, tem em preparo "Contemplação do Eterno", livro de poemas em que se assinalam seus dons de poeta, cuja forma se apurou, no correr do tempo, conseguindo atingir um alto padrão artístico, sem perder qualquer de suas virtudes fundamentais, de inspiração original e calorosa.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

(ZOTAGE)

★ Lamentando a falta de permuta cultural entre a pátria de Camões e a terra de Castro Alves, acentua Antero de Figueiredo na formosa abertura do livro de Celso Vieira, «O gênio e a Graça»: «já o nome dum **Euclides da Cunha**, o extraordinário prosador dos «Sertões», se aureolava de refulgência, e ainda êle não havia atravessado o Atlântico, rumo à «pequena casa lusitana», onde seria recebido com as honras morgadias devidas a êste genial estilista. Foi necessário que um crítico português (Pereira Sampaio, Bruno) proclamasse o seu alto valor no prefácio dos **Contrastes e Confrontos**, já ao tempo em quarta edição».

★ No «Tratado de Versificação», 9ª edição, página 15, dizem Olavo Bilac e Guimarães Passos ao falar de Gonzaga: «A sua **Marília de Dirceu** é a primeira manifestação genuina do encantador lirismo brasileiro».

★ Ao original e não muito conhecido Laurindo Rabelo, chamou Sílvio Romero — «o talento mais espontâneo que tem aparecido no Brasil».

★ Depois de haver sido Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, levou a efeito, o grande Theodore Roosevelt, uma expedição científica pelo nosso país, junto do admirável Rondon. À página 167 de sua obra, «Através do sertão do Brasil», em suas primeiras linhas, confessa que o filho do autor, Kermit, lia Camões, O Guarani e Inocência... A presença da genialidade no mistério das selvas...

★Não faltam louvores às letras do alfabeto, em prosa e verso... Em seu «Tratado de Versificação», Bilac e Guimarães Passos escrevem: «Em tôdas as composições em que o **A insiste**, há sempre uma expressão boa e **agradável**, como nesta própria palavra. Chamam-lhe todos **a letra** por excelência».

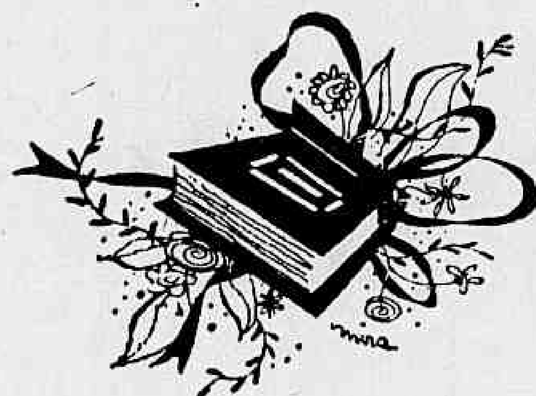
★

Ao Brasil davam os indígenas o nome de Pindorama, isto é, «país das palmeiras» — é noção generalizada.

Entretanto, acentuam os estudiosos: os silvícolas não tinham idéia de unidade territorial: logo, não poderiam atribuir, à nossa terra, uma designação com fôrça de determiná-la. O reparo é justo. «Por isso reivindico para as cercanias de Belém o título de Pindorama», diz Raimundo Morais em seu curiosíssimo «Anfiteatro amazônico». Em obra, que está preparando, assinala Eurico Santos, cuja cintilante operosidade intelectual tanto faz recordar Buffon: «Estou mais inclinado a acreditar que o nome Pindorama designe, não o país, mas certa região da terra brasileira; e essa não podia deixar de ser a Amazônia, onde as palmeiras predominam.»

★

E' naturalmente grande a tendência para abrasileirar-se os têrmos que, de origem estrangeira, nos sejam necessários. Até o latim se submete à nacionalização, o que é lógico. Em sua «História das expedições científicas no Brasil» usa C. de Melo Leitão «mapa-mundo», e não «mapa-mundi».



Em 1939, a Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia outorgou, a Cândido Mariano da Silva Rondon, o título de «Civilizador dos sertões». Homenagem indiscutivelmente justa, digna do insigne colonizador. Datam de 1908 as expedições de Rondon.

★

A magnífica e luminosa conferência, que Euclides da Cunha proferiu sôbre Castro Alves, constitui, hoje, raridade bibliográfica das mais cobiçadas. E' um gênio a falar de outro gênio.

A Nossa Senhora de Fátima

OLIVEIRA E SILVA

Doçura em minha dor — é o que te peço.
Na solidão em que surgiste, um dia.
Mas, lembrar-me de mim, não deveria,
Que há, nos outros, angústias em excesso.

O mundo já perdeu tôda a alegria.
Não é possível nem chorar, confesso.
Até o manso e bom faz-se possesso.
E o riso, sêco, estala em zombaria.

Tive, entanto, o prazer nunca sentido
De, ao suplicar-te o angélico socorro,
Receber um fervor desconhecido!

E, levando-me tôdas as torturas,
Rebentaram-me as lágrimas, em jôrro,
As mais belas, mais quentes e mais puras.

Maio, 1951.



POSSE DE UM NOVO "IMORTAL" Constituiu nota de auspicioso registro cultural a posse do escritor Francisco Leite, na poltrona 22, da Academia Carioca de Letras, em substituição a Leôncio Correia, recentemente falecido. E' patrono da cadeira o jornalista Ferreira de Araújo. O novo «imortal» foi saudado, em nome da Academia, pelo acadêmico Phócion Serpa.

A foto acima mostra, na tribuna, o sr. Francisco Leite, quando pronunciava o seu discurso oficial. Sentados à mêsa, vêem-se, da esquerda para a direita, os srs. Othon Costa, Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil; Ministro Paulo Hasslocker; Senador Anísio Jobim; acadêmico Luís Edmundo; Cap. Tte. José Farraiolo, representante do Presidente da República; J. Paulo de Medeyros, Presidente da Academia Carioca; acadêmico Adelmar Tavares; Senador Flávio Guimarães; Embaixador do Peru, José Jacinto Rada, e o Conselheiro Cultural da Embaixada do Uruguai, Júlio Iturbide. Em baixo: um aspecto da seleta e elegante assistência.

Fora do Prelo

DON AFONSO HENRIQUES — Tomaz da Fonseca - Coimbra - Editôra - Coimbra - Portugal. Ainda não se findou, no velho e grande Portugal, a raça dos pro-homens. Aqui está um dêles, neste historiador eminente, Tomaz da Fonseca, de que agora nos chega o admirável «Don Afonso Henriques e a fundação da nacionalidade portuguêsa» — que tal é o título da obra, por inteiro.

Um grande livro, êste, um livro de verdade e de heroismo, principalmente se avaliarmos seu contraste com o ambiente em que aparece. E, por isso, estamos saudando, como uma das virtudes superiores do autor, o heroismo o espírito combativo dêsse sexagenário, que deve ser exemplo para os moços de seu tempo e de sua pátria, de tôdas as pátrias, na devoção da verdade, no destemor da luta.

Tomaz da Fonseca, cuja vida admirável se passa entre os alfarrábios e os vinhedos, entre a pena e a enxada, é uma das grandes figuras das letras históricas de Portugal. Não podemos lê-lo, sem que se nos apresente o vulto de Herculano, de quem êle como que retomou o mandato, para dar mais luz à luminosa História de sua gente, para completar a tarefa do mestre imortal de Val de Lôbos.

Por esta obra, podemos avaliar o trabalho ingente do historiador coimbrão, como pesquisa, documentação, comentário e crítica, do mesmo passo que admiramos o estilo ágil e fresco com que êste ancião escreve, como se fôsse um jovem de vinte anos, capaz de uma arte rica de seduções, de uma prosa sempre cativante, correta, corretíssima de forma viva e cálida, perlustrando os assuntos mais graves e mais áridos, para galvanizá-los pela palavra, infundindo às figuras inertes do baixo-relevo da História, o sôpro da vida, fazendo desfilar aos nossos olhos a procissão dos heróis, às vêzes despidos de suas púrpuras, de seus mantos, de suas galas, sempre, entretanto, batidos do sol forte da verdade.

Podemos dizer que êste livro de Tomaz da Fonseca vem completar a obra de Herculano sôbre as origens portuguêsas, acrescentando-lhe muitos detalhes, continuando-a na mesma linha e no mesmo espírito que fizeram a glória do eminente historiador de antanho. Por isso é que revemos em Tomaz da Fonseca um mestre atual com muito daquela velha e alta grandeza sempre grata de encontrar, entre os nossos parentes de língua e de origens. O leitor brasileiro ama estudar a História de Portugal, que é a própria crônica de nossa pátria. Principalmente quando essa história é escrita por um grande, como Tomaz da Fonseca, em cuja presença os adjetivos mais seletos e calorosos se apoucam, ficando muito aquém do entusiasmo que êle nos inspira, por tantas e tão efetivas afirmações do seu gênio, entre as quais se projeta, exemplar e admirável — a sua bravura.

★

RUY E OS CONSTITUINTES DE 91 — Victor de Sá — Imprensa Nacional — Rio. O nome de Victor de Sá está ligado a um dos mais belos movimentos de nossa geração, a publicação da revista «Phoenix», o grande mensário em que surgiram, como lembra Murilo Araújo no prefácio dêste livro — muitos dos mais gloriosos nomes de escritores, poetas e artistas de nosso tempo e de que êle foi o fundador, além de animador entusiasta, tão bem fixado na imagem que dêle nos dá, nas páginas introdutórias de «Ruy e os Constituintes de 91», o poeta de «Carrilhões».

E', por isso, com agrado que sempre fazemos o encontro com Victor de Sá, cuja obra, extensa e significativa, já se estende por muitos volumes, agora acrescentando-se com êste livro de história, de biografia e de civismo. O jovem esteta que imaginou e realizou para um destino efêmero, mais alto, as páginas insofismáveis da «Phoenix», ao atingir a maturidade, volta-se para a história de nossa pátria e vai buscar nela acontecimentos que, por mais próximos, ainda não tiveram do historiador a necessária atenção: a obra dos Constituintes que deram ao Brasil sua primeira Carta republicana.

Basta-nos a menção do assunto, para avaliarmos de sua oportunidade, no momento em que o Brasil e o mundo anceiam pela liberdade e pela paz que é uma decorrente daquela. A revisão da vida e da obra dos pro-homens da república não poderia ser mais momentosa. Estamos precisando de retemperar energias, de pesar as responsabilidades da nova geração, às mãos o legado dêsses homens eminentes que fundaram e configuraram a República. Estamos certos de que o livro de Victor de Sá, por sua forma, como por seu assunto, deve caber entre as leituras de nossa juventude, para orientá-la no rumo de objetivos mais elevados e mais nobres. A Constituinte e os seus homens é um fato recente, contemporâneo, um acontecimento de ontem. Entretanto, quando abrimos esta página e encontramos êstes homens, com que tristeza nos vem a impressão de que estamos lendo fatos pre-históricos, versando a lenda dos centauros, conhecendo remotas mitologias fantasistas... E' que perdemos contáto com a nobreza da família, esquecemos de polir nossos brazões. Repassando a história singela de Ruy, singela e gloriosa, sentimos as emoções que nos dão os relatos sôbre a vida e os cometimentos dos heróis antigos. Assim nos acontece, quando encontramos êste grupo de estadistas que fundaram a república, dando prova de virtudes exímias, de largo e caloroso espírito público, de desinterêsse e de patriotismo.

Tôdas estas biografias, a começar pela de Ruy, são documentos de vida exemplares e vêm reformar muitos juizos atuais sôbre os politicos. E' verdade que são vidas tão probas e ilustres que acentuam o contôrno das realidades presentes, na desolação de sua miséria. Por isso, êste balanço se impõe, se faz necessário, para que a mocidade possa renovar, nas grandes fontes de pureza, de desinterêsse, de sacrifício, as fôrças perdidas, a descrença, o ceticismo que os vai dessorando.

Um belo e nobre livro êste, um compêndio de amor da pátria, uma lição de altitude, onde a juventude poderá aprender a treinar suas asas para os grandes vôos, evitando permanecer, indiferente, na aceitação do destino de simples galináceos.

★

OS HOMENS DO MAR — Vitor Hugo — Adaptação de Terra de Senna - Editôra Minerva — Rio de Janeiro. Que importam os séculos, as escolas literárias, os gostos que se transformam em falta de gôsto?... As obras-primas continuam sendo nossas amigas e companheiras, como se não pudessem viver sem nossa atenção, como se nós, sem elas, não pudessemos viver. Eis um exemplo incontestável: «Os homens do mar», de Vitor Hugo, aquêle velho Hugo, a quem tantos já chamaram o robusto carvalho a cuja sombra nos sentamos.

Afim de colocar, ao alcance de nossos adolescentes, as páginas vigorosas do romance francês, a Editôra Minerva acaba de publicar a adaptação realizada por Terra de Senna. «Os homens do mar», nesse trabalho de síntese, não perdeu nada, feito com muito senso, de maneira que os trechos culminantes do livro se mantiveram intactos. Esta apresentação põe o leitor jovem a par do que produziu o mestre de «Notre Dame de Paris» e de sua influência no mundo.

★

A INTERPRETAÇÃO DO HOMEM — Renato Kehl — Livraria Francisco Alves - Rio de Janeiro. O professor Renato Kehl acaba de enriquecer com êste ensaio de caracterologia que, como notam os editôres, completa, de certa forma, duas obras anteriores do autor: «Tipos Vulgares» e «Psicologia da Personalidade».

Renato Kehl tem sido um infatigável investigador do problema humano, no sentido de uma contribuição ampla para o conhecimento do assunto. Seus livros representam um esfôrço que tanto tem de simpático, como de importante, colocando ao alcance dos letrados e do público em geral, um inestimável lastro de cultura, facilitando inumeráveis tarefas que não dispensam elementos cientificos no seu bom desempenho. Esta obra, por exemplo, nos apresenta, em linguagem simples e estilo agradável, o que existe de mais moderno em caracterologia, dando-nos um quadro completo e claro do estudo do ser humano quanto ao seu núcleo vital, sua condição de individuo-personalidade.

Este livro, o primeiro no gênero a publicar-se no Brasil, constitui extraordinária contribuição no assunto, fornecendo-nos os meios adequados de interpretação dos tipos humanos, de acôrdo com o caráter, valendo como um roteiro seguro para quantos, lidando com seus semelhantes, necessitam conhecê-los, para melhor servi-los, como tal é o caso de educadores, médicos, assistentes sociais, chefes e diretores, politicos e estudiosos em geral.

O LIVRO ILUSTRADO



Gravura em madeira, de Agnes Miller Parker, do livro «The Open Air», de Richard Jefferies.

POESIA FEMININA



Mercês Maria Moreira vem de publicar um livro de versos, «Guirlanda de Magnólias», que marca o aparecimento de uma nova e ardente voz na poesia feminina do Brasil.

★

NOTICIAS DE S. PAULO

No Museu de Arte Moderna, de São Paulo inaugurou-se uma excelente exposição Balzac, felizmente, muito visitada pelo público em geral. Reuniu-se todo o material possivel referente ao autor d' "A Comédia Humana" e semelhante critério selectivo estêve a cargo do escritor e critico Lourival Gomes Machado, diretor do Museu.

★

Dizem que o critico Carlos Burlamáqui Kopke vai voltar à critica literária. Desta vez, o seu rodapé semanal será publicado no jornal "O Tempo" e, segundo consta, sairá num dia da semana, talvez quinta-feira.

★

Berta Singerman passou por São Paulo, realizando aqui diversos recitais. O pintor Lasar Segall ofereceu, na sua magnifica residência, uma recepção à famosa declamadora, onde estiveram presentes, entre outros: Paulo Mendes de Almeida e sra. Luis Martins, Ascenso Ferreira, Rachel Moacyr, Maria de Lourdes Teixeira, Ruy Affonso Machado, José de Barros Martins, Silveira Sampaio, José Geraldo Vieira, além de muitas figuras da sociedade e do meio artistico de São Paulo.

★

Está no Odeon Sala Vermelha, o já famoso Teatro Folclórico Brasileiro, com um programa inteiramente novo. Êsse conjunto negro é, sem dúvida alguma, uma das melhores iniciativas, dentre as muitas iniciativas teatrais, ùltimamente, aqui, tomadas. Aliás, dentro de um mês, o Teatro Folclórico Brasileiro irá à Europa, numa excursão pelas principais cidades do velho continente.

★

E, falando em teatro, estreiou, na capital bandeirante, o Teatro Experimental do Negro, de São Paulo, com a grande peça: «Todos os filhos de Deus têm asas», do dramaturgo norte-americano Eugene O' Neill (Prêmio Nobel de Literatura). Êsse conjunto já anuncia a sua próxima peça: «Luz de Agôsto», de Faulkner, numa teatralização de Patrícia Galvão. O Teatro Experimental do Negro, de S. Paulo, é dirigido por Geraldo Campos de Oliveira.

★

Reynaldo Bairão já mandou para as Edições Alarico o seu livro: «A Canção do Diabo Finlandês, acompanhada da Ode Sepulcral Primeira». Além da tiragem comum, Reynaldo Bairão pretende tirar dez exemplares especiais desta edição, a fim de serem vendidos a bibliófilos. Cada exemplar terá duas ilustrações originais de Darcy Penteado.

"Uma caça noturna"...

_sòmente por causa de uma única pulga — é uma grande maçada!



Não se aborreça... Polvilhe sôbre o lençol e o próprio corpo NEOCID em pó... e continue seu sono, tranquilo. Use o pó, que não irrita a pele e não deixa cheiro.

Para pequenas aplicações prefira a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6
São Paulo
Remessas pelo Reembolso
A venda nas boas Farmácias

OS TRAPEZISTAS...

(Cont. da pág. 44)

tava partindo outro alemão — Sigward Bach — que veio vindo, lentamente, atravessou por cima do outro companheiro e prosseguiu até alcançar o edifício fronteiro.

Vinicius tudo ia fotografando. Houve um momento em que pénsamos perder tudo — o companheiro e a reportagem. Foi quando êle parecia estar perdendo o equilíbrio e um «oh!» correu pela assistência. Felizmente, porém, tudo não passou de um susto.

O espetáculo prosseguia normalmente, já agora com exibições de malabarismo, em cima do edifício Sta. Catarina, onde Rui Roheme fêz uma série incrível de peripécias à beira do abismo. O último número, porém, é alguma coisa de extraordinário — dois artistas, partindo do edifício Sta. Catarina começam a maravilhar-nos a todos. O da motocicleta planta bananeiras enquanto os outros, equilibrando-se na escada, praticam uma série de maluquices, que só assim se podem classificar. Durante uns dez minutos seguramente, aquêles incríveis acrobatas assustam o público presente ao espetáculo, ficando prêso um dêles apenas por uma das mãos, depois por um dos pés, deixando-nos perplexos ante tanto desprendimento.

E' o último número. Quando a motocicleta volta ao seu ponto primitivo, a multidão corre em demanda do mesmo a fim de cumprimentar os artistas e o repórter que, afinal, fôra o ponto culminante daquela tarde inesquecível. Quando Vinicius, finalmente, desceu à terra, foi abraçado e cumprimentado por todos os nossos leais adversários da batalha da notícia. Uma moça, jovem, bonita, aproximou-se dêle e depositou-lhe o beijo da vitória. Sim, a REVISTA DA SEMANA havia vencido em tôda a linha.

Depois que a multidão deixou-nos a passagem livre e enquanto ela se retirava comentando o extraordinário feito de nosso companheiro, aproximamo-nos dêle e lhe perguntamos, depois de parabenizá-lo efusivamente:

— Quais as suas impressões?

— Você escreva a reportagem, «seu» Lyra e deixe que eu completo. Agora não posso falar.

A PALAVRA DE VINICIUS LIMA

No dia 15 de março de 1948, Heini Knapp, jovem de 17 anos de idade morreu de emoção quando deslizava prêso pela nuca num fio suspenso a uma altura de 90 metros. No mesmo ano, na cidade de Hamburgo, Alemanha, Harry Grundke caiu espetacularmente do fio de aço em que se exibia, morrendo instantâneamente. E no dia 3 de junho de 1951 o autor desta reportagem que é incapaz de atravessar as ruas com o sinal fechado para pedestres, resolveu dar um passeio de motocicleta num fio inclinado que se estendia do solo a um edifício de mais de 60 metros de altura, numa distância de 200 metros aproximadamente. Por que? Perguntarão os leitores.

— Se eu soubesse que alguns profissionais alemães já haviam morrido fazendo coisa idêntica ao que eu fiz, não teria tentado. Só me narraram o que se passou, depois que regressei à terra firme e abençoada. Ao tomar conhecimento do assunto, aparentemente não lhe dei grande importância. E os que me viram deixar o trapézio na Esplanada do Castelo discutindo sôbre a segurança do mesmo, devem ter pensado que fui para casa normalmente, o que não é verdade. O alemão que morreu emocionado durante um espetáculo deve ter tido as suas razões porque, meia hora depois que deixei o fio suspenso no espaço, meus nervos revolucionaram-se. Interessante! No momento procedi como qualquer sujeito que se casa nos dias atuais. Se pensar demasiado, não casa. O negócio é não medir as conseqüências e arriscar. E talvez seja por isso que ainda não me casei... No entanto, agora que regressei à calma acho que voltaria a subir e até plantaria uma bananeira no espaço... Mas jamais olvidarei a emoção que senti ao ter, por uma questão moral, que subir num trapézio pendente de uma motocicleta que caminhava num fio. Sempre fui dado a aventuras. Já passei seis dias numa jangada, em alto mar, acompanhado pelos jangadeiros Tatá, Manuel Prêto e Jerônimo, os mesmos que vieram ao Rio de Janeiro com o saudoso «Jacaré», que encontrou a morte filmando nas águas turbulentas da Tijuca. Passei seis dias em alto-mar e não me queixei. Apenas cambaleei depois que pisei as areias da praia de Iracema, onde uma porção de amigos me esperava. No dia seguinte eu me sentia maravilhosamente bem. Nada de anormal se passara comigo. Mas, desta vez a coisa foi muito diferente. Eis, portanto, a minha história.

«Eu estava na Esplanada do Castelo para fazer uma reportagem sôbre os famosos «Zugspitz Artisten», acrobatas de reputação mundial que já tiveram o topete de atravessar o cume do «Zugspitze» sôbre um pio de apenas 8 centímetros de espessura. Fizeram isso a 3.000 metros do solo, sem rêde de proteção e sem seguro de vida. Popularizaram essa montanha germânica, mas popularizaram também um de seus companheiros, que ficou com os nervos fora de condições para repetir o feito. Diante de tanta bravura os «Zugspitz Artisten» ficaram famosos, tornando-se profissionais das acrobacias aéreas, tendo para tanto comprado um caminhão para percorrer o mundo em companhia de suas espôsas e filhos. São os andarilhos da morte! Correram terras e terras como nas histórias de fadas e anões em mundos fabulosos. Jamais alguém ganhou tão honestamente o pão da vida, arriscando tanto a vida pela vida. Eu ia reconstituindo mentalmente fragmentos da história que me havia chegado às mãos e sôbre a qual eu deveria escrever; daí a curiosidade de saber o que se passava na mente daquelas criaturas quando no espaço, seus nervos e suas emoções.

Estava quase decidido a subir e queria aproveitar o impulso. Mas lembrei-me de uma frase pronunciada por uma jovem a meu respeito: «Frio e calculado». Eu seria assim?... Não quis pensar, mas quando dei por mim estava no sertão do Piauí garantindo a aventura. Tratava-se do material utilizado pelos acrobatas. Estava ou sentado no interior de um trem quando surgiram dois sertanejos negociando uma máquina fotográfica alemã. Um dêles dizia: «Compre, compadre. Compre que a bicha é alemã. Lá em casa as panelas compradas antes da guerra e que eram de fabricação alemã ainda estão em uso, enquanto uma caçarola de depois da guerra já virou sorvete. Você deve saber que tudo o que o alemão faz é bem feito, menos a guerra... «

Voltei a mim e olhei o fio que me desafiava. Se os alemães tinham atravessado o monte «Zugspitze», por que um brasileiro não poderia também pôr à prova os seus nervos? Os cabos naturalmente eram fortes, é claro. Materiol alemão, e coragem primitiva da Amazônia. E me segurei no trapézio enquanto um locutor anunciava a minha partida e um espectador murmurava: — «Como êle está nervoso!» — Mas é claro!

Os primeiros metros foram gostosos até. Vi meus colegas de imprensa que me haviam censurado por não ter em minha companhia vários fotógrafos para a minha reportagem. Todos êles estavam a postos nos edifícios que sustentavam os vários cabos de acrobacias para fotografar os artistas. Naturalmente não esperavam que eu invadisse a área e fôsse chutar de dentro da baliza...

Foram gostosos os primeiros instantes. Ouvi palmas e senti que tôdas as atenções se voltavam para a minha pessoa. Não gostei de ver tanta gente me olhando, nunca tinha trabalhado em circo e por um instante me recordei dos tempos de escola, quando recitava versos e ganhava palmas da familia. A motocicleta subia e os homens iam diminuindo de tamanho. Enquanto isso ou ia aparentando a maior calma dêste mundo. Fazia tudo para controlar os nervos, o que até certo ponto consegui. Entretanto, o alemão que me acompanhava parou a máquina, e o trapézio, devido à minha inexperiência, começou a sacudir, sacudir, fazendo lembrar-me de um sonho, dêsses que a gente tem na adolescência e em que acorda caindo num abismo e no dia seguinte os nossos pais dizem que crescemos um centímetro...

O povo lá embaixo fizera um zum-zum-zum que me chegou aos ouvidos como o ruído de abelhas no cortiço. Bati a primeira chapa que saiu tremida... O locutor da rádio, que se achava lá em baixo perguntou-me se o local estava bom para fotografar. Estava, mas a vaidade humana é incrível, senhores! Eu queria tirar a dúvida que por ventura pairasse na mente de qualquer cidadão que estivesse lá embaixo e, por isso, mandei que a motocicleta recuasse mais e mais, acenando com segurança absoluta, dando a entender que estava à vontade. Isso me deu a posse de que tinha convencido os espectadores e aos próprios alemães. Bati mais chapas. Tôdas no foco e algumas muito interessantes. Então olhei para o alto para as rodas da motocicleta que às vêzes pareciam querer abandonar o fio. E se isso acontecesse...

Não sei porque depois de estar tão calmo, olhei para as pernas do alemão que guiava a motocicleta e vi que elas tremiam. Meu Deus, pensei com os meus botões! Êle está mais nervoso do que eu, se êle não controla êsses nervos nós vamos proporcionar uma grande reportagem para o João Martins, que se acha lá embaixo!...

Acenei para o alemão que fêz uma descida brusca e me deu uma sensação esquisita e deliciosa que eu gostaria de voltar a sentir. Quanto à tremedeira do acrobata, depois observei melhor: apenas as calças do artista tremiam, embaladas que eram pela fumaça saída do cano de descarga da máquina.

Ao deixar o trapézio meu coração dava pulos. Dava pulos que eu próprio não entendo até agora. Eu estava alegre pelas fotos obtidas, mas os nervos faziam-se presentes tirando-me o sangue...

Meus colegas me cumprimentaram, tendo ali mesmo recebido convite para escrever para uma grande revista do Sul sôbre a «loucura». No dia seguinte briguei com um de meus amigos sem que para isso tivesse a mínima razão. Era o resultado da aventura. Por que mentir dizendo que sou um super-homem e que aquilo foi brinquedo?

Que eu subiria outra vez, subiria, estou certo. Tenho um sentido inexplicável que até hoje não falhou. Quando não vai dar certo, desisto instintivamente. O cérebro me disse que nada me sucederia. Subi num trapézio pendente de uma motocicleta que caminha num fio de aço de 8 centímetros de diâmetro. Subi por amor ao jornalismo, para mostrar algo de novo aos leitores, alguns dos quais, lá no Piauí, me ameaçaram de morte porque escrevi em tôrno das lavadeiras dos rios Poti e Parnaíba com sinceridade. Confesso que ao bater a terceira chapa lá do alto pensei: «E se um piauiense me desse um tiro?...»

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

"PROFESSOR" DEMÓSTENES

(Cont. da pág. 23)

dos da rua, traziam-lhe invariàvelmente à lembrança a vida em Mococa, o aconchego da família e Marita.

Já fazia quase um ano que estava em S. Paulo e com o passar dos dias mais se avivava nêle o desejo de voltar. Mas para regressar era necessário que se formasse antes, e conseguisse a sonhada nomeação de "professor" de marcenaria na Profissional. Seria respeitado e — o que era mais importante — teria dinheiro para comprar boas roupas, freqüentar o clube da cidade, fazer viagens durante as férias e ajudar o pai.

(Continua no próximo número)

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.

BANCO DO COMÉRCIO S.A.

Capital e reservas: Cr$ 104.132.272,80

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
Tel. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Seção Especializada para Guarda de Títulos e Valores.

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

A BELEZA DOS SEIOS — BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

HEMORRÓIDAS E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das hemorróidas (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Usando a pomada no local e tomando juntamente o liquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. Para varizes (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.

Hemo-Virtus

Leiam a CENA MUDA

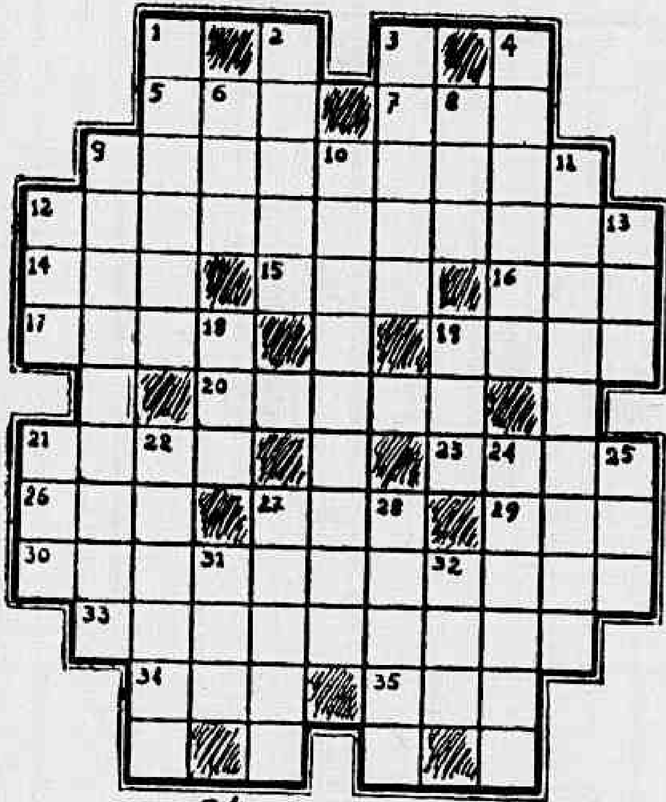
REVISTA SEMANAL DEDICADA AO CINEMA RÁDIO MÚSICA

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso

PALAVRAS CRUSADAS

PROBLEMA N. 57 -- PARA VETERANOS

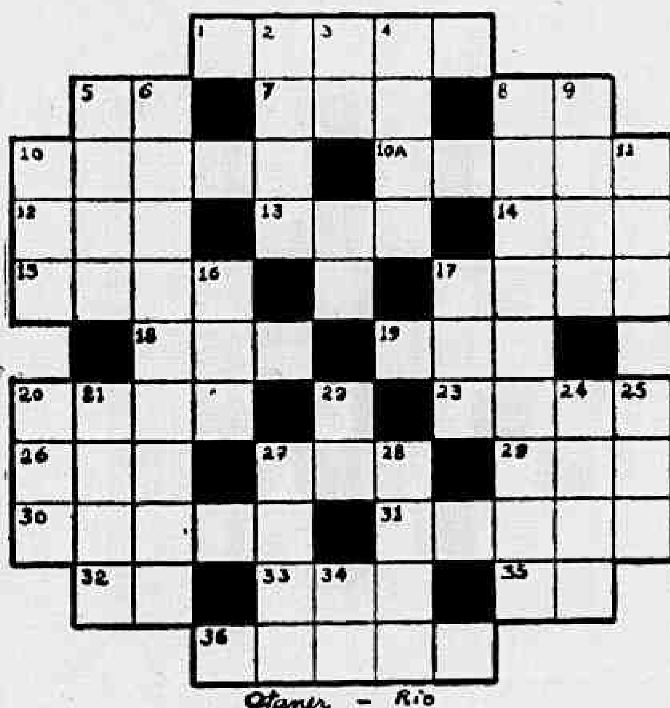


HORIZONTAIS: — 5. Planície — 7. Árvore silvestre do Brasil — 9. Lograra — 12. Cheias de mesuras e lbias — 14. Rio e cidade de São Paulo — 15. Medida argelina, usada na venda de cereais — 16. Espécie de enguia — 17. Árvore cuja madeira serve para construções — 19. Medida linear, em Goa (pl.) — 20. Cidade fortificada da Bélgica, que se tornou célebre na Grande Guerra — 21. Está iminente — 23. Rio do Estado do Amazonas — 26. Cadeia com que se suspende a caldeira ao fogo — 27. Liga — 29. Bebida nas Índias Orientais — 30. Dar sanção oficial — 33. Ofendedores — 34. Palavra semítica que significa servo, senhor. — 35. Amuleto dos prêtos malês.

VERTICAIS: — 1. Afrontar — 2. Oportunidades — 3. Opressão — 4. Abertura superior do estômago — 6. Filho de Caleb e Efrath — 8. Infusão de congonha — 9. Pintor de cenários — 10. Ocas — 11. Nome das famílias que David distribuiu para o serviço do templo de Jerusalém — 12. Duque (arc.) — 13. Vila da Espanha, na província de Saragoça — 18. Pronome pessoal — 19. Adjetivo possessivo — 21. Gemido — 22. Animal fabuloso com cabeça de águia e garras de leão (fem. pl.) — 24. Jogar à paz, para desempate — 25. Afluente esquerdo do Reno — 27. Até agora — 28. Junta e acostuma reses em manadas — 31. Monstro dorado em Menfis — 32. Espécie de palmeira.

★

PROBLEMA N. 57 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Gostara — 5. Aqui — 7. Unidade das medidas agrárias — 8. Interjeição de repugnância, nojo — 10. Fazer parar — 10A. Canoa pequena e esguia — 12. Pedra do altar — 13. Seguias — 14. A casa — 15. Pouco abundante — 17. Querido — 18. Raiva — 19. Sofrimento físico ou moral — 20. Homem de pequena estatura — 23. Espécie de rã — 26. Possui — 27. Cloreto de sódio — 29. Produto das abelhas — 30. Fragrância — 31. A menor fração de um elemento capaz de entrar em combinação — 32. Artigo plural — 33. Preposição indicativa de companhia — 35. Partícula apassivadora — 36. Tingem.

VERTICAIS: — 2. Planta leguminosa — 3. Brisa — 4. Soberanos — 5. Substância de que as abelhas fazem os favos — 6. Ligaríamos — 8. Conversaremos — 9. Discursar — 10. Oferecer — 11. Argola — 16. Rezo — 17. Colorido — 20. Pinha — 21. Imperador romano, célebre por sua crueldade — 22. Ali — 24. Aparelho para dar direção aos barcos — 25. Interjeição de saudação — 27. Receptáculo de aniagem ou outro tecido — 28. Lodo — 34. Sufixo designativo de autor.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 56

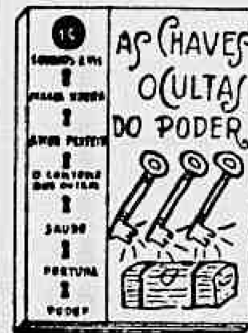
PARA VETERANOS

HORIZONTAIS e VERTICAIS: — Romani — Miserere — Ri — Oram — Xa — Oso — Ar — Num — Merapinima — Araribunas — Nem — Nu — Iri — Ir — Nini — As — Exumaram — Amasis.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Manos — Americano — Sala — Além — Al — Ras — Ga — Abúlico — Ar — Aio — Co — Riam — Nais — Maracanãs — Ásaro.
VERTICAIS: — Casa — Mel — Araruamas — Ni — Ocasionar — Sal — Roma — Malária — Negocia — Ali — Arma — Osso — Ara — Ano — Cá.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



15,00



15,00



10,00



15,00

Peça os livros que lhe interessam!
PELAS FIGURAS
OU PELA LISTA ABAIXO



20,00



15,00



20,00

Yes Sir Inglês sem Mestre	12,00
Rigo - Alemão sem Mestre	12,00
Rigo - Italiano sem Mestre	12,00
Rigo - Francês sem Mestre	12,00
Espanhol em Quadrinhos	12,00
Frases para Correspondência Comercial Inglêsa	20,00
Inglês para as Américas	20,00
Instalações Elétricas	60,00
Enxertia Prática em Figuras	15,00
Multiplicação Vegetal	15,00
A Conversação Inglêsa sem Mestre	25,00
Dicionário de Verbos Inglêses	22,00
A Arte de Desenhar Geral	30,00
A Arte de Desenhar Animais	30,00
A Arte de Desenhar Cabeças	30,00
Desenhar Caricaturas	30,00
Desenhar Letras	30,00
Estilos Artísticos	30,00
Desenho a Bico de Pena	30,00
Residências Brasileiras	40,00
Desenho Arquitetônico	150,00



15,00



15,00



25,00

NO INTERIOR — PEDIR POR REEMBOLSO POSTAL
Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 aumentamos 10% para despesas.
EDITORA GERTUM CARNEIRO - Rua do México, 128 - 3ª - Rio
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

A GUERRA QUE UNIU DOIS POVOS

(Cont. da pág. 32)

podia acontecer e era necessário ter-se cuidado, ser-se previdente. Meses depois, entretanto, a ordem foi revogada e os rapazes norte-americanos entraram com todo o seu jeitão nas simpatias das jovens teutas, sendo até permitido contrair matrimônio.

E na anterior grande guerra? Houve o mesmo fenômeno e muitos franceses não deixaram de desposar alemãs, e alemães se casaram com francesas, embora não houvesse ocupação sôbre o território de Guilherme II. Muitos soldados das tropas norte-americanas contrairam núpcias na França, esquecendo suas "girls" patricias.

Com os nossos pracinhas também se deu o mesmo episódio. Foram brigar na Itália contra os fascistas de Mussolini mas, grande número dos brasileiros voltaram de lá trazendo italianas como espôsas, ou esperando-as em navios que deviam chegar. Na Coréia se está verificando o mesmo fato, vendo-se soldados afeiçoados a coreanos, tratando-se mùtuamente como velhos amigos. Entre as crianças, especialmente, há grande dose da afetividade em favor das tropas da ONU, com especialidade, entre os norte-americanos e os naturais da peninsula. Como se explica isso? É que na desgraça a alma humana se revela.

A VIDA DE QUEM NÃO VÊ

(Cont. da pág. 21)

lêvo, que horas depois vão servir de encantamento a dezenas de cegos que o Instituto abriga.

Vimos encadernadores cegos trabalhando com perfeição absoluta, fazendo, sem olhos, aquilo que muitos perfeitos de visão não fazem. Ficamos pasmados e, então, pudemos compreender um fato que até então não haviamos compreendido bem — como Antônio Feliciano de Castilho, cego desde os seis anos de idade, pôde ser tão grande. Só invocando Deus, criador de tôdas as coisas, podemos explicar tal fenômeno — quando Êle tira uma coisa, dá outra para compensar.

ATIVIDADES PROFISSIONAIS DOS CEGOS

Além dos revisores, encadernadores, operários das oficinas da imprensa, fomos encontrar costureiras cegas, floristas, afinadores de piano, todos cegos ou ambliopes. Mas, o que nos causou maior espanto foram os vassoureiros. Sim, leitor, os fazedores destas mesmas vassouras com que você vê sua empregada varrer a casa todos os dias. Vassouras de penas, vassourinhas, rodos, tudo é ali fabricado, com uma perfeição de deixar qualquer mortal estupefacto. Há os trabalhadores, da bancada, aquêles que armam a vassoura, há os cortadores, os encaixadores, os separadores. Precisariamos de um filme, leitor, para mostrar-lhe tudo o que se relaciona com a fabricação de vassouras já que, sentimos, nossas palavras não lhe poderão dar idéia do que é aquêle mister.

Os afinadores de piano são qualquer coisa de notável, também. As floristas deixaram-nos boquiabertos, as costureiras da mesma forma, assim como tudo no Benjamim Constant. E' uma grande colméia que vive a sua vida com constância, com fé, com tenacidade, com vigor.

Ao mesmo tempo que cultivam os trabalhos profissionais, os meninos também cuidam do corpo, seguindo o vocábulo latino — mens sana in corpore sano. — E todos os dias, antes das aulas, é comum verem-se os mesmos correndo atrás da bola número cinco, diblando, chutando em goal, com uma perfeição de deixar o Ademir com o queixo caido, se é que êle pode cair mais...

OUTROS SERVIÇOS DO INSTITUTO

Além de tudo o que dissemos acima, o Instituto Benjamim Constant atua como órgão da prevenção da cegueira, atendendo diàriamente a centenas de casos de tôdas as partes do Rio de Janeiro e do Brasil. Ali se corrigem defeitos de visão, aconselham-se os doentes, tudo graciosamente.

Um dos conselhos que mais nos chamou a atenção vamos retransmiti-lo para você, leitor do interior: "Não lave as mãos em bacias, nem enxugue o rosto em toalhas que servem a muitas pessoas. Usem água corrente e tenham sua própria toalha". Você sabia? Pois guarde isto que é de grande utilidade contra a cegueira, contra o tracoma, contra diversas doenças que se manifestam no aparelho visual.

O Instituto Benjamim Constant promove educação prè-escolar e post-escolar dos alunos, habilita professôres na didática especial de cegos e ambliopes, realiza pesquisas médicas e pedagógicas relacionadas com as anomalias da visão e prevenção da cegueira, promove alfabetização de adultos.

Seus professôres são homens de cultura excepcional. Vimos verdadeiros mestres em português, matemática, geografia, a qual ensinam no mapa mundi em Braille. Aquilo, leitor, é um mundo em mimiatura, o mundo dos cegos.

Um dos fatos, da vida do Instituto, que mais sensação causou entre os meninos cegos e os que ali trabalham, foi a oferta de D. Euridice Pereira da Silva, uma bela jovem carioca que ofereceu seus próprios olhos, depois de morta, para que um cego pudesse voltar a ver.

O Instituto tem mais de cento e trinta pessoas voluntárias que vão àquêle educandário ler para os seguinhos — senhoras da alta sociedade, senadores, deputados, senhoritas, tôda uma casta de gente altruística, vai levar um pouco de sua visão e do seu incentivo para gáudio dos meninos cegos.

Quando nos retiramos do Instituto traziamos, ao invés da compaixão com que entráramos ali, a certeza de que aquêles ceguinhos são felizes e, ainda mais, a convicção de que nem tudo está perdido...

MANOEL BARCELOS EM . . .

(Cont. da pág. 12)

Após as cerimônias, já na residência da noiva, Paulo Gracindo, em nome dos radialistas brasileiros, ofereceu a Manoel Barcelos, uma pequena chave de ouro, dizendo: "Eis aqui o nosso presente de núpcias. Toma; é uma chave que só funciona depois da meia-noite". Todos sorriram... Mas Manoel Barcelos chorou de emoção. Todavia, para tirar o efeito da *blague* anunciou o próximo casamento de Raul Brunini. Em seguida D. Inah Malagutti, que se sentia tão feliz quanto sua filha, anunciou que ia ser servido doces aos presentes. Depois sucederam-se os brindes a *champangne*. Paulo Gracindo ficou *alto*, quís fazer discurso. César Ladeira interveio dizendo que o Barcelos não apreciava discursos. O Brunini homisiou-se num canto com a noiva. Não deu mais uma palavra. Ficou romântico. Naturalmente por causa da chuva que não cessava de cair através das vidraças do apartamento. De quando em vez ouvia-se o espoucar de mais uma garrafa de *champanghe*. Nêsses momentos o Brunini deixava o seu retiro e procurava justificar o seu aparecimento, dizendo: "Não posso ouvir o espoucar de garrafa nem o tinir de taça sem prestar as devidas homenagens a Baco".

Assim, festivamente, foi realizado o casamento de Manoel Barcelos e Isa Malagutti. Quando o relógio marcava 22,30 horas, Paulo Gracindo, falou: "Bem gente; não esqueçam do que eu disse: a chave é para ser usada a meia-noite; vamos fazer as nossas despedidas e deixar o colega em paz..."

OS TRAPEZISTAS DA...

(Cont. da pág. 29)

— Perfeito até de mais.

Sentamo-nos novamente e ficamos medindo as consequências do ato a que se propunha nosso colega. Quando despertamos da nossa êxtase, êle já havia desaparecido. Onde estaria?

E o altofalante anunciou:

— Atenção, senhores ouvintes, nosso espetáculo de hoje está sendo fotografado pelas Revistas tais e tais, de tais e quais lugares. Mas, sensacional sob todos os aspectos é a façanha de Vinicius Lima, repórter da REVISTA DA SEMANA, que vai subir com os artistas a fim de fotografá-los.

Um "frisson" correu pela assistência! Uma senhora ao nosso lado, levando a mão ao queixo, exclamou:

— Êsse rapaz é doido!

Incógnitos, observamos o desapontamento de nossos colegas. Ouvimos de um dêles a observação sentida:

— E essa agora...

Sorrimos satisfeitos; vencêramos o primeiro "round". Que destino nos aguardaria na decisão final?

Teve inicio o espetáculo. Um jovem alemão desceu pendurado pela nuca, numa corrida rapidissima, sem qualquer apoio, ante o olhar abismado dos espectadores. Uma jovem, a nosso lado, puxando sua genitora pelo braço, pediu:

— Vamos embora, mãe, eu não posso com isto. Não são trapezistas, são loucos!

Anotando o nome do autor da façanha — Jupp Klein — sentimos que o espairecimento de nosso espirito fracassara completamente. Lamentávamos não poder seguir também a moça que se fôra. Agora tinhamos uma missão a cumprir. Mas as maluquices prosseguiam. O locutor anunciou uma corrida de motocicleta, naquele cabo de aço de poucos milimetros de diâmetro e uma exibição de trapézio. Sigward Bach na direção da moto e Lothar Stephan no trapézio. A moto veio vindo até quase ao final do fio, depois retrocedeu e, parecendo procurar um ponto de apoio a setenta metros de altura, parou e começaram novas emoções para todos os que assistiamos ao espetáculo. Lothar, embaixo da máquina, pendurado em um trapézio, fazia acrobacias diabólicas, inclusive *plantando uma bananeira*, prêso, apenas, pelos dedos dos pés...

A multidão, num misto de incredulidade e admiração, ouvia o locutor explicar que igual prova já havia sido feita na Europa a três mil metros de altura. Muitos comentavam a loucura dos artistas, mas o de que a maioria falava era a subida do repórter da REVISTA DA SEMANA.

Colegas dos vários jornais e revistas, numa azáfama nunca vista, postados nos pontos-chaves, assestavam suas máquinas e fotografavam a uma distância de cem metros os malabarismos dos artistas. Grupos se formavam e alguns até já comentavam maliciosos:

— Acho que o repórter desistiu. Pensou melhor.

— E' preciso ter *peito*, meu caro. Deve ter pensado na família.

Ia começar nova prova, a chamada *prova da morte*. Dois jovens alemães se propunham atravessar o fio de dezesseis milimetros que se estende do Ministério da Fazenda ao prédio fronteiro, cêrca de cento e cinquenta metros. Além da dificuldade da distância havia grandes curvas no fio, o que certamente iria dificultar ainda mais a travessia. O locutor Mário Garófolo pediu atenção e que todos observássemos o edificio fronteiro, de onde Jupp Klein ia partir. Forte vento soprava e tememos pela vida do artista. Iniciou-se a caminhada, ante o olhar abismado de todos e o alemão sorria fagueiro, como se estivesse caminhando em terra firme. Aquilo não existia, pensamos enquanto êle caminhava tendo nas mãos um enorme cabo que mantinha seu equilibrio. Foi quando se ouviu o barulho da motocicleta que partia ganhando a extensão do fio, trazendo, embaixo, nada mais, nada menos do que Vinicius Lima. A multidão prorrompeu em palmas e a caminhada de Klein perdeu seu encantamento a partir daquele instante. Todos concentraram seus olhares em nosso colega. Ali, a apenas vinte metros do objetivo, Vinicius ia colhendo as sensacionais fotos que ilustram esta reportagem. Vencêramos o segundo "round". Mas o alemão caminhava e já agora se sentava em pleno fio. Do outro lado, isto é, do Ministério da Fazenda, es-

(*Cont. na pág.* 42)

Quanto mais velhos forem os seus móveis, mais bonitos se tornarão, conservando-os com óleo de peroba.

ACIDO URICO
REUMATISMO
ARTRITISMO
GOTA
LYTOPHAN

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

(Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia)

"AMARALINA", Tônico Capilar. De base vegetal dá certeza absosoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com u mvidro detém a queda dos cabelos eliminando totalmente a caspa e com a continuação fará renascer os cabelos perdidos.

Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc..

PARA ATENDER AOS INÚMEROS FREGUESES DO ESTADO DE SANTA CATARINA, "AMARALINA" E' ENCONTRADA NA DROGARIA DA AVENIDA BARÃO DO RI OBRANCO, 49, CIDADE DE CAÇADOR.

ACEITAMOS PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A CR$ 45,00, O VIDRO, LIVRE DE PORTE.

M. M. BURLE & CIA. LTDA. — AVENIDA RIO BRANCO, 137 — 6.°

FONES: 32-9415 e 32-9309 — RIO DE JANEIRO

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

LÚCIA A AMOROSA



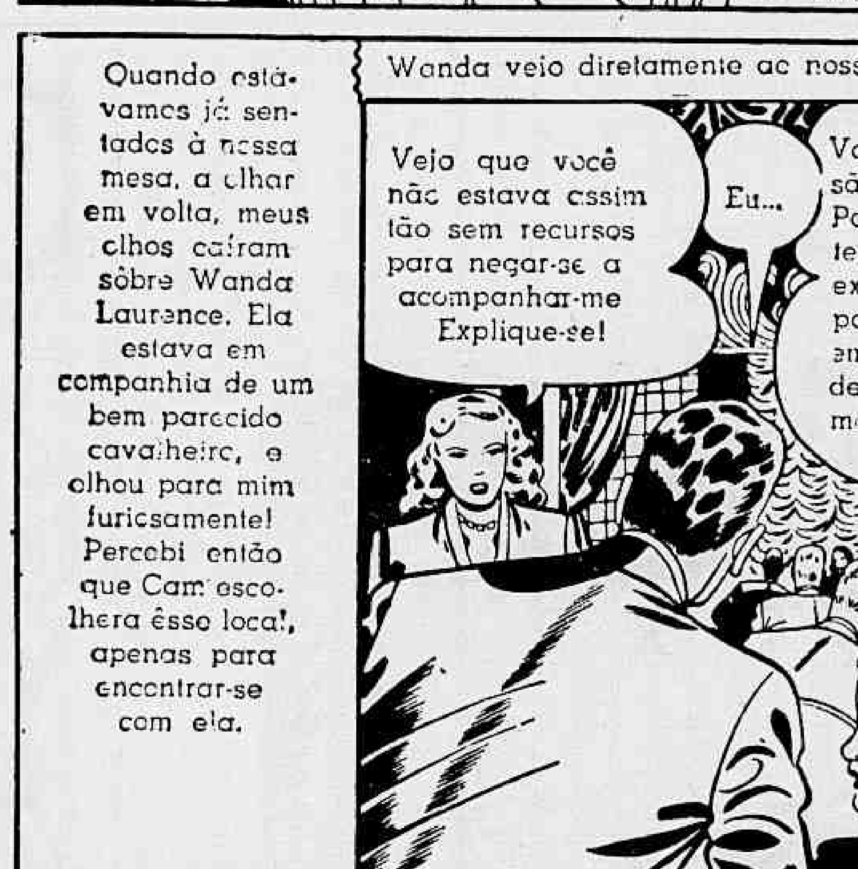








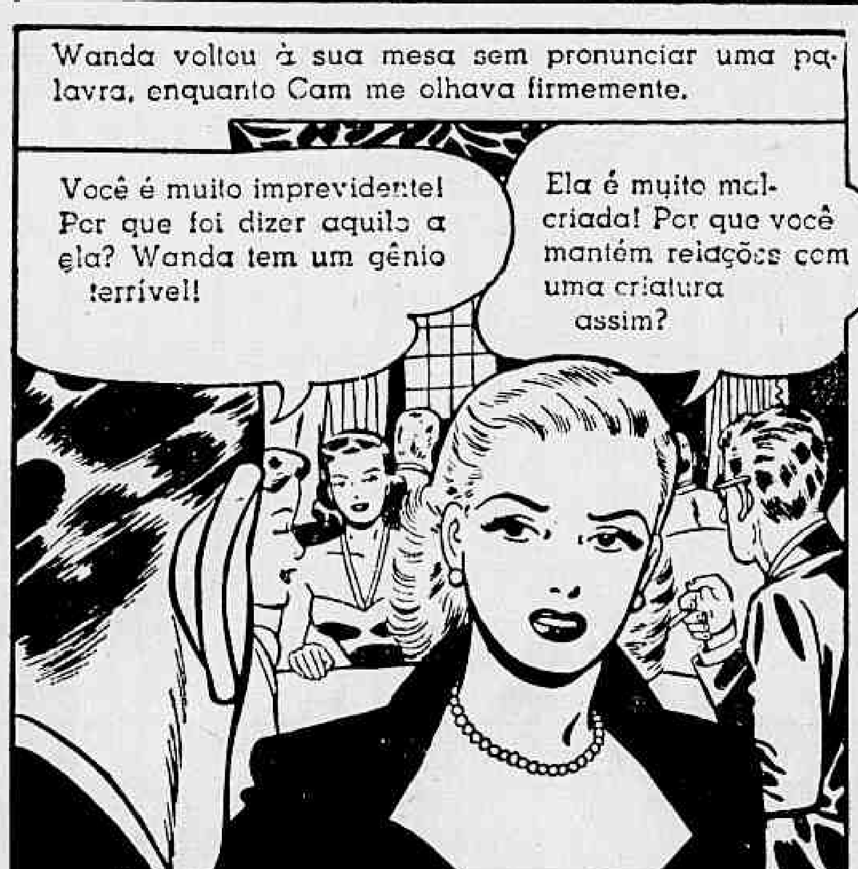














SERIA WANDA LAURENCE UMA VÍTIMA DE CAM?



RASCEL, CUJO NOME REAL É Renato Ranucci, recebe de uma sua colega de bailados na mesma companhia teatral em que trabalham, um ramo de rosas perfumadas. A cena se passou entre intervalos da momentosa e muito aplaudida revista «Quo Vadis?» O excelente ator nasceu em Roma, a 27 de abril de 1912, e seguiu a carreira de seus genitores, ambos também do palco. Rascel é exímio baterista de orquestra, mas gosta muito mais do proscênio, para o que tem vocação apaixonada. A linda e jovial companheira foi levar-lhe no camarim esta inocente prova de admiração e homenagem pessoal pela magnífica performance de Ranucci. Ninguém sabe até agora, porém, é se a gentileza da «ragazza» se converteu em sincero amor...



ESTA ELEGANTE SENHORA reside em Nova York. E' grande admiradora dos cães e não perde exposições caninas, nem desfile de modelos. Aqui a vemos com esta curiosa e estravagante novidade: compareceu a uma exposição de modas, levando o seu cão favorito trajando uma capa da mesma fazenda de que ela fizera belo vestido. Para completar o trajo canino, arranjou-lhe um chapèuzinho da mesma sêda, segurando a uma orelha do animal de estimação. Sua fantasia despertou a maior atenção de quantos a viam conduzindo aquêle cachorro assim enfeitado, e o próprio animal, ao ser fotografado, estampou no focinho uma atitude de quem está com tudo e não está sopa... Que bela vidinha, essa dos senhores cachorros!

TUDO ISTO

I E M A N J Á



COM a importação dos negros da África, o Brasil conheceu uma nova religião. Proibidos os escravos africanos de exercer o direito de crer nos seus orixás e lhes tributar a veneração que humanos prestam aos entes divinos, processou-se entre nós o fenômeno da aculturação religiosa dos negros no Brasil. Tudo o que havia na África em matéria de crença veio para a Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, etc., e nesses pontos de desembarque de escravos, tomou nome diferente, adaptando-se ao agiológio católico. Os pretos escravos não podiam adorar e realizar seus ritos a Ogun, a Xangô, a Nana Burucu, a Iemanjá. Então substituiram os seus nomes de origem pelos da Igreja Católica. Ainda hoje vemos o povo em suas expansões fervorosas diante de S. Jorge, a evocar-lhe o nome africano: Ogum.. Que podem fazer os sacerdotes católicos, as autoridades, a imprensa, para evitar que o povo inculto e crédulo dê ao Santo guerreiro e mártir um nome de fetiche do Congo? Nada. O jeito é ir devagar, sem ferir a sensibilidade dos que acham mais forte Ogum do que S. Jorge... A Bahia é a sede de tôdas as aculturações por que passou e ainda passa o nosso povo. Agora mesmo em Salvador sucedeu um episódio dos mais dolorosos. Em local da avenida Oceânica, às cinco horas da tarde, quatro devotas de Iemanjá foram oferecer presentes à deusa das águas, cumprindo uma promessa feita. O local escolhido foi em Ateia Preta, onde há muitas pedras caindo abruptas sôbre as águas revôltas. O tempo estava mau. Vento e chuva. Lá em baixo rugiam as ondas. Era a voz de Iemanjá. Engrácia Santos, suas duas filhas e uma outra pessoa, ao lançarem ao mar o "voto", viram-se arrastadas para as ondas. Gritaram por socorro. Em vão. Populares acorreram, mas nada puderam fazer.

MORREU QUITANDINHA

FOI divulgada, há pouco tempo, a seguinte notícia, pelos jornais desta capital: "Petrópolis, 10 (abril). — A fim de conhecer as condições de Petrópolis, do ponto-de-vista turístico, estiveram nesta cidade os chefes de quarenta emprêsas de turismo dos Estados Unidos. Os visitantes foram recepcionados no Hotel Quitandinha, pelas autoridades locais e diretores da Associação Comercial e Industrial. Às vinte-e-uma horas realizou-se um jantar seguido de "show", em honra aos visitantes". Esta notícia era ilustrada no jornal de onde colhemos o registro, com uma fotografia do sr. Cordelino Ambrósio, prefeito de Petrópolis, ao cumprimentar a delegação dos técnicos de turismo na América do Norte. Não se pode imaginar o clarão de esperanças que raiou no espírito de quantos se interessam pela maior intensificação do turismo no Brasil. A visita "on location", de tantos "experts" da grande indústria turística dos Estados Unidos despertou o mais justo entusiasmo e todo mundo pensou que Quitandinha passaria a gozar do justo prestígio a que faz jus, independentemente de voltar a ser um cassino de jôgo. Mas, infelizmente, tudo acaba de desmoronar. E' o próprio govêrno do Estado do Rio que declara pública e melancòlicamente ser impossível manter o fabuloso hotel em funcionamento.



As despesas de manutenção são muito mais superiores do que a renda normal do hotel. Desta maneira, vai ser fechado (ou já foi), desde que ao erário não é possível arcar com verbas para suprir-lhe o "deficit" vultoso. A notícia, leitor não deixa de produzir grande desolação no país. Quitandinha, como todo mundo sabe, é qualquer coisa de miraculoso em matéria de empreendimento arquitetural, situado num local maravilhoso, fascinante, dotado de tôdas as exigências de luxo e confôrto. Mas... não foi feito para dar dor de cabeça e sim lucros razoáveis. E o turismo neste país ainda é um enigma.

LINGUAGEM PARLAMENTAR

NÃO queremos dizer que o que vamos reproduzir seja verdade. Também não podemos asseverar que seja invenção de algum gaiato. Mas, segundo foi divulgado por jornais do Rio, o fato se passou na capital de Goiás, vindo para o Rio através do serviço da Asapress. Trata-se de diálogos verificados em plena casa legislativa da cidade de Goiânia, capital de Goiás. Os senhores vereadores de lá mantiveram o seguinte duelo oratório: "Vereador Boaventura Moreira de Andrade: O legislativo está desmoralizado. *Onti* nós foi ao Departamento de Viação e Obra Pública, e o diretô nos arrecebeu assentado, num tendo nem mostrado que ia alevantá". Outro vereador, Manuel Fernandes, aparteia: "Vossa Incelência queria que êle dasse a cadeira para vossa incelência?" Ao que retrucou Boaventura: "Num queria que dasse, mas que ao meno alevantasse". Intervém outro vereador, o sr. Braz Limongi: "Vou dar um aparte. Também fui com V. Excia. e eu num se acho que nós foi mal arrecibido". Diante dêsse falar, diz o correspondente da Agência: "Eu se acho que vou embora". O caso se presta a críticas por êsse Brasil a fora, numa campanha de desmoralização dos nossos progressos democráticos; mas, apesar de não terem falado gramàticalmente, serão êsses legisladores incapazes de realizar algo mais objetivo no sentido



exato do bem público? Muitas vêzes um homem de poucas letras ou mesmo analfabeto, pode contribuir com as luzes de sua prática da vida, com o seu bom-senso e sua inspiração patriótica, em favor de leis e obras administrativas, com muito mais eficiência do que muitos sabidões. Lembrem-se de que Carlos Magno não sabia ler nem escrever, e construiu um dos maiores impérios do mundo, protegeu as artes e as letras, e deu ao mundo leis que, ainda hoje, servem de ponto de partida para legislações do homem civilizado. Não censuremos os vereadores goianos. A culpa não é dêles. E' do próprio Brasil.

ACONTECEU

CARMEN MIRANDA



NOTICIAM dos Estados Unidos que Carmem Miranda resolveu reagir contra os que exploram suas invenções de moda e ela mesma vai entrar nas competições, criando modelos que terão o seu nome. Para mostrar como tem sido ludibriada pelos fabricantes e comerciantes de artigos que levam o seu nome famoso, Carmem cita o de uma loja de calçados de Los Angeles, fato passado com ela mesma. Indo a uma sapataria de Hollywood, Carmem escolheu numa das vitrinas certo tipo de calçado daqueles de que tanto gosta: solado de cinco centímetros com um salto dêste tamanho. O vendedor, que não a reconheceu, porque ela estava de óculos escuros, justamente para despistar os fãs, ao saber que a cliente estava interessada no tal tipo de calçado, exclamou: "Ah! Agrada-lhe o calçado à Carmem Miranda? Custa 65 dólares o par". A notícia não diz se ela os adquiriu; mas, de acôrdo com o que nos relata, ficou muito mal satisfeita com o processo dos fabricantes, das modistas e chapeleiros, que se estão enchendo de dólares graças aos tipos que ela inventa, enquanto ela, a criadora das modas, nada recebe. E Carmem Miranda decidiu acabar com essa história pouco cordial. Vai, ela própria, entrar na dança, isto é, vai explorar o meio e fazer valer os seus direitos. Para mostrar que está com tudo e não está prosa, cita o caso do "cow-boy" William Boyd, que abiscoitou, no ano passado, nada menos de um milhão de dólares com a cessão de seu nome sôbre centenas de produtos. O mesmo sucede com outros, como Roy Rogers e Gene Autry, que vendem por bom dinheiro suas criações. Espera Carmem Miranda recuperar agora muita coisa. Já está em andamento um livro seu para colorir e o mercado receberá bonecas "Carmem Miranda". Isso para começar. Nada de contribuir gratuitamente com suas idéias para enriquecer sabidinhos, enquanto ela fica a ver navios...

A INVASÃO DA PROPAGANDA



QUANDO se inventou a imprensa não se pensava que, um dia, viesse a servir de veículo à publicidade de artigos comerciais e industriais, com o mais evidente dos êxitos. Quando apareceu o cinema, naquela noite de 28 de dezembro de 1895, num porão do Café dos Capuchinhos, também ninguém imaginava que ao cinema estivesse reservado o grande papel de divulgador de idéias e novidades. Mas, o rádio se converteu em outro veículo de propaganda comercial, embora, segundo as estatísticas revelem, caiba à imprensa o primeiro lugar entre os anunciantes. Quem possui o seu rádio-receptor não gosta de ouvir anúncios. Esta é a verdade, embora ouça todos os que estão programados naquele instante, tenham que ser ouvidos pelo ouvinte, quer queira, quer não. Quem compra um jornal ou revista, não o faz para ler anúncios, é claro; mas, se a publicidade gráfica, ao perpassar das páginas de notícias e gravuras, é atraente, vistosa, sugestiva, o leitor pára, lê, e muitas vêzes relê a publicidade, inteirando-se do seu teor. A publicidade reiterada é, porém, a melhor maneira de sugerir leitura pelo que manuseia a revista ou o jornal. Embora ninguém adquira revista ou jornal para ler anúncios, todo mundo será levado a lê-los, se fôr bem imaginado, feito com técnica e bom-gôsto. Tôdas estas considerações vêm a propósito de anúncios irradiados que estavam sendo levados a efeito em ônibus e bondes de Washington, Distrito de Columbia, Estados Unidos, com números de música e preconícios comerciais. Era concessionária do serviço de anúncios em veículos a Emprêsa Transit Company, que acaba de ser proibida de manter tal processo, em face de ação que, contra ela, moveram pessoas que não concordavam com a coisa. E o Tribunal de Apelação deu a sentença: "Obrigar passageiro a ouvir anúncio é contra os direitos individuais garantidos pela Constituição".

QUE DESAFORO



NÃO é possível que haja no mundo esportivo, tanto da América como da Europa, Ásia e África, Oceânia e ilhas adjacentes, quem ignore que há no Rio de Janeiro um estádio com o nome de "Maracanã", ou Municipal, o maior do mundo. Que os jogadores de sinuca, os caçadores de tigres, os remadores e alfaiates de Calcutá ou do Cairo ignorem o assunto, compreende-se perfeitamente; mas, que um órgão de literatura esportiva dos Estados Unidos, da Inglaterra, Canadá, França, e outros meios adiantados ignore a existência do nosso estádio, é imperdoável. Então será possível que se ignore ter-se realizado no Brasil o campeonato mundial de futebol, com renda recorde no mundo e com a inauguração solenissima do certame no maior estádio do mundo, construído para o maior acontecimento esportivo dos últimos tempos? Haverá quem ignore que compareceram ao campeonato doze nações estrangeiras, inclusive a delegação dos Estados Unidos? Pois fique sabendo o leitor que uma revista de esportes dos Estados Unidos ignorava a existência do nosso Maracanã! Como sucedeu isso? O caso se passou assim: fazendo reportagem sôbre os maiores e mais famosos estádios do mundo, aquela revista norte-americana citou diversos estádios, mas omitiu o "Maracanã". A omissão chamou a atenção de um carioca, que, imediatamente, dirigiu uma carta à redação da revista historiando a nossa monumental praça de esportes, descreveu-a e deu detalhes gerais. Para documentar a coisa, anexou excelente fotografia do "Maracanã" e pediu que a revista retificasse sua reportagem e nos fizesse justiça. A direção do periódico recebeu tudo, estampou na capa a foto do "Maracanã" e declarou que ignorava a existência do nosso estádio... Para mostrar seus agradecimentos, porém, mandava um cheque de dez dólares ao autor da "descoberta"...



DICK COLLIER, COGNOMINADO «mister Giggler» (o brincalhão), é conhecido pela sua famosa maneira de dar gargalhadas. Certa vez, ao soltar uma daquelas, um cidadão que dirige programas de televisão, ficou muito interessado pelo riso comunicativo e engraçadíssimo de Mr. Collier. Convidou-o para animar certos programas de televisão e o nosso risão aceitou sem mais pestanejar. E', como vemos, o primeiro homem neste mundo que converteu sua capacidade de dar boas gargalhadas numa honesta e alegre profissão. Mas, embora não esteja morando em Aracati, Ceará, cidade em que todo mundo tem apelidado, foi logo batizado por Mister Giggler, ou seja, Sr. Risadas, ou o Brincalhão, ou cousa semelhante. E está muito satisfeito...



FRANK OWINGS, de Filadélfia, foi convocado e seguiu para Fort Myer, na Virgínia, Estados Unidos, a fim de submeter-se aos exercícios militares. Ao chegar ao seu quartel surgiu uma dificuldade: como conseguir-se fardamento, calçado e capacete para o recruta? Frank mede «apenas» dois metros e dois centímetros de altura e seus pés são dêste tamanho! O comando de seu corpo de tropa teve então que romper a ordem militar e permitiu que Frank fizesse seus exercícios e recebesse instrução, vestido à paisana e tendo à cabeça, lá em cima, um capacete que mal dá para cobrir o cimo do coco. Nos pés, teve que calçar um chinelo, pois não houve reúna que desse para os seus pés de légua e meia. Será bom desfrutador de coqueiros.



NÃO FOI possível sepultar em cova separadas a todos os mortos, porque na maioria os corpos estavam em fragmentos. Foram então recolhidos à igreja de Nova Iguaçu e ao necrotério local, em lençóis, padiolas, sacos de aniagem, tudo feito de improviso. Não era possível, também, reconstituir os cadáveres, alguns desfeitos, sem que se encontrassem os pedaços..

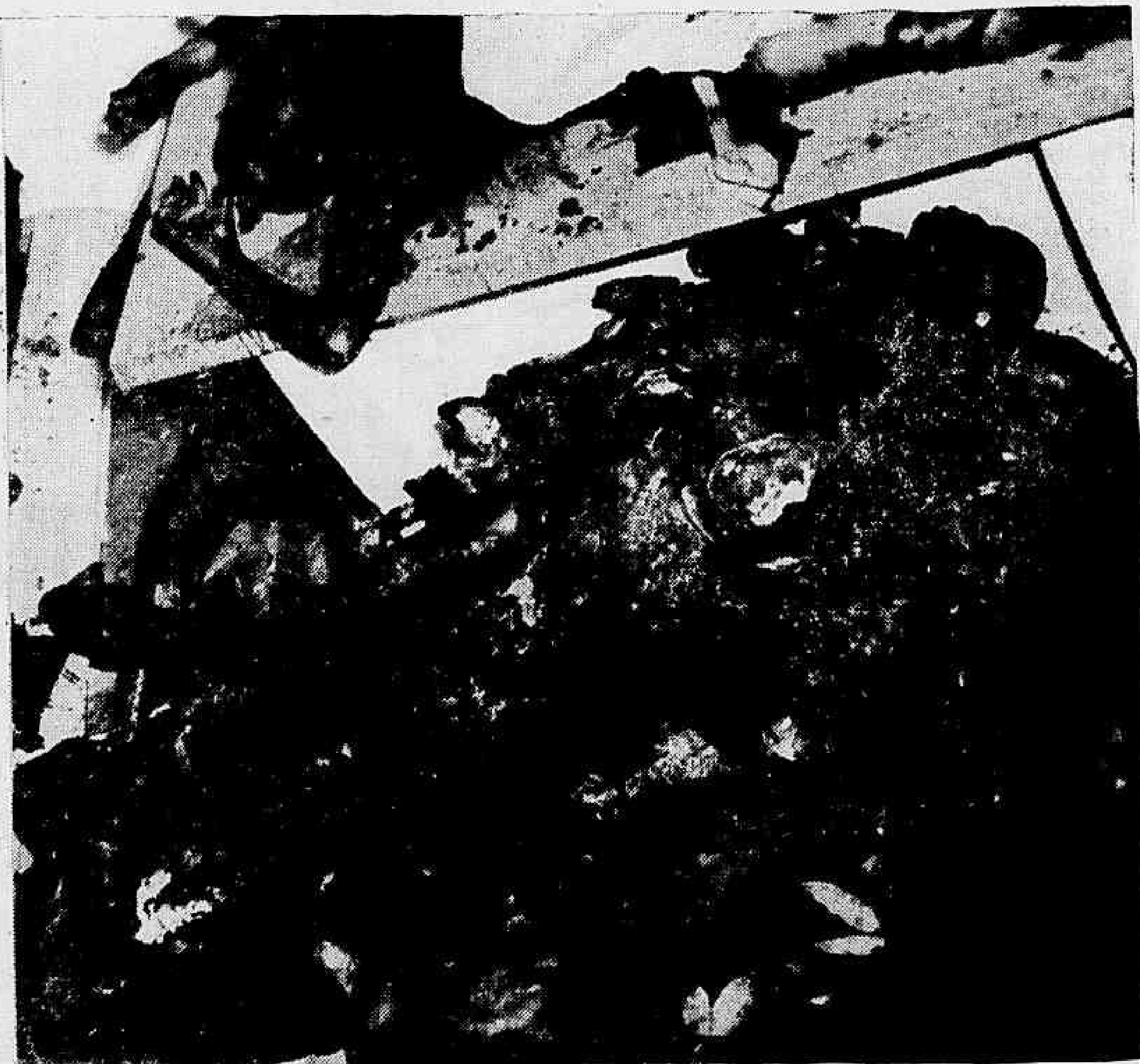
A CATA'STROFE DO UM---12

(Cont. da pg. 7)

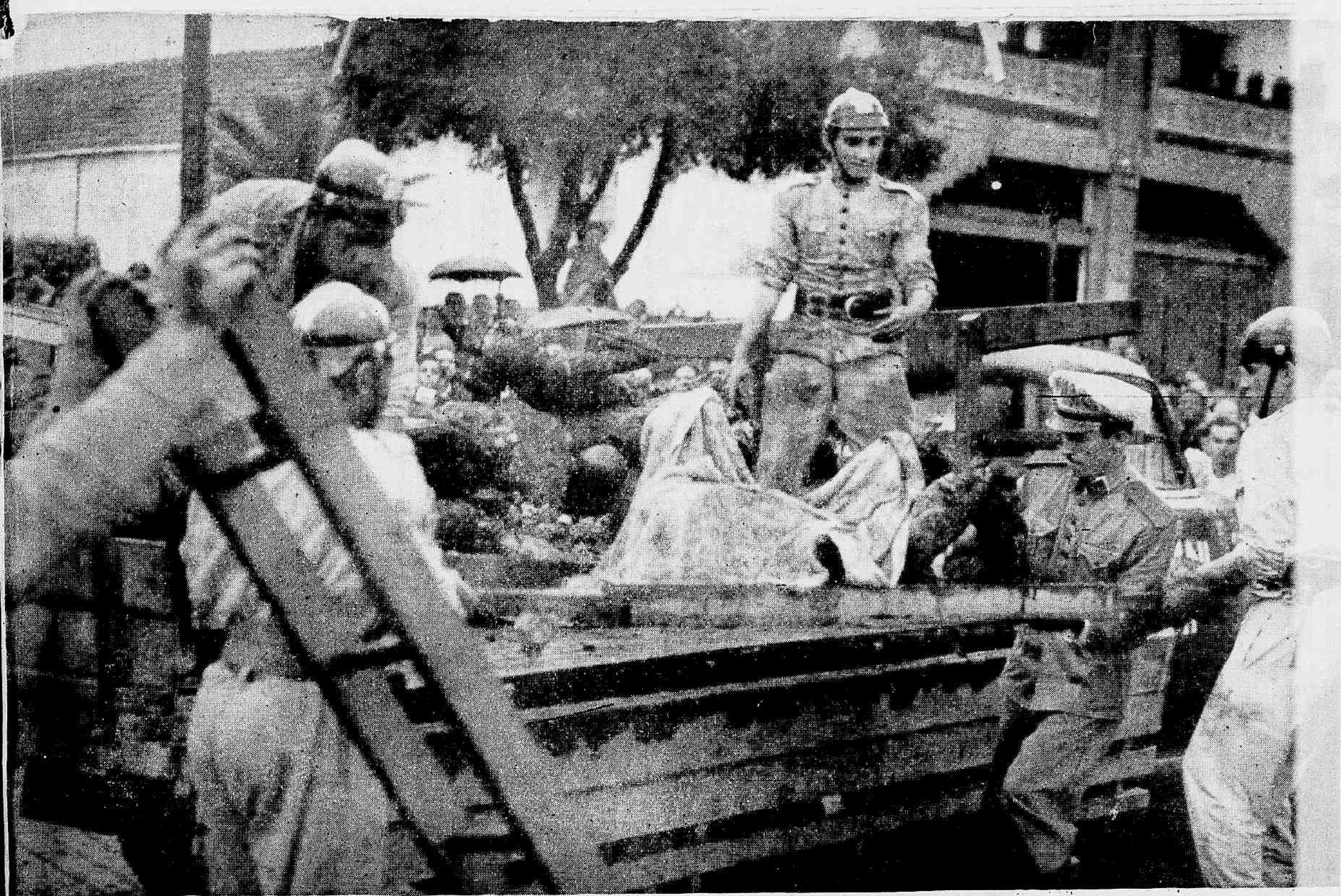
Dias depois, o motorista Orlando Madeira, que dirigia o caminhão-tanque da Standard Oil, compareceu à delegacia de Nova Iguaçu, acompanhado de seu advogado. Era êle o "pivot" da tragédia. Suas declarações foram estas:

— No dia 6 do corrente recebera ordem de fazer o transporte de 9.000 litros de gasolina para o Pôsto União, em Nova Iguaçu; ao saír, percebeu que o motor do carro-tanque falhava, sendo necessário que outro carro empurrasse para fazer o motor funcionar. Por isso o carro-tanque foi levado à garage da emprêsa, e quatro horas depois, ainda defeituoso, o motor, arrancou com o veículo para o destino. Em Belford Roxo, o carro enguiçou sèriamente. Foi pedido o auto-socorro à companhia, o qual chegou por volta da meia-noite. O socorro começou a empurrar o carro-tanque pela trazeira até à cancela de Nova Iguaçu. A pequena distância, percebeu a cancela fechada, tentou frear o carro, sem resultado, sendo arrebentada a cancela e indo projetar-se o carro-tanque sôbre os trilhos. O motorista do "socorro", notando o desastre iminente, em vez de tentar socorrê-lo, deu marcha-à-ré, fugindo. E sentindo a presença do choque, com o trem que já apitava, êle, motorista, e o ajudante, abandonaram o volante, fugindo também. Todavia, a cancela não tinha sinal luminoso nem campainha de alarme. De fato, alguém, talvez o guarda-cancela, fazia-lhe deses-





OS CORPOS ficaram assim, carbonizados e irreconhecíveis, sem se poder distinguir ao menos, a identidade para comunicar à família. Só mais tarde, na hora de voltar para casa, muita gente soube que um parente havia desaparecido entre os cinqüenta e três mortos. Homens, mulheres e crianças, reduzidos a carvão, misturavam-se, na igreja e no necrotério.



COMO SEMPRE, os bombeiros deram o seu valioso concurso, ajudados nessa missão por trabalhadores de tôdas as classes. Tarefa humanitária, foi a dêsses homens que viram de mais perto, em tôda a sua hedionda realidade, as proporções da tragédia. Destroços humanos, um tronco, uma perna, braços e cabeças, tudo ia sendo recolhido e levado para o necrotério.

peradamente sinais sôbre o perigo próximo, mas era demasiado tarde. E o desastre consumou-se.

★

Não foi possível, até serem redigidas estas notas, saber, ao certo o número de vítimas e ainda menos identificar as que apareceram. Os corpos carbonizados, fragmentados, impediam qualquer trabalho nesse sentido, sendo o sepultamento feito, portanto, sem essa observância. Por isso muitas famílias, na noite de 7 de junho, ficaram de coração suspenso, aguardando a volta, ou não, de seus entes queridos que poderiam ter desaparecido no grande desastre. E até hoje, muitos continuam realmente desaparecidos, pairando dúvidas a seu respeito. Famílias inteiras aguardaram, nessa tarde, que os pais, os filhos, os irmãos, os maridos surgissem na curva do caminho, salvos — e enquanto com muitos isso aconteceu, com tantos outros a confirmação da notícia foi o que restou aos parentes.

Êste foi, sem dúvida, o mais trágico acidente ferroviário já ocorrido no Brasil, onde tantos outros desastres têm sido registrados. Mas as particularidades inéditas e desoladoras de que se revestiu o sinistro do UM-12, fêz que a repercussão da tragédia se espalhasse por todo o país e mesmo pelo estrangeiro. Sem demora o Presidente da República ordenou a abertura de rigoroso inquérito, por intermédio da polícia técnica, para ser devidamente fixada a responsabilidade do causador ou dos causadores do sinistro. E as conclusões do inquérito deverão servir de base ao processo de indenização às famílias das vítimas do acontecimento dolorosíssimo que abalou tôda a família brasileira.



CARGA MACABRA a dêsse caminhão dos bombeiros, transportando dezenas de despojos humanos: sêres que tinham vida e cujos corações pulsavam até essa manhã fatídica, e agora transformados em um montão de escombros, destruídos pelo fogo. Nunca se saberá, ao certo, quantos morreram no UM-12, nessa trágica manhã de 7 de junho. Uma centena? Quem sabe?

CORREIO DA REVISTA

B. R. dos S. (São Paulo) — Infelizmente não foram aprovados os seus contos "Em cada pétala um beijo" e "Domingo inesquecível". Seria de seu maior interêsse procurar melhorar seu estilo e fugir a descrições vulgares, coisa que todo mundo já disse. A arte de escrever exige cultura literária ou grande vocação, inclinação para suprir a primeira destas condições. Não desanime. "Roma não se fêz num dia", lá diz o ditado.

Gilberto Magno (Rio) — Muito bonito o seu sonêto, "As Jornadas". Deixa de sair porque esta Revista não publica poesias, isto é, não mantém seção destinada a êsse gênero literário.

J. Maciel (Pôrto Alegre) — Recebemos seus contos. Aguarde o resultado.

Maria da Saudade (Rio) — Está em poder da Comissão Julgadora o seu conto "Amor diferente". Brevemente daremos notícias.

Ferriccio Fabbri (Rio) — Recebemos o seu "O Sonho". Vamos examiná-lo e, em seguida, voltaremos com o resultado por esta mesma seção.

L. B. K. (Rio) — Pode mandar os contos de que nos fala em sua carta de 1 de junho. Se forem publicados continuarão seus os plenos direitos autorais, podendo publicá-los em livro, futuramente. Esta Revista não compra os direitos autorais, ao divulgar os contos em suas páginas, e a remuneração é a título de estímulo, apenas.

S. V. da S. (Salvador, Bahia) — Seu conto, "A Sorte", deixa de ser aproveitado porque encerra um tema fora da lei, qual seja o de adotar a liberdade de jôgo de azar em nosso país. Além disso, pelo ambiente em que se desenrola a história, há cenas escabrosas, casos que a decência manda arquivar. Mude, amigo, de rumo. Não dá "sorte" aqui...

Maria das Dores (Rio) — Não está mau o seu conto. Mas, porque não procura ler bons autores contistas e orientar-se na técnica dêsse gênero literário? Não basta escrever, não basta contar uma história. E' preciso "descrever", empregar imagens de efeito, antíteses, metáforas, comparações que emocionem, em estilo harmonioso, que tanto bem faz ao ouvido e à alma de quem lê e ouve. Continue.

Respostas ao teste

1—Cuneiforme
2—A invenção da escrita
3—A de guarda-livros
4—Estribaria de ensino
5—Em blocos de pedra
6—Do «Livro dos Mortos» (Egito)
7—Champollion
8—O padre Anchieta
9—Gregório de Mattos
10—Gonçalves Dias
11—Numa fazenda próxima à cidade de Caxias
12—Da ilha de Chipre
13—Nefretiti (Rainha do Egito, mulher de Aquenaton)
14—A «Vênus de Milo»
1[illegible]—O Partenon de Atenas
17—Jogado ao Mar Negro, atado a uma âncora
18—A catedral de S. Pedro, em Roma
19—A cúpula da basílica do Vaticano
20—A côr das rosas.

CRÔNICAS DE PULADOR

O Circo

NA semana passada andou um circo em Pulador. Não sei se era de verdade, com palhaço, bichos, arquibancadas, pulgas e pipocas. As crianças disseram que sim. Só mesmo os bichos é que não apareceram. Disseram êles que havia um palhaço engraçado. Uma trapezista morena, que logo imaginei de longos cabelos e andar coleante. Dois rapazes, que eu mesma não fiquei sabendo para que serviam, e que passavam jogando no hotel, o dia todo e provando bebidas com estalinhos de língua. Um menino. Seis cachorros barulhentos. Duas barracas cinzentas. Uma velha gorda. E um cartaz branco-sujo, escrito com tinta azul e que servia para qualquer cidade. Era apenas um reclame, mas as crianças acharam que era um "grande" reclame, pois ficaram a meia hora do recreio namorando aquêle cartaz; namorando-o doidamente, em silêncio, e se falavam era com murmúrios, como se por trás do pano-sujo, esticado nos quatro sarrafos, estivesse, vibrando, o circo inteiro, pronto para tocar a música, erguer as cortinas, aparecer o palhaço virando cambalhotas e dando gargalhadas contagiosas, e a trapezista, parecendo um estranho pássaro, oscilando no ar o corpo delgado e moreno.



Nenhuma criança foi ao circo, mas nem por isso os meninos deixaram de levar para o colégio, no dia seguinte, uma exaltação nervosa e sorridente, como se houvessem visto o espetáculo inteiro. Só os filhos de Seu Atílio assistiram alguns números. E durante uma semana as rodas de criança se formaram em tôrno de Ivo e de Ênio, para escutar, fascinados, encantados, como se todos fôssem cobras e os dois meninos tocassem uma estranha melodia em suas flautas invisíveis. Ah! E durante esta semana tôda em que perdurou a influência do circo (Bem assim como se uma mulher elegante e cheirosa houvesse passado pela rua e deixado a sugestão de seu perfume estranho e raro bailando no pensamento dos homens) criança nenhuma aprendeu qualquer lição por mais simples que fôsse. Todos estavam no ar, com olhos perdidos. Como se sentissem um estranho perfume. E estivessem sonhando.

★

Um dia, terminadas as aulas, saindo da escola e levando uma fome louca para o hotel onde fazia as refeições, encontrei com a Trapezista na estrada. Um vestido de chita, colado ao corpo esguio, os cabelos caídos, lisos, espalhados nas costas magras, pés no chão, um chapéu de homem no alto da cabeça, meio atirado para trás como se ela o houvesse feito de propósito, só por atrevimento, para provocar olhares. Uma das mãos nas cadeiras e o outro braço arqueado para o alto, segurando, escorada no ombro, como se fôsse um cântaro, uma garrafa de bebida. Ao me ver ela corou. E atirou mais a cabeça para trás, mais atrevida, mais provocante, como se com êsse gesto pudesse esconder o rubor que eu enxerguei. E se foi, rumo às barracas cinzentas, e um côro de risos a acolheu.

Era um pouco exquisita, a Trapezista.

A viagem de ida



O ônibus, que o pessoal chama de "linha", sai da Rodoviária às sete e meia. Às vêzes a gente vai pior que queijo em cincho. E então há risadinhas, gritos, resmungos, e muita praga em italiano: — Porca miséria! Porca madona! — e o célebre "Hóstia!" — que parece viver na bôca do italiano colono. Tudo é "hóstia" para êle. O que é ruim e o que é bom. O amargo e o doce. Diz "hóstia" sorrindo, deliciado, ou em angústias, odiando, raivoso, ou como quem suspira com desafôgo, num ar beatífico, e até mesmo quando estala um cascudo na cabeça loura de algum filho mais rebelde. Mas, como dizia, quando o Linha sai repleto, os risos e os "hóstias" se cruzam no ar e se misturam à buzina, ao barulho do motor e ao rádio que o motorista liga para ouvir a infame hora esportiva de uma emissora qualquer. E tudo forma, dentro do Linha, uma dessas loucas sarabandas de cigano.

Mas, quase sempre êle vai folgado. Ontem, por exemplo, ia com meia lotação. Nos primeiros bancos havia uma porção de velhos bigodudos, bombachas, botas, poncho atirado sôbre os ombros e com meio cigarro de palha atrás da orelha. Todos quatro xingavam a madeira, seus preços, seus vendedores, seus compradores, suas sujeiras, suas bondades, enfim, tôdas essas coisas xingáveis. Depois vinha uma senhora, silenciosa, apagada, e tanto que não consegui gravar suas feições tímidas. Depois que ela sentou no banco, e pôs sôbre os joelhos uma sombrinha vermelha, petrificou. Não fêz gesto nenhum. Era como que uma múmia, mergulhada na imobilidade de séculos.

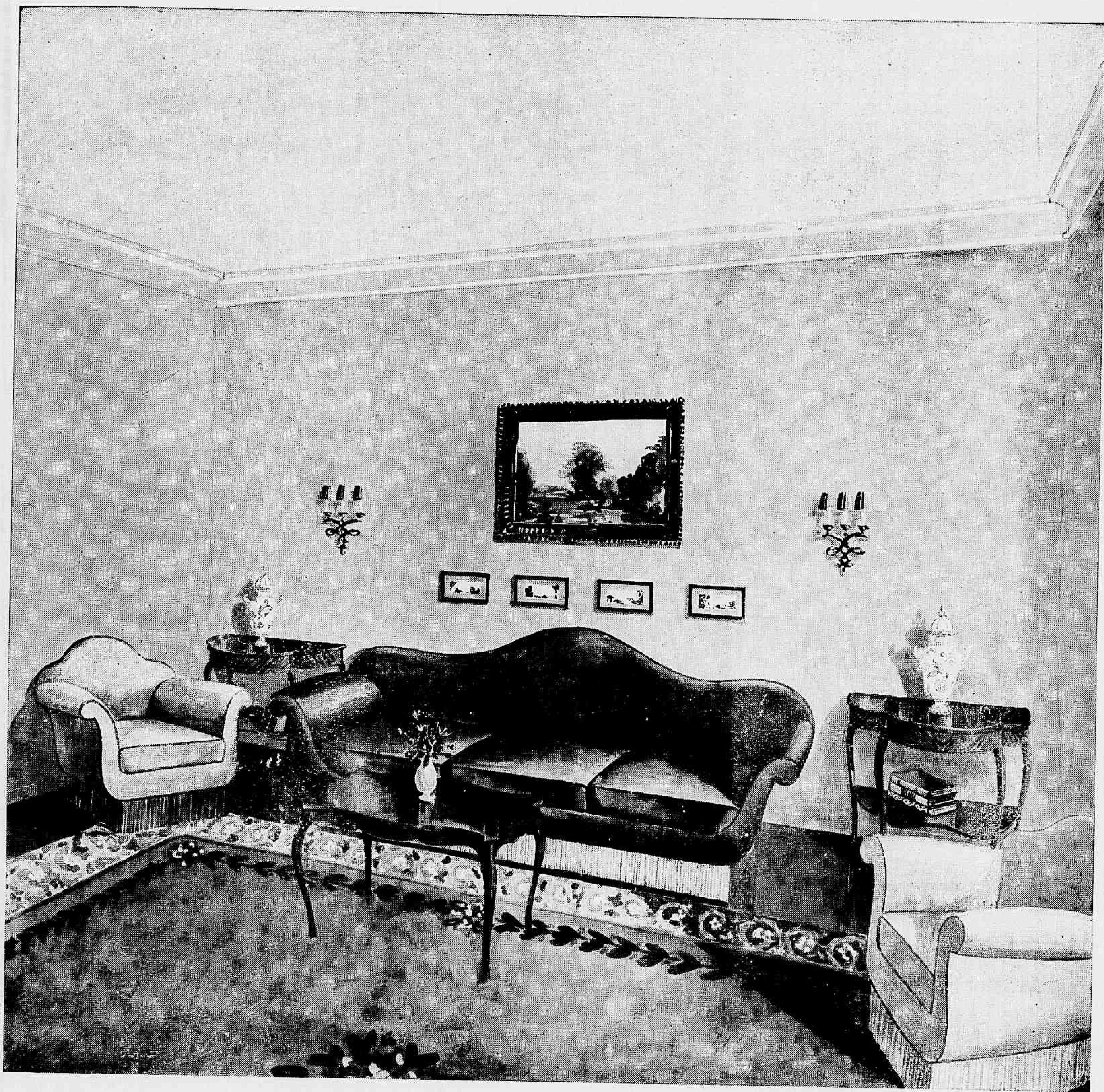
Na primeira parada entrou uma velha parecida com passa de pêssego. Uma bolsinha preta, daquelas de alça de corrente. E um guarda-chuva que não cabia em parte nenhuma. Entrou e atrás dela entraram um rapaz gordo, de dezoito anos, e uma menina morena e escorrupichada, de quinze. Cheiravam a noivado. Sentaram no último banco e ficaram cochichando. Da frente, a velha gritou: — João, bota a menina prá banda da janela! — e depois, como se explicasse para os passageiros: — E' prá mode o fôlego dela — e deu uma risadinha enrugada.

A velha reconheceu meio mundo. Entre os velhos de poncho encontrou um compadre e vizinho que tinha quinze filhos, criava porcos e tivera sarampo depois de velho. (A gente ficou sabendo dessas coisas porque, afinal de contas, ficava feio tapar os ouvidos). Bateu trela com todos e contou sua vida em Caràzinho, onde tivera as vizinhas mais infames que até em sua cuia de bocal de prata botaram o ôlho mais grosso que ela já vira na vida. Só com quem a velha não conseguiu conversar foi com a mulher petrificada no segundo banco. Quanto mais a passa de pêssego falava, mais ela se encaramujava. A velha estava ficando nervosa com a resistência da múmia e eu, ansiosa, queria ver até onde iria essa resistência, já que a minha, escudada num grosso livro de psicologia, fôra esfrangalhada em duas paletadas.

Quando a velha começou a contar a sua vida em Passo Fundo, eu, tristonhamente, desci em Pulador. Eram oito horas. O Linha se foi, embrulhado numa poeira grossa e vermelha. Dentro dêle, por certo, a velha passa de pêssego continuava lutando para arrancar qualquer movimento dos lábios da múmia.

THEREZA DE ALMEIDA

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Projeto e execução da CASA NUNES

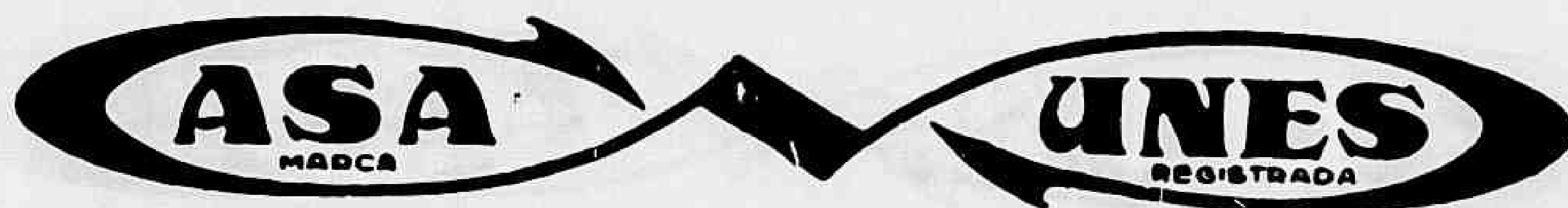
Grande sortimento de

Tapêtes e Passadeiras

de forração de tôdas as côres e dimensões

Grupos Estofados

— uma especialidade de nossas oficinas —

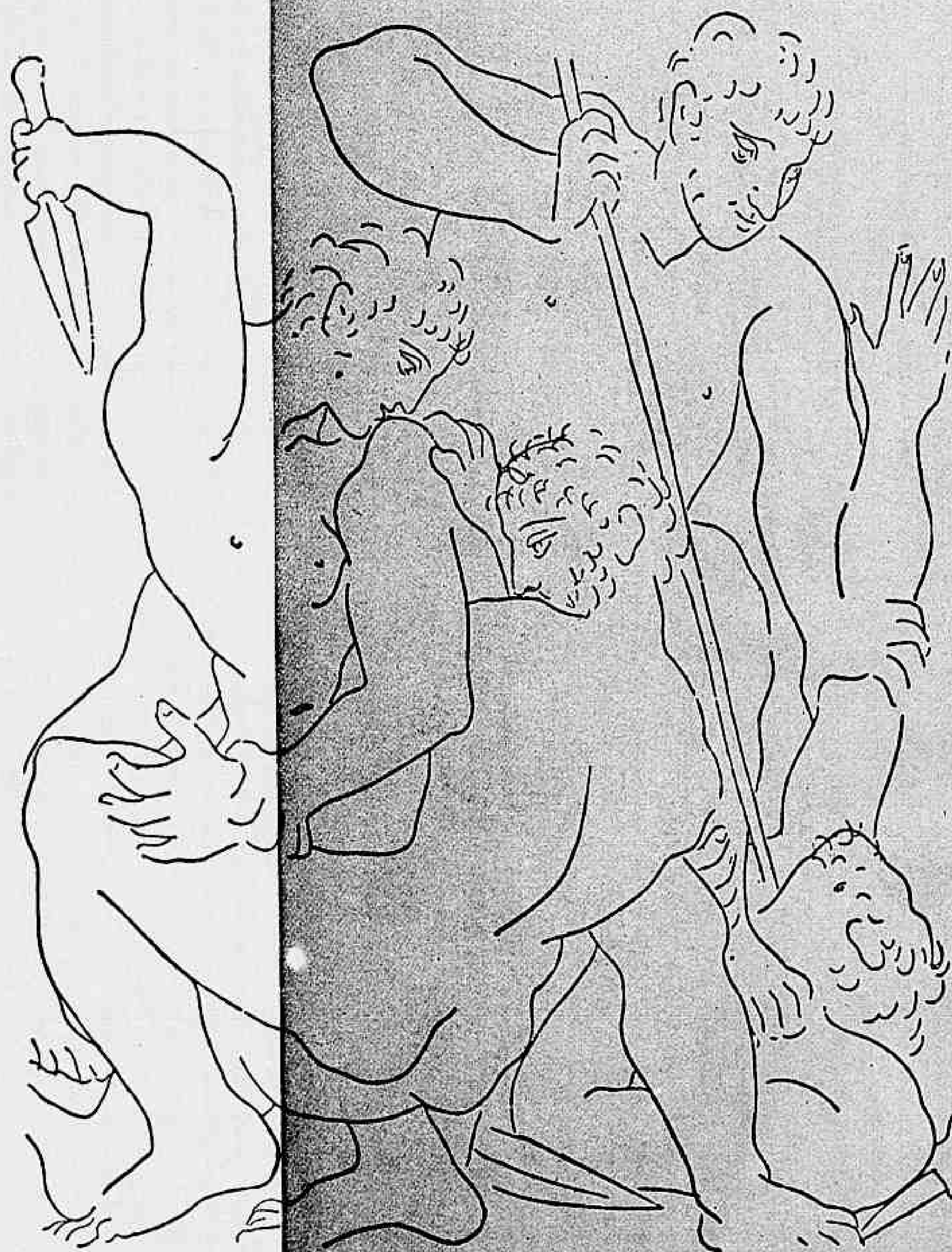


65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO

Os amantes da arte preferem Hollywood



VELASQUEZ, AUTO-RETRATO



PICASSO, AS METAMORFOSES

A quem sabe apreciar um Velasquez ou um Picasso, sòmente um bom cigarro satisfaz — Hollywood, mistura feliz de tabacos da mais alta classe. Hollywood conta hoje com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas. Você, como pessoa de bom gosto, não pode dispensar Hollywood!

cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.0/7